

8 Referências

ALBUQUERQUE, A de S. **A hora pedagógica e o desenvolvimento profissional de professores da EJA**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Pará/ UEPA. Belém, 2008.

ARROYO, M. G. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68. Campinas, p.143-162, 1999.

ALVES, M. T. & FRANCO, C. A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. In: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Tradução: Viamundi Idiomas; Cleusa Aguiar Brooke; Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 482-500, 2008.

BARRETO, E. A. **Mediações e produção de sentidos em políticas de currículo: os contextos de construção da política de ciclo na experiência da Escola Cabana (1997/2004)**. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2008.

BARRETTO, E. S. de S.; MITRULIS, E. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país. **Revista de Estudos Avançados**, n.42, 15 v., p. 105-142. S.Paulo: USP, 2001.

BASSANEZI, R. C. **Ensino-aprendizagem com modelagem Matemática: uma nova estratégia**. São Paulo: Contexto 2002.

BELÉM. Escola Cabana: construindo uma educação democrática e popular. **Cadernos de Educação**, n. 1, Secretaria Municipal de Educação, Out. 1999.

_____. Plano Plurianual. Prefeitura Municipal de Belém, 2006/2008. Belém, 2006.

BERTOLO, S. de J. N. **Formação continuada de professores no projeto Escola Cabana: contradições e contrariedades de um projeto centrado na escola**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG. Belo Horizonte, 2004.

BIEMBENGUT, M. S.; HEIN, N. **Modelagem matemática no ensino**. São Paulo: Contexto, 2000.

BONAMINO, A. M. C.; FRANCO JR., F. C. J.; A Pesquisa sobre Característica de Escolas Eficazes no Brasil: breve revisão dos principais achados e alguns problemas em aberto. **Revista Educação On-line**. (Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC/Rio), 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/7378/7378.PDF.XXvmi>. Acesso em: 20/05/2010.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Matemática. Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRESSOUX, P. As pesquisas sobre efeito-escola e efeito-professor. Tradução: Isabel Cristina Rabelo Gomes. Revisão da tradução: Elenice Fontoura de Paula. **Educação em Revista.** Belo horizonte, n. 38, p. 17-88, 2003.

BRITO, M.A.R. **Educação matemática, cultura amazônica e prática pedagógica:** à margem de um rio. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Pará- NPADC, Belém, 2008.

BURLAMAQUI, C. D. V. **Uma abordagem interacional e interdisciplinar para o ensino-aprendizagem do português no Ciclo Básico III da Escola Cabana.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar:** origens e trajetórias. Tradução: Viamundi Idiomas, Cleusa Aguiar Brooke; Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BRUNET, L. Clima de trabalho e eficácia da escola. In: NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

CARMO, L. F. do. **Ciclos escolares, escola cabana e temas geradores.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

CASTRO, S.M. V. **Representação social de ciência de estudantes do ensino fundamental da Rede Municipal de Belém.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Pará- NPADC, Belém, 2004.

CHARNAY, R. Aprendendo (com) a resolução de problemas. In: PARRA, C.; SAIZ, I. (Orgs.). **Didática da Matemática:** reflexões psicopedagógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COSTA, I. R. **A Formação continuada dos educadores do município de Belém (1993/1996):** o dito, o feito e o efeito. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. Piracicaba, 2000.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Traduzido por Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Ártemis, 2007.

CUNHA, E. R. **Práticas avaliativas bem sucedidas de professoras dos ciclos de formação da Escola Cabana de Belém.** Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

CURY, C. R. J. Livro didático como assistência ao estudante. **Revista Diálogo Educacional**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba: Champagnat, n. 26, 9 v., jan./abr., 2000.

DELGADO, R.A.C. **Um olhar epistemológico sobre a política de formação contínua docente da Escola Cabana**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará / UFPA. Belém, 2005.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

DESPOINTES, V. T. **Um estudo sobre a adoção da proposta dos ciclos básicos no município de Belém**: as representações de uma comunidade escolar. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

FERNANDES, C. de O. A escolaridade em ciclos: a escola sob uma nova lógica. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 5, n. 1243, jan./abr., 2005.

_____. Avaliação sem reprovação: elementos para o debate. In: FETZNER, A. R. (Org.). Avaliação: desejos, vozes, diálogo e processos. **Ciclos em Revista**, v. 4. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

_____. A implantação dos ciclos e o ofício de ser professor. In: DAVID; DOMINICK (Orgs.). **Ciclos escolares e formação de professores**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

FERREIRA, D. L. **Políticas de formação docente do projeto Escola Cabana**: dilemas e desafios da implantação do programa de formação continuada. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Pará / UFPA. Belém, 2005.

FREITAS, L. C. Ciclos de progressão continuada: vermelho para as políticas públicas. **Eccos Revista Científica**. São Paulo, UNINOVE, v. 4, n. 1, p. 79-93, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 1999.

GOMES, C. A. Quinze anos de ciclos no ensino fundamental: um balanço das pesquisas sobre sua implantação. **Revista de Educação Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 25, jan./abr., 2004.

GUILHERME, C.C.F. **Práticas docentes no regime de progressão continuada**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.

HILL, M. M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. Lisboa: Edições Sílabo, Ltda, 2009.

HUETER, J.C.S.; BRAVO, J. A. F. **O ensino da Matemática: fundamentos teóricos e bases psicopedagógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JENCKS, C. Desigualdade no aproveitamento educacional. In: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Tradução: Viamundi Idiomas e Traduções; Cleusa Aguiar Brooke; Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 9-44, jan/jun. 2001.

KNOBLAUCH, A. **Ciclos de aprendizagem e avaliação de alunos: o que a prática revela**. Araraquara: JM Editora, 2004.

MAINARDES, J. **Origem e desenvolvimento da escola em ciclos no Brasil**. Trabalho apresentado na VI Jornada do HISTEDBR. Ponta Grossa: UEPG, 2005.

_____. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan/abr, 2006.

_____. A Pesquisa sobre a Política de Ciclo no Brasil: panorama e desafios. In: KRUG, A. R. F. (Org.). **Ciclos em revista: a construção de uma outra escola possível**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

MARCONDES, M.I.; TURA, M. de L. A Política de Ciclos e as Concepções Docentes sobre a Organização Escolar. **CDRom do XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, v.1, n.1, p.1-15, 2006 .

MELO, M. de L. **Políticas públicas em educação ambiental: a rede de unidade para o desenvolvimento sustentável em Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. Piracicaba, 1999.

MOREIRA, H ; CALEFFE, L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: Lamparina, 2008.

MOSTELLER, F. ; MOYNIHAN, D. P. Um relatório inovador. In: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Tradução: Viamundi Idiomas; Cleusa Aguiar Brooke; Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

OLIVEIRA, N. C. M. **A política educacional em Belém do Pará nos anos 80: os desafios da democratização**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. SP: 1996.

OLIVEIRA, N. C. M. **A política educacional no cotidiano escolar: um estudo mesoanalítico da organização escolar em Belém-PA**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. SP: 2000.

OLIVEIRA, A. T. C. C. **Saberes e práticas de professores que vão ensinar Matemática nos anos iniciais**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio, 2007.

PAIVA, M. A. A formação do professor que ensina Matemática: estudos e perspectivas a partir das investigações realizadas pelos pesquisadores do GT7 da SBEM. In: NACARATO, A. M.; PAIVA, M. A. (Orgs.). **Formação do professor que ensina Matemática: perspectivas e pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERRENOUD, P. **Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PINTO, M. C. B. V. **A escola cabana no município de Belém-PA (1997 – 2001): entre discursos e práticas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

RESQUE, M. S. **O Ensino de Ciências via tema gerador: desafios docentes na Escola Cabana**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Pará- NPADC, Belém, 2005.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para avaliação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SAMMONS, P. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Tradução: Viamundi Idiomas e Traduções; Cleusa Aguiar Brooke; Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, T. R. L. **Analizando a Escola Cabana em espaços e tempos reais**. Tese de (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SHULMAN, L. Ensino, Formação do Professor e reforma escolar. In: MOURA CASTRO, Cláudio de; CARNOY, Martins (Orgs.). **Como anda a reforma na América Latina?** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

SILVEIRA, M.R.R.D. **Caminhos feitos de água, conhecimento e cidadania: educação em ciências numa escola ribeirinha**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Pará- NPADC, Belém, 2007.

SILVERMAN, D. **Interpretações de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SLAVIN, R. E. **Salas de aula eficazes, escolas eficazes: uma base de pesquisa para a reforma da educação na América Latina**. Tradução de Paulo Martins Garchet. Rio de Janeiro: Programa de Reforma na América Latina e Caribe, 1996.

SOUSA, C. M. P. de. **A Escola Cabana em Belém:** a participação das profissionais no projeto político pedagógico da educação infantil. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica / PUC. São Paulo, 2004

SOUSA, I. A. **Escola cabana:** o olhar dos gestores sobre o percurso da política educacional em construção no município de Belém/PA. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SOUZA, E. G. **Modelagem Matemática no contexto dos ciclos de formação.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Pará- NPADC, Belém, 2007.

TORECILLA, F.J.M. Um panorama da pesquisa Ibero-americana sobre a eficácia escolar. In: BROOKE, N. & SOARES, J. F. (orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar:** origens e trajetórias. Tradução: Viamundi Idiomas; Cleusa Aguiar Brooke; Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

TURA, M. L.R. A observação do cotidiano escolar. In: VILELA, R.A *et al.* **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação.RJ:DP&A, 2003.

VARIZO, Z. C. Os caminhos da didática e sua relação com a formação de professores de Matemática. In: NACARATO, A. M.; PAIVA M. A. V. *et al.* **Formação do professor que ensina Matemática:** perspectivas e pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VASCONCELLOS, Celso. **Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico:** elementos metodológicos para a elaboração e realização. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2005. (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 1).

VENTURA, A. **Luc Brunet.** Disponível em: <http://www2.dce.ua.pt/docentes/ventura/ficheiros/documpdf/Luc%20brunet.pdf>, 2008. Acesso em: 02/06/2010.

VIANNA, H.M. **Pesquisa em educação: a observação.** Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

WACHOWICZ, L. A. Uma inversão didática nos cursos de pós-graduação. **Revista Diálogo Educacional.** Curitiba: Champangnat, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v.9, n. 26, jan./abr, 2009.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência práticas de pesquisa. In: VILELA, R.A. e outros. **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. RJ: DP&A, 2003.

APÊNDICE A - Entrevista 1

Esta entrevista faz parte de uma das etapas da coleta de informações de “Um estudo da prática pedagógica de professores de Matemática do IV ciclo da Rede Municipal de Belém”, de responsabilidade da pesquisadora Maria de Lourdes Santos Melo, professora da Universidade do Estado do Pará. Foi realizada no dia 02/07/de 2009, na sala de informática da escola, com a professora de Matemática da escola do turno da manhã, que trabalha com os III e IV ciclos. Por questões éticas, a professora terá sua verdadeira identidade preservada sendo-lhe atribuído o nome de Sílvia.

ENTREVISTADORA: Qual a sua idade?

SÍLVIA: Eu tenho 37.

ENTREVISTADORA: Onde você fez sua graduação?

SÍLVIA: Eu concluí na UEPA.

ENTREVISTADORA: Você fez algum curso de graduação além do curso de Matemática?

SÍLVIA: Não, graduação não. Só cursos de aperfeiçoamento, especialização na área, outra graduação não.

ENTREVISTADORA: Você fez curso de pós-graduação?

SÍLVIA: Sim, eu tenho um curso de especialização na área, eu sou especialista em Educação e Problemas Regionais, já vinculados ao ensino da Matemática para Jovens e Adultos.

ENTREVISTADORA: Você fez outros cursos de capacitação profissional na área de Educação?

SÍLVIA: Sim.

ENTREVISTADORA: Quais?

SÍLVIA: Foram cursos de aperfeiçoamento. Mas vinculados à questão da metodologia do ensino da Matemática.

ENTREVISTADORA: Quais as principais razões que levaram você a fazer o curso de Licenciatura em Matemática?

SÍLVIA: Eu acho que foi mais por uma situação assim de afinidade com por Matemática, não diria que foi questões de necessidade, e sim foi mais uma questão de afinidade.

ENTREVISTADORA: Ou seja, você sempre gostou de Matemática?

SÍLVIA: É... na minha adolescência eu tive uma reprovação em Matemática e por isso passei a estudar bastante, e nessa questão de estudar eu fui ganhando simpatia pela disciplina. E eu passei também a ensinar, dar aulas de reforço na minha casa mesmo, e daí a gente foi seguindo essa profissão.

ENTREVISTADORA: Além de professora, você exerce outra profissão?

SÍLVIA: Não.

ENTREVISTADORA: Há quanto tempo você trabalha no magistério?

SÍLVIA: Somando a minha experiência na Rede Particular e na Pública? ... Aproximadamente uns 17 anos.

ENTREVISTADORA: E na Rede Municipal?

SÍLVIA: Na municipal, está chegando mais ou menos perto de 13 anos.

ENTREVISTADORA: Você trabalha em que redes de ensino hoje?

SÍLVIA: Em duas, no caso, a Municipal e a Estadual.

ENTREVISTADORA: E nos níveis de ensino? Você trabalha no Fundamental...

SÍLVIA: E no Ensino Médio. Fundamental na Prefeitura e Ensino Médio na Estadual.

ENTREVISTADORA: Você sente diferença do trabalho entre uma rede e outra?

SÍLVIA: Há uma certa diferença porque na prefeitura nós temos o Ensino Fundamental, mas ele é... (hesitação) ... rodeado pelo processo do Ciclo.

ENTREVISTADORA: Hum... (esperando a professora concluir)

SÍLVIA: Enquanto que no Estado seria ainda aquele processo seriado, então a diferença está exatamente aí. Que são procedimentos diferenciados. Mas o nível de ensino, a pontuação... eu não vejo muita dificuldade de uma a outra. As mesmas dificuldades que os alunos do Estado têm, os alunos da Prefeitura também têm.

ENTREVISTADORA: Quais são seus planos ligados a sua vida profissional para os próximos anos? ... Como professora?

SÍLVIA: Bem, eu pretendo ...(reflexão) continuar ensinando nesse nível. Penso, às vezes, já há algum tempo, em fazer mais uma um curso de aperfeiçoamento dentro da minha área mesmo, aqueles temas transversais, já que a gente está vivendo aí um momento assim praticamente de projetos, não é? Daqui a alguns anos, nós vamos trabalhar com projetos. Então, eu penso em fazer algo assim nesse ramo da Etnomatemática.

ENTREVISTADORA: Legal. É... em relação ao seu trabalho como professora de forma geral, qual o seu nível de satisfação?

SÍLVIA: Eu diria que é razoável. Não consideraria mal, mas também eu não estou satisfeita.

ENTREVISTADORA: No caso das insatisfações elas se dão por que motivo?

SÍLVIA: Minhas insatisfações, elas estão mais assim vinculadas à questão da... na Prefeitura. Por quê? Por causa do próprio sistema que foi adotado. Esse sistema de Ciclo e que, muitas vezes, a gente, como professor, tem uma dificuldade em trabalhar. Por quê? Porque, às vezes, nós temos um pensamento que o plano de Ciclo, ele é um plano que deve ser uma avaliação continuada. Então, passa pela quantidade de alunos na sala, passa pelos recursos oferecidos pela própria Prefeitura aos professores e coordenadores, então, tudo isso vai apenas somando as dificuldades, então, é nesse sentido que eu me sinto insatisfeita.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, quais as duas qualidades mais importantes que um professor deve ter?

SÍLVIA: Olhe, eu acredito que tolerância, é uma coisa que eu sempre considero assim na minha vida profissional. Temos de ser o máximo possível tolerantes. E a outra característica seria amar o seu trabalho. No meu caso, gostar de ensinar Matemática.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, quais os três fatores que seriam fundamentais para a valorização do professor?

SÍLVIA: Olha, eu diria que o primeiro fator, nessa questão da valorização do professor, e que eu... (hesitação) talvez a minha fala até... venha a ser uma contradição em relação à fala da maioria dos professores. De uma forma geral, mas para mim o primeiro fator está exatamente no apoio que a família precisa dar. A valorização da família. Então, eu diria apoio da família, apoio da prefeitura enquanto estrutura para que o professor trabalhe e por último a questão do salário.

ENTREVISTADORA: Falando de prática pedagógica em escola ciclada. Então, há quanto tempo você trabalha na escola Alfa?

SÍLVIA: Eu trabalho desde 97. 97 foi o ano em que eu fiz o concurso e meses depois eu já comecei a trabalhar no anexo dessa escola que nós estamos aqui.

ENTREVISTADORA: E aí depois quando você passa para cá? Para esse prédio?

SÍLVIA: A partir de 2000.

ENTREVISTADORA: Você lembra quando começou o processo de organização das escolas em ciclo?

SÍLVIA: Olha... (dúvida).

ENTREVISTADORA: Mais ou menos...

SÍLVIA: Esse ano eu creio que já está fazendo o 5º ano, mais ou menos, que está nesse processo.

ENTREVISTADORA: Você participou desse processo? Se participou diga como?

SÍLVIA: Sim, eu lembro de eu ter participado, mesmo porque nós fomos assim... intimados a participar. A participar das reuniões, não é? Mas, não no sentido de... de... nos fazer participantes do processo de formação, mas apenas para nos informar e nos dar condições de adaptação ao processo que já tinha sido definido pela prefeitura.

ENTREVISTADORA: Você considera o sistema de organização escolar em ciclo uma boa opção para superar as dificuldades de aprendizagem, especialmente em Matemática, dos alunos das escolas públicas?

SÍLVIA: Olha... pelo que eu me lembre desses momentos de reuniões pedagógicas... (refletindo). Essas reuniões, com a situação assim, principalmente dos professores, eu lembro que o projeto, ele é um projeto assim interessante, o Projeto Cabano, como ele é conhecido. É um projeto que, se de fato, ele fosse aplicado da maneira como pensado no papel, realmente seria um avanço muito grande para aprendizagem, principalmente da Matemática. Só que da maneira como está e da maneira como nós vivenciamos isso é que ele se perde. Porque pelo projeto, na verdade, dizia que nos deveríamos de ter no máximo de 25 a 30 alunos em sala de aula, que, na minha concepção, é um número ideal para que o professor possa ter condições de acompanhar os alunos. Acompanhar a aprendizagem de forma individual, porque o projeto, ele não trabalha de forma coletiva, ele trabalha, pelo menos ele propõe que o professor trabalhe individualmente com o aluno.

ENTREVISTADORA: Você acredita que o sistema de ciclo pode ajudar a diminuir a exclusão escolar? Por quê? Ou não acredita?

SÍLVIA: Pois é nesse sentido que eu estou te falando, o projeto por ele em si, ele poderia proporcionar todas essas situações: uma melhor aprendizagem, uma diminuição no nível de reprovação. No percentual de evasão escolar, enfim, ele poderia fazer isso, mas por que ele está comprometido? Porque não foram obedecidos alguns requisitos para a implantação do projeto e um desses requisitos está exatamente na quantidade de alunos em sala. Então, uma turma grande como a que nós temos na 801, não é?

ENTREVISTADORA: É verdade!

SÍLVIA: Professora na 801, que você tem praticamente 40 alunos dentro de uma sala, de tal modo que logo que nós adentramos, nós ficamos pensando se a gente vai disputar cadeira com o aluno ou não... (risos).

ENTREVISTADORA: (risos).

SÍLVIA: É impossível você atender individualmente o aluno. Nessa perspectiva como fica o projeto dos ciclos? Num período de 90 minutos de aula, é impossível fazer muita coisa, não é?

ENTREVISTADORA: Verdade.

SÍLVIA: Então, nesse sentido que o projeto vai se perdendo.

ENTREVISTADORA: Você considera o sistema de organização escolar em ciclo uma opção para superar a dificuldade de aprendizagem dos alunos das escolas públicas?

SÍLVIA: Olha, eu acho que... essa questão de superar dificuldades, ela não está apenas na questão da escola. Eu creio que a família, ela tem se mostrado assim, um pouco negligente nessa questão assim de ajudar a superar. Porque eu observo o seguinte, que mesmo com as dificuldades que a escola pública tem, mesmo com as situações que a gente sabe aí que são quase que inacreditáveis dos professores darem boas aulas e dos alunos aprenderem, a gente observa que quando a família investe no aluno, ou ela se preocupa o mínimo que seja com a aprendizagem da criança há resultados. A gente observa isso claramente. São alunos que se destacam de uma hora para outra, por quê? Porque houve ali a atenção da família com o aprendizado dele, houve ali uma cobrança da família com o aprendizado dele. Então, essa questão assim de dizer que o aluno avançar dependendo única e exclusivamente da escola, é um pouco assim, querer demais, tu não achas? Fica um pouco limitado, porque na verdade é um conjunto, completo. Família e a escola.

ENTREVISTADORA: Você considera o ensino de Matemática da escola ciclada mais eficiente que o da seriada?

SÍLVIA: Olha, a questão da escola seriada é isso aqui. Eu posso fazer um parâmetro porque eu vivi nos dois momentos daqui da escola Alfa. Vamos fechar um pouquinho aqui na escola. Eu vivi o primeiro momento que era a série e agora estou vivendo o período de ciclo, não é? E, fazendo a comparação da aprendizagem dos alunos da época, com os alunos de hoje, e com a minha própria prática daquela época para as práticas atuais, eu percebo o seguinte, que naquela época, nós tínhamos mais condições de trabalhar com os alunos.

ENTREVISTADORA: Hum! Por quê?.

SÍLVIA: Porque antes os alunos tinham uma preocupação de sempre estudar para tirar uma nota “x”, porque eles tinham na cabeça que a nota “y” era baixa, era vermelha, e a nota “x” era nota azul, então eles não iam passar. Mesmo os pais têm essa preocupação com nota e não têm a compreensão dessa nova forma de avaliar. Tanto é que quando nós temos o conselho de ciclo que é aquele momento avaliativo onde se reúnem professores, pais, orientação pedagógica e até alunos ainda tem aqueles pais que perguntam para a gente, professora, de fato quanto foi que o meu filho tirou? Então ele quer saber a nota, se o filho tirou 3, tirou 2, tirou 4, se foi 5, não é? E quando nós dizemos para ele “não, olha, não é mais nota, é um conceito, é um conceito que está sendo trabalhado durante o ano”, mesmo

assim ele não compreende. Então, se os pais não compreendem, imagine você as crianças? Não é mesmo?

ENTREVISTADORA: É.

SÍLVIA: De 5ª à 8ª série. Então, é aquela situação difícil. Hoje nós estamos vivendo momentos em que eles mesmos se perdem. Apesar de que a gente sempre está falando “gente é conceito, vão estudar, vamos nos preocupar, porque vocês estão sendo avaliados diariamente”. Na cabeça deles, eles só são avaliados naquele dia que o professor vai passar um teste para eles e não nos outros dias. Aí é que a situação se complica, não é? Eles mesmos se perdem no próprio andamento do processo.

ENTREVISTADORA: É como se eles ainda tivessem dificuldade de entender o processo de avaliação no ciclo, é? Mesmo estando vivenciado esse processo há bastante tempo?

SÍLVIA: Exatamente.

ENTREVISTADORA: Que elementos têm favorecido ou não a sua adaptação ao sistema de ciclo?

SÍLVIA: Olhe, eu particularmente, eu não tive assim muita dificuldade em me adaptar nesse processo Cabano, que é o processo de avaliação continuada. Por quê? Porque antes eu já trabalhava praticamente com ele. Eu nunca fui uma professora de passar um único instrumento avaliativo, fechando aquela nota em 10 pontos. Eu sempre procurei fazer com que eles entendessem que a participação, a frequência, os pré-testes, os exercícios complementares, exercícios de fixação, tudo isso é a própria avaliação, que era tão temida antes. O aluno pagava até aula de reforço, porque tinha que fazer prova de Matemática. Eu nunca trabalhei com apenas a prova como instrumento avaliativo. Então, a minha situação particular foi bastante fácil e tranquila porque eu já tinha essa concepção.

ENTREVISTADORA: Que aspectos você destacaria como relevantes e positivos para o seu trabalho de ensinar e para a aprendizagem dos seus alunos no Ciclo? Destaque os aspectos.

SÍLVIA: Eu posso destacar um aspecto assim que a gente tem observado já há alguns anos que é justamente de o professor acompanhar o aluno dentro daquele ciclo.

ENTREVISTADORA: Hum... interessante.

SÍLVIA: Então, por exemplo, nós estamos trabalhando aqui, a turma em foco é a turma 801, que seria o 2º ano do CB4 e eu fui professora deles do 1º ano do CB4, isto é, a 7ª. Então eu vejo isso um ponto positivo no ciclo, porque o professor, ele acompanha os alunos, o que no processo seriado, nem sempre, era assim.

ENTREVISTADORA: Hum... Agora que aspectos você destacaria como entraves ou pontos negativos para o seu trabalho de ensinar e para a aprendizagem dos seus alunos no ciclo?

SÍLVIA: Bem, o aspecto negativo, agora seria o negativo? (ar de dúvida)

ENTREVISTADORA: É... entraves.

SÍLVIA: O aspecto negativo que eu resalto assim é justamente a possibilidade de o aluno avançar tendo sido retido naquela disciplina. Porque no seriado, ele levava o aluno à reprovação em uma disciplina.

ENTREVISTADORA: Hum... (ouvindo)

SÍLVIA: Se ele ficasse reprovado em Matemática, não importaria se ele tivesse passado nas outras. Pelo menos na prefeitura, ele ia repetir o ano, o que não acontece no Estado, que no Estado nós temos o processo de dependência, que o aluno, ele pode avançar, mas ele fica em dependência naquela disciplina. Na Prefeitura, no sentido seriado, ele ficava reprovado mesmo. E hoje, o que é que acontece hoje? Hoje, por exemplo, um aluno que fica reprovado em Matemática, mas passa em Ciências e nas outras disciplinas, ele não fica com restrições naquela disciplina. Então, por exemplo, hoje, na turma 801, nós temos alunos que ficaram reprovados em Matemática, mas que avançaram e estão hoje no 2º ano, isso é na 8ª série.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguardando a professora concluir)

SÍLVIA: Mas quer saber por que eles não ficaram reprovados em Matemática? É por que eles fecharam nas áreas de conhecimento.

ENTREVISTADORA: E não na disciplina?

SÍLVIA: E não na disciplina. Então Matemática e Ciências fecham uma área do conhecimento, se ele passa em uma, mas fica na outra, e passando nas outras ele avança.

ENTREVISTADORA: Ok.

SÍLVIA: Então esse que é o processo negativo.

ENTREVISTADORA: Na escola, existe ou já existiu estímulo ao professor a realizar sua prática dentro de algum enfoque metodológico que favoreça o trabalho docente por ciclo de aprendizagem? No que consiste esse método? Ou seja, alguma equipe pedagógica já chegou a discutir com vocês algum método específico para esse dos ciclos?

SÍLVIA: Logo no início sim. Eu lembro que logo no início, foi tentado realizar algo parecido aproveitando as nossas horas pedagógicas que é a HP. E... dentro desse tempo nós nos reuníamos por área de conhecimento. No caso particular, Matemática e Ciências. Aí, nós é que estávamos ali planejando o que nós íamos

fazer, mas isso com o tempo foi se perdendo devido a própria é...(hesitação) falta de tempo do próprio professor mesmo.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguardando a professora concluir)

SÍLVIA: De se reunir, de se discutir. Então acabou ficando apenas o planejamento do conteúdo pelo conteúdo e não de métodos de aplicação.

ENTREVISTADORA: O que faz a escola para assegurar a realização de práticas pedagógicas dentro do modelo de ciclo?

SÍLVIA: Pois é ? Eu penso assim, que atualmente (reflexão) nada.

ENTREVISTADORA: Nada?

SÍLVIA: Atualmente... dentro do conceito do Projeto Cabano, não se tem tantas aplicações. A não ser a das próprias atividades paralelas que a escola tem como festas, comemorações... Isso faz parte do próprio projeto, não é?

ENTREVISTADORA: Você tem algum tipo de apoio da equipe pedagógica? Coordenação, direção ou cursos para o desenvolvimento positivo do trabalho?

SÍLVIA: Olha, eu diria até que dentro do possível sim. Pelo menos todas as vezes que eu solicito um material, eu solicito uma aula extra a ser dada no dia de sábado, alguma coisa assim referente, eu sou atendida dentro do possível sim. Agora, eu compreendo também que eles mesmos (referindo-se à equipe pedagógica) estão um tanto que perdidos nesse processo de ciclo.

ENTREVISTADORA: Eles, você fala a coordenação?

SÍLVIA: A coordenação. A equipe da coordenação. Porque enquanto que nós professores, que lidamos diretamente com o aluno, nós nos perdemos, imagine você os que estão ali pela circunvizinhança, digamos assim, aparando as arestas.

ENTREVISTADORA: A coordenação pedagógica estimula o trabalho cooperativo, a troca de experiências entre os pares e a reflexão sobre a própria prática? Se sim, dê exemplo de situações em que isso aconteceu na escola este ano.

SÍLVIA: Olha, a gente vê isto mais nas reuniões, na culminância, não é? que são os conselhos de ciclo. Aqui na escola nós temos três conselhos de ciclo, já houve o 1º no 1º semestre, agora teremos o próximo nesse semestre que vai se iniciar talvez no mês de setembro nós vamos ter outro e lá pelo final mesmo do ano no início de dezembro nós teremos o último conselho de ciclo. Aí nesse conselho que são reforçadas todas essas questões, informes. Incentivos para os pais, incentivo para os professores, orientações para os pais para que eles venham orientar os filhos para não trazerem, por exemplo, alguns tipos de equipamento eletrônico para as salas.

ENTREVISTADORA: A Rede Municipal ou a escola costuma promover cursos de formação continuada para os professores?

SÍLVIA: No momento, não.

ENTREVISTADORA: Quando tem, você participa? Qual o último que você fez?

SÍLVIA: Bem, dentro dessa questão aí do Projeto Cabano, do Ciclo, já tem algum tempo que eu não ouço falar a respeito. Aliás, a minha impressão é que a prefeitura já... entendeu que o projeto foi implantado e que não precisa mais ser revisto, não precisa mais ser comentado, não precisa mais ser avaliado. A impressão que eu tenho é essa. Mas, eu lembro de eu ter participado de um curso de aperfeiçoamento, eu posso dizer assim, que foi o ECOAR. Eu participei de dois módulos, mas foi um curso que foi mais direcionado à clientela de 1ª à 4ª. Devido à prefeitura ter uma quantidade de escolas bem maior nesse nível de que de 5ª à 8ª. Então... mas na questão da metodologia do ensino da Matemática para essa faixa etária não teve nada. Também não teve mais discussões, nem avaliações a respeito do Projeto, se está dando certo ou não, sabe? Nós também estamos um pouco alheios a essa situação.

ENTREVISTADORA: Atualmente, você se sente trabalhando em uma escola organizada por ciclo?

SÍLVIA: Não.

ENTREVISTADORA: Por quê?

SÍLVIA: Não, porque eu vejo assim que o Ciclo, não estaria apenas numa mudança da metodologia do professor, referente ao professor. Toda a escola, a estrutura da escola teria que ser mudada, desde a estrutura física das salas, não é? Até a quantidade de alunos teriam que ser diminuídas na formação das classes.

ENTREVISTADORA:É.

SÍLVIA: Nós teríamos que ter nas escolas laboratório de Matemática e não apenas laboratório de informática, mas teria que ter na escola laboratório de informática, laboratório de Ciências, por quê? Porque o projeto, o Projeto Cabano, ele se baseia muito mais em projetos. Na prática, é muito mais isso do que aquelas meras aulas expositivas. Então hoje eu me sinto, embora o título esteja escola ciclada, mas eu me sinto trabalhando em uma escola seriada. Por quê? Porque eu continuo dando aula para 40 alunos, onde no máximo que a gente pode humanamente atender dando melhor atenção são os 20 da frente, praticamente é isso não é? A gente não consegue ter certeza sobre a aprendizagem do aluno, se ele realmente está aprendendo, a não ser por alguns instrumentos avaliativos. Assim, como também, os encontros pedagógicos ainda são muito poucos. Então, por tudo isso e por muito mais é que eu me sinto trabalhando como há... (refletindo) 12 anos atrás no processo de série.

ENTREVISTADORA: Se você fosse secretária de Educação do município de Belém, você manteria o sistema de ciclos nas escolas ou retornaria ao sistema seriado? Ou sugeria outra forma? Ou outro sistema?

SÍLVIA: Eu sugeriria uma sequência de simpósios, sabe?

ENTREVISTADORA: Para quê?

SÍLVIA: Para se discutir e avaliar essa implantação do ciclo, porque eu acho que com tantos anos já, como eu falei, eu não tenho tanta certeza de como o ciclo realmente está, até porque nós já estamos por volta do 5º ano de implantação do Ciclo, a essa altura a comunidade, ela já tem uma avaliação. Porque sobre essa questão não é só você dizer “ah, houve mais aprovações, houve menos retenção”, a questão é o seguinte: “como esses alunos estão saindo das escolas”? Porque o que o que a gente observa é que eles saem assim como se fosse em fornadas, aos montes. Da mesma maneira como a gente pega alunos de 1ª à 4ª para se matricular na 5ª que não consegue escrever porque tem dificuldade na escrita e na leitura, da mesma forma os alunos que saem daqui muitas vezes não têm condições mínimas para enfrentar o ensino médio. Então é uma bola de neve.

ENTREVISTADORA: Você conhece seus alunos? Sabe um pouco de suas trajetórias escolares?

SÍLVIA: Não, porque é aquilo que eu estou dizendo. A nossa vivência, pelo menos com eles é de... (pensando) dois anos com eles. É um conhecimento desse período, tão somente.

ENTREVISTADORA: Que questões sociais você considera que mais afetam negativamente seus alunos?

SÍLVIA: Eu acho que a maioria deles, por incrível que pareça, eles têm assim... uma boa condição financeira. Eu diria até pela própria situação...

ENTREVISTADORA: Boa? (surpresa).

SÍLVIA: É. Eu diria até pela própria situação da vestimenta deles, os aparelhos eletrônicos que eles usam em sala de aula, enfim, a maneira deles de se apresentarem, entende? Então, eu observo assim que apesar da escola ser pública e estar situada aqui, ela atende vários bairros que estão assim numa situação de risco como Canudos, Guamá, esses bairros aqui mais próximos, como também o Jurunas. Alguns alunos vêm assim... de mais distante, mas a grande maioria deles não demonstra ter dificuldades financeiras muito grande. Agora eu observo o seguinte, que eles têm problema na questão de relacionamento familiar. Eu faço uma avaliação nesse sentido, eles não parecem ser alunos que têm problema no sentido assim... financeiro, dos pais não poderem comprar material, não poder comprar, nada disso. Isso daí não passa pela minha cabeça. Agora eu observo que alguns deles eles têm problema familiar de relacionamento. Por quê? Porque eles demonstram baixa autoestima. Eles demonstram aquela necessidade de chamar atenção, principalmente do professor, uns demonstram agressividade, que a gente vê que é uma agressividade que vem com raiz de família. Então, tudo isso a gente

consegue observar. Nesses pontos aqui é que com certeza somam na aprendizagem deles, ou na má aprendizagem deles.

ENTREVISTADORA: É, eu também percebi isso da aparência dos alunos.

ENTREVISTADORA: Como você classificaria essa turma considerando os seguintes quesitos: nível de interesse da nossa turma? Interesse na aprendizagem?

ROFESSORA: Olha, eu... diria que... razoável.

ENTREVISTADORA: Razoável, é?

SÍLVIA: É, razoável sim.

ENTREVISTADORA: Certo. O nível de participação da turma nas nossas aulas?

SÍLVIA: Pois é, a participação, aí é que está a questão. Devido à turma ser uma turma assim... é de um número, no meu entender, expressivo, eu diria que a grande maioria tem pouca participação. Eu diria assim uma participação razoável. Mas, também com aquela quantidade de alunos em sala fica difícil até eles chegarem perto de mim, individualmente, para perguntar e tirar as dúvidas. Dizer se estão aprendendo? De um modo geral eles já têm uma participação insuficiente. Por quê? Porque eles não têm assim aquele acesso...

ENTREVISTADORA: Entendi.

SÍLVIA: E nós também, enquanto professores, nós não temos aquele acesso de chegar com eles e dizer “olha, como está?” Por quê? Porque nos falta muitas vezes o tempo. O tempo é consumido na aula. Esse tempo escasso de aula é que muitas vezes nos prejudica para atender essa quantidade de alunos neste nível mais individualizado, cadeira por cadeira.

ENTREVISTADORA: Nível de comportamento? Questão disciplinar na sala, qual é a sua avaliação da turma?

SÍLVIA: Eu diria que razoável também. Eles, eu... penso que muitas das coisas que eles fazem é porque eles estão na fase da adolescência, fase que nós já passamos, a gente sabe como é?

ENTREVISTADORA: Os hormônios...

SÍLVIA: ... que é uma fase assim difícil. Mas, eu enquanto professora relevo muito essa questão, por quê? Porque eu observo que muito das situações que eles fazem ali, está vinculado àquilo que eu acabei de falar. É baixa autoestima, é devido querer chamar atenção, principalmente do professor.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguardando a professora concluir)

SÍLVIA: É aquela agressividade que já vem de família. Então são situações assim que eu percebo que muita vezes a palavra torta, a boca torta, muitas vezes, eles não estão falando fazendo isso para a gente enquanto professor. Mas eles estão fazendo assim para se impor, impor na turma, como te dizendo, como dizendo “olha, não me toca, porque eu sou do mal”, não é?

ENTREVISTADORA: Hum... (pausa)

SÍLVIA: E eu percebo isso, principalmente nos meninos.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguardando a professora concluir)

SÍLVIA: “Não me trisca, porque eu sou do mal”. E nas meninas “não me trisca, porque eu choro”.

ENTREVISTADORA: (risos)

SÍLVIA: (risos)... Então é aquela situação, é uma reclamação que ninguém pode nem pegar no caderno, principalmente das meninas.

ENTREVISTADORA: Sobre o nível de conhecimento matemático adquirido em outros ciclos, que eles trouxeram.

SÍLVIA: CB3, no caso, não é?

ENTREVISTADORA: CB3.

SÍLVIA: Olha, eu avalio assim que é razoável. Eles poderiam ter aprendido um pouquinho melhor no ciclo passado, mas também eu não posso nem... não posso também ficar aqui julgando. Porque se já é difícil dar aula para eles nesse nível que eles estão um pouquinho mais crescidos, imagina no outro?

ENTREVISTADORA: ... (escuta)

SÍLVIA: Eles se sentem adultos, mas na verdade não são, ainda são crianças. Mas eles se sentem adultos. Eles acham que eles só vão estudar quando eles quiserem, só vão fazer exercício quando eles quiserem, ninguém manda neles. Agora, imagine você, pegar uma turma de 5ª série com 40 alunos?

ENTREVISTADORA: Realmente.

SÍLVIA: Então, é eu penso assim que dentro do possível foi trabalhado o conteúdo e dentro da necessidade também, eles absorveram razoavelmente o conteúdo.

ENTREVISTADORA: A escola tem equipe de apoio para atendimento especial de aluno, tipo psicólogo, orientador?

SÍLVIA: Psicólogo não. O que, o que eu acredito que pode ocorrer é que quando há necessidade a gente pede ajuda da orientadora ou participa para os pais e aí

pode contar ou não com a compreensão deles. Eles aceitarem ou não o que nós notamos. Nós observamos e participamos para a coordenação e esta entra em contato com o setor da prefeitura que trabalha com isso.

ENTREVISTADORA: Os pais dos alunos comparecem às reuniões promovidas na escola?

SÍLVIA: Sim, desta turma com certeza.

ENTREVISTADORA: Maioria? Minoria?

SÍLVIA: Praticamente todos.

ENTREVISTADORA: Que bom!

SÍLVIA: Praticamente todos. Você não participou ainda de nenhum conselho, não?

ENTREVISTADORA: O último que aconteceu eu perdi. Foi na época da greve de ônibus e também da greve dos professores então eu achei que não aconteceria.

SÍLVIA: ah, está. Foi isso mesmo.

SÍLVIA: Mas sobre os pais eles participam, e não somente os pais, os próprios alunos também vêm. Embora eles não possam entrar na sala, porque não tem espaço para todos, aí, eles ficam todos do lado de fora olhando.

ENTREVISTADORA: E eles vêm?

SÍLVIA: Vêm mesmo não cabendo na sala.

ENTREVISTADORA: A escola não tem auditório?

SÍLVIA: Aqui não tem o auditório, se tivesse daria para todo mundo entrar, não é? Mas aí o que acontece, a gente prioriza a entrada dos pais. Mas eles ficam do lado de fora. Só espiando para ver o que é que vai ser dito... (risos)

ENTREVISTADORA: (risos) Sobre eles...

SÍLVIA: O que vai ser dito sobre eles, se eles vão apanhar quando chegar em casa ou não...

ENTREVISTADORA: Oh, meu Deus!!!! (risos)

SÍLVIA: (risos)

ENTREVISTADORA: Você acha que os pais de seus alunos participam da vida escolar dos filhos?

SÍLVIA: Olha, eis aí a minha grande reclamação, porque a maioria não participa. Desta turma, eu posso contar nos dedos e você observa isso. Aqueles alunos que têm assim aquela participação além dos outros, ou seja, aqueles que conseguem um aprendizado além do nível dos outros, a gente já sabe que sempre estão envolvidos ou o pai ou a mãe ou o tio ou irmão...

ENTREVISTADORA: Mais ou menos, quantos alunos temos com esse perfil na nossa turma?

SÍLVIA: Aquele pessoal que senta bem assim na frente, aquelas meninas que sentam bem ali na frente. Eu acredito que no máximo de 07 a 08 somente. Então a gente observa assim por quê? Porque eles fazem exercício, eles trazem os trabalhos que a gente solicita. E eles se interessam mais pelas aulas de uma forma mais participativa.

ENTREVISTADORA: Isso. É... sobre os grupos na sala?

SÍLVIA: Hum... (pausa)

ENTREVISTADORA: Então como você classificaria os grupos que eu chamo de ilhas lá da sala? Como você os caracteriza? Você consegue perceber mais ou menos quantos grupos são e quais são as características deles?

SÍLVIA: É... assim, a turma é uma turma que, muitos deles, já vêm unidos praticamente desde a 5ª série. Desde o 1º ano do CB3, já vem com essa mesma formação, não é? Então os grupos que você vê na sala, já são grupos que estão juntos há 4 anos.

ENTREVISTADORA: Interessante.

SÍLVIA: Com poucas exceções, não é? A gente observa assim que aqueles que ficam assim isolados é porque já entraram na turma no decorrer do ano.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Mas aqueles que vieram desde a 5ª série juntos, eles vêm com esses grupos certinhos. Então, você identifica claramente o grupo das patricinhas.... (risos). Você sabe disso, não é?

ENTREVISTADORA: (risos) Sim.

SÍLVIA: Aquelas meninas que gostam de se maquiar durante as aulas, que a gente chama atenção.

ENTREVISTADORA: (risos) Sim.

SÍLVIA: Eu até brinco com elas que o meu armário está para explodir de tanto pó compacto que eu ... (hesitação)...

ENTREVISTADORA: Confiscou...

SÍLVIA: Isso. Confisquei de alunas. Então, tem o grupo das patricinhas, você tem o grupo daquele meninos assim que... são os rebeldes, digamos assim. Tem os que gostam de ostentar poder com as tecnologias como celular moderno, *i-pod*, mp3... é tanta coisa que esse pessoal traz para sala de aula, aquele grupinho. E tem também aquele grupinho rebelde, são os mesmos grupos que “não me trisca que se não eu sou do mal, eu brigo, eu mordo.”(risos)

ENTREVISTADORA: (risos)

SÍLVIA: E tem também o grupo daqueles meninos, assim dos CDFs. Eu observo. Alguns que ficam ali de cabeça baixa, fazendo exercício. Eles não conversam com ninguém, mas não querem que ninguém cole deles também. É aquele pessoal assim... (lembrando)... E tem também aquelas situações assim daquelas pessoas que se isolam. Eu diria até que são aqueles alunos assim do tipo “eu não sou social, eu não gosto dessa turma, mas eu tento estudar Matemática porque é o jeito. Então eu não gosto de Matemática, eu não gosto da professora, eu não gosto da turma, eu não gosto de ninguém, eu não gosto de mim”.

ENTREVISTADORA: Nem da escola...

SÍLVIA: Nem da escola. Então são esses grupos assim que a gente observa.

ENTREVISTADORA: A partir de qual objetivo você propõe atividade de grupo?

SÍLVIA: Pois é, essa atividade de grupo normalmente a gente aproveita essa afinidade que eles já têm. Por quê? Porque eu penso assim, se a gente for desfazer esses grupos pode não ser bom. Eles já estão assim unidos há tanto tempo, que é melhor até a gente aproveitar a própria formação deles, do que desfazer os grupos.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Então eu proponho atividade em grupos assim poucas vezes. Para falar a verdade, a atividade que eu faço é mais individual. Eu passo exercícios para eles de forma individual. As provas deles são todas individuais. Mas, de vez em quando assim, só para quebrar o gelo, eu passo um exercício em grupo de 3, grupo de 4. E aí como sempre, quem é que eles vão procurar? Aqueles grupos com que eles se identificam, não é?

ENTREVISTADORA: Certo. Então... você já respondeu essa questão que seria sobre quais os critérios que você usa para organizar os alunos em grupo.

SÍLVIA: É, eu aproveito os grupos que já existem.

ENTREVISTADORA: E que outras metodologias você usa com os meninos, tipo jogos ou atividade para dar aula de Matemática?

SÍLVIA: Olha... (pausa), bem que eu gostaria de trabalhar com... jogos, não é? Eu gostaria de trabalhar com eles com situações assim de dama, de xadrez, que é um assunto que eu amo...

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Amo de montão. Eu lembro de ter feito um curso que envolvia esse tipo de prática. Mas, infelizmente, não dá para gente fazer, por quê? Por causa do próprio tempo que a gente tem e da falta de espaço na sala.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Normalmente eu tenho apenas uma aula, 45 minutos com eles. Quando eu tenho duas com eles, é duas que é interrompido pelo intervalo, não é? Então a gente fica assim, praticamente trabalhando com as nossas aulas no sentido assim expositivo. Mas dentro do possível, eu tento assim instigá-los a brincar com a Matemática.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Daí é que às vezes nas aulas... assim, fazendo algum exercício, alguma formação de alguma equação, eu sempre digo para eles “olha, coloca a primeira letra do teu nome, brinca com a Matemática, porque quem tem inteligência é você, você pode manipular a Matemática, não é ela que te manipula”, então eu sempre jogo a brincadeira dentro do conteúdo. Mas a bem da verdade eu gostaria que eles de fato pegassem com a mão na massa, sabe, estudassem mesmo.

ENTREVISTADORA: Entendo...

SÍLVIA: Mas, infelizmente isso não acontece com a maioria.

ENTREVISTADORA: Você tem problema de indisciplina? Como você lida com a indisciplina na sala de aula?

SÍLVIA: Não... (pensa) não tenho. A indisciplina que eu vejo ali, não é propriamente uma indisciplina... assim, para nos tirar assim do sério. Como eu já ouvi histórias de professores, inclusive aqui mesmo na escola, no turno da noite. Logo que eu iniciei aqui nesse prédio, eu dei aula à noite. Eu passei uns bons anos aqui dando aula à noite e de manhã. Então aqui na escola, há pouco tempo, eu soube de um fato, infelizmente, que um aluno jogou uma cadeira dessa de ferro na professora.

ENTREVISTADORA: E o que aconteceu?

SÍLVIA: Hoje a professora nem está mais aqui na escola. O aluno foi expulso, quer dizer, esse tipo de comportamento, esse tipo de indisciplina, nós não temos. Agora, o que nós temos é aquela conversa, aquela coisa assim... (risos) “de alunos fazendo barulho parece filho de periquito no ninho fazendo aquela barulheira. Aí de vez em quando a gente tem que dar um grito para eles calarem, não é?”

ENTREVISTADORA: (risos).

SÍLVIA: Mas isso não são coisas agressivas não, eu entendo assim que até mesmo do próprio momento que eles estão ali, querendo namoro, querendo trocar

mensagem, aquela confusão toda, é uma necessidade deles e aí a gente vai conversando, não é? No momento que precisa ser enérgica eu sou enérgica mas uma coisa eu tenho comigo, eu jamais tiro aluno de sala de aula. Eu não tenho essa prática. Eu chamo atenção como uma vez você já me viu na sala, assim... bastante irritada na sala de aula. Aí, chamo atenção, eu digo para eles que eles estão no último ano do Ensino Fundamental deles, e que eles vão pegar barra aí na frente em outras escolas. Então, nesse sentido é que eu não os tiro da sala de aula. Porque eu já observei que para o aluno que tem problema de disciplina, sair da sala de aula é um prêmio. Eu observo isso. Aliás, eles fazem até de tudo para sair de sala de aula, ou seja, aqueles alunos que têm problema de disciplina. Na 801, não tenho nenhum aluno assim, problemático. Mas, nas outras turmas, tipo na 6ª série, 5ª série, tem alguns casos bastante conhecidos, que a gente observa que são alunos que não vêm para sala de aula para estudar, eles vêm para a sala de aula para bagunçar literalmente. Eles têm esse perfil de bagunçar. Às vezes são alunos que inclusive já passaram até pelo Conselho Tutelar, entendeu? Existem registros deles no Conselho Tutelar. Então, para ele sair da sala de aula é prêmio. E é por isso que eu não tiro da sala de aula entendeu?

ENTREVISTADORA: Trace um perfil geral de seus alunos da escola ciclada.

SÍLVIA: Um perfil geral?

ENTREVISTADORA: Sim.

SÍLVIA: Eu diria que... (reflexão)... eles estão entrando assim em um processo, de eu avalio da seguinte maneira, eles têm o hábito de estudar apenas quando está próximo de um teste. Isso é um mau hábito.

ENTREVISTADORA: (escutando).

SÍLVIA: Eu considero um mau hábito. Porque o processo ciclado, ele é contínuo, é um processo para ser vivido no dia-a-dia. Então, se o aluno estudar apenas em sala de aula e quando estiver próximo dos testes, ele não vai se sair bem. Por quê? Porque aquele teste muitas vezes vai valer apenas 0,5 ponto, 1,0 ponto. Porque todas as outras pontuações no final vão ser convertidas no conceito. São considerados conceitos, como: excelente, bom, regular, insuficiente e sem rendimento. Esses já vêm sendo somados desde o início. São considerados participação, frequência, mas... que dizer.... eles só se preocupam quando veem pela frente o calendário das provas como culminância. Então esse é o perfil que eu faço dos alunos - independente de serem da 8ª ou de outra série- são todos alunos do ciclo. Eles ainda têm na cabeça o sistema seriado. Antigamente... lembra? Quando nós estudávamos, naquele tempo era prova. A gente tinha aquela preocupação grande de estudar na semana de prova, não é? Então a mesma coisa eles querem continuar fazendo. É incrível como eles ainda não criaram o hábito de estudar continuamente.

ENTREVISTADORA: Realmente isso é interessante. Eles são novos, mas incorporaram uma cultura escolar antiga.

SÍLVIA: É, eles não conseguem.

ENTREVISTADORA: Sobre a questão do planejamento anual da escola, você participa?

SÍLVIA: O planejamento anual? Sim, eu participo. Nós temos aqui uma semana de planejamento antes de começarmos os trabalhos. No início do ano nós temos uma semana onde nos reunimos por área de conhecimento e planejamos os conteúdo que vão ser ministrados e também as atividades paralelas que serão realizadas. Por exemplo, nesse sábado passado nós fizemos o simulado.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Foi um ato que foi planejado no início do ano. No próximo semestre haverá outro simulado. Isso tudo foi planejado...

ENTREVISTADORA: Todos os professores envolvidos?

SÍLVIA: Todos. São, todos estão envolvidos. Agora... há de se entender o seguinte, que nós planejamos no sentido das ideias. Planeja o que vai ser feito, mas não a metodologia a qual nós vamos aplicar. Isso fica livre para cada professor.

ENTREVISTADORA: E... você senta para preparar aulas? Em média quanto você leva para preparar suas?

SÍLVIA: Normalmente eu preparo, assim... (dúvida)... nos finais de semana. Por quê? Porque pela própria questão da falta de tempo. A gente trabalha durante a semana inteira, então só tem um tempo nos finais de semana para fazer isso. Temos o norte que foi estabelecido na semana pedagógica. Por exemplo, naquele bimestre, o que é que eu vou trabalhar?

SÍLVIA: Então, dentro daquele norte aí eu vou já trabalhando é... preparando aquelas aulas referentes àquele bimestre, e assim vai.

ENTREVISTADORA: Você utiliza a hora pedagógica para preparar material ou outros recursos para as aulas?

SÍLVIA: A hora pedagógica eu utilizo sim, mas é... no sentido assim.....de correção de atividades. Tipo, a leitura de um texto que nos interessa... uma correção... enfim. Mas eu sempre penso que a hora pedagógica não seria isto, não seria para a gente corrigir atividades, embora esteja sendo feito dessa maneira.

ENTREVISTADORA: Então seria para quê?

SÍLVIA: Seria justamente para nós pesarmos e avaliarmos essas aplicações – vivências - do processo Cabano.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Não é? Por exemplo, eu faço a minha hora pedagógica de uma maneira tal que só eu faço. E isso não é certo, na minha opinião.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Eu teria que participar da hora pedagógica com os professores da minha área, de Matemática e de Ciências, por quê? Porque aí isso iria proporcionar para nós uma troca de experiências.

ENTREVISTADORA: Certo.

SÍLVIA: Você está entendendo? Não pode ser da maneira como está acontecendo. Aí talvez você esteja pensando por que não é feito dessa maneira? Por quê? Por causa da questão do horário dos professores.

ENTREVISTADORA: A montagem do horário deles?

SÍLVIA: A montagem do horário dos professores no que se refere à... disponibilidade do próprio colega. Ou às vezes ele não cede e não ajuda na hora de a coordenação organizar as horas pedagógicas por área de conhecimentos, e isso, para mim, é um contra senso.

ENTREVISTADORA: Você acha um contra senso?

SÍLVIA: É sim, isso é um contra senso. É por isso que eu estou te afirmando que embora nós tenhamos o título de “escola ciclada”, no meu entender, nós estamos mesmo é numa prática seriada. É por todas essas situações que eu estou falando...nós nos distanciamos da prática do ciclo.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Porque no ciclo ele teria que trabalhar com detalhe todas essas questões. Para mim, hora pedagógica, atividades de laboratório... tudo isso teria que ser pensado antecipadamente para poder gerar ali um resultado, e não da maneira como está sendo feito.

ENTREVISTADORA: Ok. E sobre o livro didático você utiliza?

SÍLVIA: Utilizo sim. Esse livro didático, nós tivemos a oportunidade de escolher e tivemos o prazer de receber um livro que nós mesmos escolhemos, coisa que nem sempre acontece... às vezes, temos que nos contentar com a segunda opção.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

ENTREVISTADORA: Humhum... Quando você ensina Matemática, a maioria das aulas são desenvolvidas por meio de qual metodologia?

SÍLVIA: Sobre essa situação, é o que eu já tenho te falado... a gente desenvolve as aulas assim.....(dúvida) mais no sentido assim....expositivo e a realização direta de exercício de fixação inicialmente. Para fixar a ideia do processo utilizado depois eu passo os exercícios complementares que é como se fosse um exercício para a casa como era na nossa época. Lembra do exercício para a casa que nós fazíamos?

ENTREVISTADORA: ...dever de casa, é?

SÍLVIA: Dever de casa. Então seria um exercício complementar e a partir dali nós passamos para o exercício avaliativo individual.

ENTREVISTADORA: E para que os alunos possam fixar o conteúdo de Matemática, você costuma passar que tipo de atividade com mais frequência?

SÍLVIA: O exercício de fixação que é aquele exercício logo no primeiro momento em que a gente ensina o conteúdo, não é? E apesar deles terem o livro, eu tenho a prática de fazer um resumo para eles, porque o livro é muito bom em termo de exercícios, mas não de exposição de conteúdos. O livro é muito resumido na questão das explicações dos conteúdos. E é por isso que eu passo para eles um pequeno resumo com exemplos e logo em seguida proponho um exercício de fixação e é nesse exercício de fixação é que eu percebo se realmente ele compreendeu o assunto.

ENTREVISTADORA: Você considera importante passar tarefa para casa ou dever de casa? Quando essas tarefas são solicitadas seus alunos cumprem essas tarefas?

SÍLVIA: Eu considero importante sim, porque apesar de toda a tecnologia que alguns deles podem ter em casa, tipo computadores ou outras modernidades, eu ainda guardo aquele velho ditado dos velhos professores que diziam que Matemática só se aprende exercitando.

ENTREVISTADORA: Então você passa dever de casa?

SÍLVIA: Eu passo dever de casa e exercícios complementares. A gente sugere, e eu sempre digo para os alunos que a nossa função enquanto professor é propor desafios, acertem os exercícios 100%. Eu quero mesmo é que eles tentem fazer o exercício.

ENTREVISTADORA: E os alunos cumprem as tarefas e os prazos estabelecidos para as tarefas?

SÍLVIA: eu diria que 50%.

ENTREVISTADORA: 50%. Certo. Você normalmente controla a realização das tarefas realizadas pelos alunos? Ou seja, você passa as tarefas e depois corrige?

SÍLVIA: Sim, mas em parte. Eu controlo um pouco... (refletindo), principalmente, os exercícios avaliativos. Porque os exercícios de fixação, assim como os exercícios complementares, na verdade, eu até tento, mas são muitos alunos para olhar o caderno. Eu vou ser sincera, no máximo que eu posso conseguir olhar o caderno e corrigir é de uns vinte ou vinte e cinco alunos dentro do tempo de aula que nós temos e na própria sala. Sim porque não é só olhar e ver se ele fez ou não, também tenho de verificar se ele andou pelo caminho da resolução certa, ou se ele aplicou de forma correta. Aí não dá para fazer isso com quarenta alunos, não é?

ENTREVISTADORA: É verdade.

SÍLVIA: Então, eu fecho mais no exercício avaliativo em sala de aula. Ai, eles fazem na própria folha de caderno.

ENTREVISTADORA: Quantos alunos nesta turma você considera que têm condições de acompanhar os conhecimentos matemáticos do 4º ciclo? Ou seja, aqueles eu consigo acompanhar os assuntos que você explica?

SÍLVIA: Eu avalio que praticamente quase todos. Porque o problema deles, ao meu ver, não é nem tanto questões assim... de base. A questão maior deles é a falta de atenção ali no momento da explicação.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguarda a professora concluir)

SÍLVIA: Eu sempre coloco isso para eles. Eu sempre falo baseada na minha própria experiência, dizendo que quando o aluno quer aprender ele aprende. Ou seja, se ele tiver atenção na aula, ele vai conseguir acompanhar tranquilamente.

ENTREVISTADORA: Num percentual, seriam quantos por cento da turma?

SÍLVIA: É, praticamente o quê? Uns 90%, é 90%.

ENTREVISTADORA: Ok.

SÍLVIA: E hoje nós vemos um conteúdo com um teor de álgebra um pouquinho menor.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Então, nós trabalhamos muito com a questão da própria aritmética. As 4 operações fundamentais, então são conhecimentos que eles já trazem desde a sua 1ª série. Então, é uma questão mais de querer acompanhar, não é?

ENTREVISTADORA: e sobre o sistema de avaliação que você adotada na escola ciclada é diferente de como avalia em uma escola seriada?

SÍLVIA: Sim. É totalmente diferente. No processo seriado, mesmo eu fazendo várias atividades, dizendo para eles que vale a participação, a ida no quadro, no processo seriado, eles sabiam que eles estão vinculados a uma nota.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Que a nota tal era azul e abaixo dessa nota é tudo vermelho. Então, o vermelho... preocupação!!!!!! Eu posso ficar reprovado, já o azul, nem que seja com a nota mínima está ótimo!!!! E eu posso ser aprovado.

ENTREVISTADORA: Entendi.

SÍLVIA: Então, no seriado eles tinham essa preocupação, ou seja, tirar uma nota para aprovar. O aluno realmente fica preocupado com isso. Eles não querem nem saber se acertou aquela ou essa quantidade de questões, eles queriam é conseguiu o mínimo para passar.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: No processo ciclado, não. No processo ciclado, ele não tem uma nota final, ele tem um conceito. É o excelente, que está dentro de um intervalo, não é? É o “B”, é o Regular, é o Insuficiente e o Sem Rendimento.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Então, eles, muitas vezes, eles se perdem. E porque eles pensam assim “ah, eu tirei zero nesse teste, mas aí se eu tirar 2 no outro, eu vou recuperar e eu fico com I”, então, eles fazem esses cálculos assim, que na cabecinha deles vai dar certo. Mas às vezes não dá.

ENTREVISTADORA: Você tem autonomia no processo de avaliação escolar da sua turma? Das turmas?

SÍLVIA: Sim, eu tenho. Eu tenho a autonomia na avaliação que a gente faz, não é? Uma avaliação individual. Como você sabe. E, por exemplo, digamos que da turma 801, uns 10 alunos não consigam ser aprovados em Matemática, eu vou escrever lá, tenho autonomia de escrever: aluno retido em Matemática.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguarda)

SÍLVIA: Agora, se esse aluno que ficou retido em Matemática, se ele vai passar ou não, vai depender da situação dele nas outras disciplinas.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Mas eu, como professora de Matemática, eu tenho como colocar. Eu tenho essa autonomia de dizer: aluno retido, aluno avança com restrições, aluno avança satisfatoriamente.

ENTREVISTADORA: Vocês são chamados assim para opinar na conversar?

SÍLVIA: Sim, porque nós temos a prévia do conselho final no qual o aluno vai receber a ficha avaliativa que substituiu o boletim. É ali que vai estar escrita a participação dele, tudo mais, não é? Umas fichas assim... umas três páginas. Acho que você já viu?

ENTREVISTADORA: Sim.

SÍLVIA: É a gente faz para cada aluno, e isso é um trabalhão para todos nós professores, não é? É uma coisa assim que é até um absurdo hoje, na era da informática, nós ainda temos que ficar fazendo aquilo ali, manuscrito, não é? Isso é por si só um problema, um... entrave aí no andamento do processo. Antes do fim

do ano nós temos ali uma prévia. E nesta prévia é que a gente “olha, fulano de tal, ficou retido em tal, tal, tal, tal”.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Vê se tem condições de passar ou se vai avançar. Avança com essas restrições, não é? E que para mim é uma incoerência danada, mas avança. E os alunos tal, tal, tal, vão passar, mas ficaram retidos só em Matemática. Mesmo assim avança também, entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim.

ENTREVISTADORA: Qual sua opinião sobre o processo de progressão automática?

SÍLVIA: É... mais no sentido... referente aos alunos, não é?

ENTREVISTADORA: Sim.

SÍLVIA: E isto é interessante, por quê? Porque fica a critério da escola e da comunidade fechar essas situações.

ENTREVISTADORA: Ah, certo.

SÍLVIA: Aqui na escola, esse processo ele não é automático, tanto é que você tem alunos no CB3 que estão retidos. Seria a 7ª série.

ENTREVISTADORA: Hum. (aguarda a professora concluir)

SÍLVIA: Então, pode até haver, mas não aqui na escola. Aqui nós fechamos com os professores, com a coordenação, com a comunidade, que o aluno que não tiver condição de avançar no ciclo, ele fica retido desde que essa retenção seja notória. Por exemplo, o aluno que fica em umas quatro disciplinas, digamos... também pode ser pela questão de falta, ou seja, excesso de falta, desde que esteja baseado... ou fundamentado em documento, tudo ali, não é? Nesse caso, o aluno fica mesmo no final do ciclo.

ENTREVISTADORA: As últimas questões, sobre a escola e infraestrutura da escola como um todo.

SÍLVIA: Se a escola tem condições?

ENTREVISTADORA: É, se escola tem condições?

SÍLVIA: Olhe, é... (refletindo) a escola aqui, como você está vendo, ela é uma escola que tem um bom laboratório de informática que é utilizado 100% por todos nós, aqui. Na escola tem o professor que foi lotado para o laboratório de informática... ele tem um horário específico para atender as turmas.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguarda a professora concluir)

SÍLVIA: Então, por exemplo, a 801, a turma vem para cá, mas com o outro professor, não comigo. Por quê? Porque o horário que ele disponibiliza para vir para cá para atender a turma, os alunos podem fazer uma pesquisa estudar alguma coisa ... isso é importante porque antigamente eles achavam que iam ter curso de informática aqui na escola...

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Eles iam aprender a lidar com *Word*, *Excel*, *Powerpoint*, não é? Eles pensavam que seria assim. Mas, hoje eles sabem que tem a aula daquela disciplina no laboratório de informática. Então, por exemplo, eu trago para cá a 701, é o 1º ano do CB4, para a minha aula de Matemática aqui no laboratório eu passo exercícios e peço para eles fazerem os trabalhos e gravarem na pasta, aí, eu venho e corrijo. Em vez de eles fazerem no livro ou caderno deles, eles fazem aqui e é bem mais interessante.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Então, nesse ponto da estrutura da escola, eu vejo assim que houve assim um avanço, não é? A escola como você vê é uma escola assim que... (pensando) perto das outras que a gente tem notícia por aí até que tem uma estrutura no sentido de espaços alternativos. Tem a sala da biblioteca ou de leitura que também é um acesso que a gente tem, mas que eu ainda acho que poderia ser melhorado.

SÍLVIA: Fora isso nós temos as salas de aula, não é? Que são climatizadas como você vê. Mas um auditório faz falta. Eu sinto falta. Porque a escola aqui ela já é uma escola que já tem muitos anos, certo? Me falaram que esse prédio antigamente era uma lavanderia, isso há muitos anos atrás.

ENTREVISTADORA: É verdade? Eu não sabia, tenho pedido informações sobre o histórico da escola mais ainda não consegui muito.

SÍLVIA: Pois é, isso é um problema porque ela não foi projetada como escola . Eu também já ouvi falar que isso aqui também já foi um quartel, se não me engano, ou alguma coisa assim. Ou seja, as estruturas não foram pensadas para uma escola. Então, você vê assim espaços aproveitados.

ENTREVISTADORA: Ah, certo. Então, é por isso o tamanho das salas.

SÍLVIA: Olha, nós estamos aqui nessa sala de informática e como você pode ver é uma sala grande em termos, mas não o suficiente para caber 40 alunos. Você observa... e percebe que não cabem todos. Quando a turma vem tem de...

ENTREVISTADORA: ... vir pela metade, é?

SÍLVIA: Que nada... vem é de dois em dois, em cada máquina ou até três em cada máquina.

ENTREVISTADORA: Hum... (risos)

ENTREVISTADORA: Sobre as relações na escola entre professores, corpo docente, técnicos como são? Como você classificaria essas relações?

SÍLVIA: Olha, já passei por algumas outras escolas, mesmo da prefeitura. Como eu já falei anteriormente, eu iniciei o meu trabalho na prefeitura, no anexo dessa escola, depois eu vim para cá para esse prédio. E eu já passei por outros turnos e outras escolas da prefeitura.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Então, eu faço uma avaliação assim de todas as escolas que eu já passei, inclusive até lá no Estado, eu creio que aqui na escola Alfa nós temos assim conservado um bom viver, entendeu? Por quê? Porque nós temos assim uma liberdade para trabalhar e isso é muito importante, o professor se sentir livre para trabalhar.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Porque você é professora, não é? Você sabe disso, você dá aula também para futuros professores, não é verdade? Então, quando você se sente num espaço onde você está coagido a trabalhar, quando você está fazendo aquilo porque alguém te impôs para fazer o trabalho ele não sai bem, você sabe como é?

ENTREVISTADORA: Não tem prazer no que faz.

SÍLVIA: Você não tem prazer, você faz a coisa de qualquer jeito, entendeu? Então, tudo parte do relacionamento. Uma vez aqui, numa dessas reuniões pedagógicas que a gente faz antes do início do ano, na semana pedagógica, eu falei nesse ponto, dizendo que praticamente a escola é a nossa segunda casa. Tirando por mim, não é?

ENTREVISTADORA: Pelo tempo que passa aqui?

SÍLVIA: Eu e outros colegas que temos dois empregos.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

ENTREVISTADORA: É um bom clima, é?

SÍLVIA: É um bom clima, graças a Deus.

ENTREVISTADORA: Estávamos no eixo que fala da prática pedagógica e avaliação. Você acredita que quantos alunos da 801 completarão o Ensino Fundamental?

SÍLVIA: Praticamente todos. Eu creio que no nível com que eles estão ali, creio que eles vão completar tranquilamente, apesar das dificuldades deles.

ENTREVISTADORA: Vocês como professores são avaliados? Vocês passam por algum tipo de avaliação ou se reúnem para avaliar os trabalhos no final do ano?

SÍLVIA: É... bem, a nossa avaliação também é feita no ciclo escolar, na qual se trabalha não apenas a avaliação dos alunos, mas também a avaliação da nossa prática. É... é... aberto aos alunos para que eles falem a respeito da metodologia aos pais.

ENTREVISTADORA: Quem tem acesso a resultados dessa avaliação? Essas avaliações têm repercussão dentro da escola, ou seja, elas contribuem para melhorar a prática docente?

SÍLVIA: Bem, a avaliação é feita em portas abertas no próprio ciclo.

ENTREVISTADORA: ... (escuta).

SÍLVIA: Então, fica ali mesmo, não é? Ciente, não somente os alunos, mas os pais, a coordenação, só que quando é falado assim um pouquinho mais de coisas mais... sérias ou um pouquinho mais assim, relevante ou perigoso, é que é tratado de portas fechadas, coordenação e professor. Mas, quando se trata apenas de uma situação assim... como metodologia, é de portas abertas.

ENTREVISTADORA: Você conhece a Prova Brasil do Instituto Nacional de Pesquisa em Educação, que busca avaliar o desempenho dos alunos nas escolas públicas no ensino de Português e Matemática?

SÍLVIA: Sim, conheço.

ENTREVISTADORA: Você sabe dos resultados da sua escola e da sua disciplina no último certame?

SÍLVIA: Bom, a última notícia que eu soube é que... a escola aqui, ela teve uma boa colocação. Inclusive, alguns alunos, eles tiveram até a oportunidade de fazer a segunda fase do certame e tudo mais, e eu creio que foi assim. Foi bem aplicado, no nível assim geral, nos três turnos.

ENTREVISTADORA: Você considera a Prova Brasil um bom instrumento de verificação de aprendizagem para avaliar o desempenho dos alunos nos ciclos?

SÍLVIA: Olha, avaliando as questões em si, eu acredito que... não no nível que é colocado, não é? Eu creio assim que a Prova Brasil, ela avalia mais no sentido assim de raciocínio lógico dos alunos. Se eles têm esse desenvolvimento, se eles têm facilidade em resolver questões de puro raciocínio lógico. Agora, referente aos conteúdos pontuados, não.

ENTREVISTADORA: Não?

SÍLVIA: É... basicamente, não.

ENTREVISTADORA: Você já aplicou a Prova Brasil na escola Alfa?

SÍLVIA: Já.

ENTREVISTADORA: E você como professora de Matemática, você costuma fazer alguma preparação dos alunos para realizar essa prova?

SÍLVIA: Não, porque é como eu tenho dito. A maioria das questões são questões assim de... raciocínio lógico.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguarda a professora concluir)

SÍLVIA: Mas, não estão muito vinculadas a um conteúdo específico. Então, é como eu digo não há assim uma preparação prévia. Eles são literalmente avaliados dentro do desenvolvimento natural que eles mesmos aprendem. De tanto fazer as questões, as nossas questões, eles têm aquele desenvolvimento já. Mas a prova não tem nada vinculado a conteúdos específicos que é trabalhado.

ENTREVISTADORA: Chegamos ao final da entrevista e eu gostaria de agradecer imensamente a oportunidade que você me deu, bem como a disponibilidade em ficar comigo aqui, em vir aqui já de férias... (risos).

SÍLVIA: (risos) Para mim também é um prazer saber que estou ajudando de algum modo. Por aqui, pela escola vem muito estagiário mas alguém para fazer pesquisa conosco, isso nunca aconteceu antes, e se eu posso ajudar de algum modo... isso é bom!

APÊNDICE B – Entrevista 2

Esta entrevista faz parte de uma das etapas da coleta de informações de “Um estudo da prática pedagógica de professores de matemática do IV ciclo da Rede Municipal de Belém”, de responsabilidade da pesquisadora Maria de Lourdes Santos Melo, professora da Universidade do Estado do Pará. Foi realizada no dia 02/06/de 2009, na sala da coordenação pedagógica da escola Beta, com o professor de Matemática do turno da tarde que trabalha com os III e IV ciclos. Por questões éticas o professor terá seu verdadeiro nome preservado sendo-lhe atribuído o codinome de Armando.

ENTREVISTADORA: Qual a sua idade?

PROFESSOR ARMANDO: 61 de idade e 22 de escola B.

ENTREVISTADORA: Onde você se formou?

PROFESSOR ARMANDO: Universidade Federal do Pará – UFPA.

ENTREVISTADORA: Você fez algum outro curso de graduação além do curso de matemática?

PROFESSOR ARMANDO: Fiz. Engenharia Civil.

ENTREVISTADORA: Você fez curso de pós-graduação?

PROFESSOR ARMANDO: Pós-graduação eu fiz cinco. Pós-graduação em Matemática, pós-graduação em Engenharia Econômica, pós-graduação em Engenharia é.../pensando/ na parte de estradas, pós-graduação em, em, nessa parte de, de, ...Ciclos e em Educação e fui oficial da Marinha de Guerra, fiz o curso, passei, em 4º lugar em todo o Brasil na, Marinha de Guerra.

ENTREVISTADORA: Você fez outros cursos de capacitação profissional na área de Educação?

PROFESSOR ARMANDO: Ciclos e em Educação na SEMEC

ENTREVISTADORA: Quais as principais razões que levaram você a fazer o curso de Licenciatura em Matemática?

PROFESSOR ARMANDO: A disciplina Matemática, eu sempre gostei. Tanto prova é que um dos motivos de eu ter largado a farda foram os problemas de viagem. Eu larguei e fiquei dando aula para uma turma e quando eu passei na Marinha de Guerra eu também passei no vestibular. Depois, eu fiz Engenharia Civil. Eu queria fazer e fiz Engenharia.

ENTREVISTADORA: Há quantos anos você está no magistério.

PROFESSOR ARMANDO: Estou fazendo 40 anos de magistério.

ENTREVISTADORA: Quanto tempo você demorou para trabalhar na profissão depois que concluiu a sua graduação?

PROFESSOR ARMANDO: Mesmo como estudante eu já dava aulas de Matemática.

ENTREVISTADORA: E o início da sua carreira profissional, se deu em que rede e em que nível?

PROFESSOR ARMANDO: Na rede pública e no ensino fundamental.

ENTREVISTADORA: Você trabalha em que redes de ensino hoje?

PROFESSOR ARMANDO: Somente na prefeitura com o Fundamental.

ENTREVISTADORA: Quais são seus planos ligados a sua vida profissional para os próximos anos como professor?

PROFESSOR ARMANDO: Estou aguardando minha aposentadoria.

ENTREVISTADORA: Em relação ao seu trabalho como professor de forma geral, qual o seu nível de satisfação?

PROFESSOR ARMANDO: Depende, depende de como... (dúvida). Como profissional, eu... atualmente, não me sinto totalmente satisfeito. Isso devido esse problema de Ciclo. Na minha visão, o ciclo não é bom, não ajuda. Eu acho que a gente quer ensinar o aluno e ele não se esforça para aprender. A gente passa trabalho para o aluno, como a senhora pode ver (se referindo às observações que eu fazia em sua sala), a maioria deles nem liga. A senhora vê, os alunos de 7ª e 8ª são alunos adolescentes, que estão com uma cabeça fria, com poucos problemas mas... não querem estudar. Não se interessam. Por quê? Porque ele sabe que depois ele vai passar. Eles passam em Educação Física, Religião, Artes ...eles vão passando sem muito esforço. Aí, quando chega nas matérias que exigem mais esforço, onde ele tem de estudar mais, ele sente dificuldades e nós os professores dessas matérias passamos a ser mau vistos na escola como os “ovelhas negras” da escola. Isso ocorre com o professor de Matemática, Português, Ciências e História. É... somos nós os tidos como malvados. Mas o problema é que os alunos não estão acostumados a estudar. Eles vão passando em tudo e quando chega nessas matérias que eu falei, aí, a coisa pega! O próprio aluno não valoriza mais a escola. Eu acho... eu acho que esse Ciclo ficou melhor para os alunos da noite. É... para aquelas senhoras que trabalham, e que vêm cansadas fazendo um esforço danado para estudar. Aí, sim eu não concordo de o aluno ficar reprovado, como antigamente, por meio ou até um ponto. É... era assim que era antigamente, não tinha conversa não, aluno ficava por causa de meio ponto e assim o aluno perdia. Isso eu nunca fiz, reprovar aluno por causa de meio, um ponto. Não acho justo reprovar o aluno e ele perder o ano todo por tão pouco. Isso é interromper uma trajetória. Isso eu vi muito, isso eu vi muito, muito na seriação.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, quais as duas qualidades mais importantes que um professor deve ter?

PROFESSOR ARMANDO: Ah, uma boa formação é o saber. Porque principalmente com Matemática o professor tem que realmente saber o conteúdo. Mesmo que os alunos estejam como estão hoje, sem fazer perguntas. Já reparou que eles quase não perguntam como se perguntava antigamente? ... Antigamente ele (aluno) vinha e perguntava “de onde vem essa fórmula? “Como se resolve esse problema?” Esse é um exemplo. Aí, se o professor não souber demonstrar, era aquele caso. Ficava desmoralizado.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, quais os três fatores que seriam fundamentais para a valorização do professor?

PROFESSOR ARMANDO: A valorização do professor, primeiro, e o ambiente, ter um bom ambiente de trabalho. Por exemplo, ter os recursos para trabalhar. [...] Outra questão é o salário que sempre foi... um salário baixo.

ENTREVISTADORA: Há quanto tempo você trabalha na escola Beta?

PROFESSOR ARMANDO: Deixa eu lembrar... 1980... 87... hum... faz vinte e dois anos. Corresponde a uma vida. Gosto muito de trabalhar aqui, é uma boa escola, mas já estou me aposentando no próximo ano, afinal já são quarenta anos de magistério.

ENTREVISTADORA: Você lembra quando começou o processo de organização da escola por Ciclos? Qual foi o ano?

PROFESSOR ARMANDO: Agora tu me pegaste (risos). Foi com o prefeito Edmilson e a Escola Cabana.

ENTREVISTADORA: Você participou do processo de implantação dos ciclos? Se sim, diga como?

PROFESSOR ARMANDO: Isso todos os professores foram. Não fui somente eu não, todos os professores foram. Todos fizeram o curso, professores, orientador. Isso foi verdade, a Prefeitura chamou todos os professores para fazer a formação.

ENTREVISTADORA: Você considera o sistema de organização escolar em ciclo uma boa opção para superar as dificuldades de aprendizagem, especialmente em Matemática, dos alunos das escolas públicas?

PROFESSOR ARMANDO: Não. Talvez o ciclo seja bom para os alunos da noite, como eu já falei antes, mas para o regular não. É, para o EJA, sim. Tem aluno da noite que trabalha, chega cansado aqui, tem que ser diferente... é um aluno trabalhador, tem de ter outro tratamento. Mas o aluno, principalmente 5ª, 6ª séries já deveria ser mais interessado. Aí, a nota que ele tira não dá para aprovar o aluno, mas depois ele finda passando porque é aprovado nas outras matérias mais fáceis. Mas saber mesmo o aluno não sabe. Ele faz uma operação como 5×0 e ele responde $= 5$. Em vez de escrever calcular ele escreve “carcular”, ao escrever matemática eles escreve “matematica” e daí para pior. E depois o que o aluno vai fazer? Onde ele será aprovado com esse baixo nível de conhecimento? Nós já tivemos alunos aqui da escola que passaram em 1º lugar na escola militar. É...aqui

na Escola Beta. E também 1º lugar na Escola Técnicamas hoje em dia? É aluno assistindo aula e ouvindo música no telefone celular, no *ipod*. É fazendo as unhas na sala, se pintando... um completo descaso. Eu nem falo nada porque se o camarada for colocar todos esses alunos para fora... de sala... ele (risos) não faz mais nada. Então, quer dizer, isso eu acho que... o Ciclo contribui para isso. Eu acho que deu muita abertura para o aluno e bagunçou com a educação.

ENTREVISTADORA: Você acredita que o sistema de ciclo pode ajudar a diminuir a exclusão escolar? Por quê? Ou não acredita?

PROFESSOR ARMANDO: Eu acho que diminui a exclusão, mas não adianta passar os alunos sem saber. Tem aluno passando quase na marra porque a gente vê que o aluno não tinha condições nenhuma, mas passa. Por um lado, a escola também tem razão já que o aluno passou em Geografia, passou em Religião, porque Religião é uma disciplina que não tem prova, esse tipo de coisa, que eu, que eu não aceito. Religião é uma disciplina como qualquer outra, o aluno deveria saber sobre o judaísmo, o que é o hinduísmo, o que é o catolicismo, qual é o Deus do católico, quem é Jesus, o que é a Bíblia, o que é a Torá, o que é o Islamismo que é a maior religião do mundo. Eles têm muitas coisas para aprender. Eles também deviam saber sobre o Espiritismo...

ENTREVISTADORA: Você considera o sistema de organização escolar em ciclo uma opção para superar a dificuldade de aprendizagem dos alunos das escolas públicas?

PROFESSOR ARMANDO: Eu acho que não.

ENTREVISTADORA: Você considera o ensino de Matemática na escola ciclada mais eficiente que na seriada?

PROFESSOR ARMANDO: Totalmente diferente. Acho que eles aprendem mais na escola seriada. Os alunos na seriada, pelo menos, se esforçavam mais.

ENTREVISTADORA: Professor, quais são os elementos que têm favorecido ou não a sua adaptação na escola de ciclos?

PROFESSOR ARMANDO: O sistema não tem favorecido, não ajuda. O aluno não é motivado para aprender. Ele não se interessa porque ele já sabe, a maioria já sabe que vai passar de ano na maioria das disciplinas. Ele só tem que se esforçar em Português, Matemática e Ciências. E sabe como é, se o aluno não fizer uma boa 5ª série, uma boa 6ª série, vai se arrebentar na 7ª. Como a senhora viu lá na sala, tem aluno que não sabe quanto é 3×7 . Pois tem aluno que não sabe. Quer dizer, hoje em dia, eu estou pegando aluno da 6ª série que não sabe coisa básica, elementar mesmo. Aí, lá vou eu ter que fazer uma revisão para poder trabalhar. Eu pergunto, 3 ao quadrado? E o aluno responde 3. Quer dizer, isso é coisa que aluno até de 4ª série deve saber.

ENTREVISTADORA: Que aspectos você destacaria como relevantes e positivos para o seu trabalho de ensinar e para a aprendizagem dos seus alunos no Ciclo?

PROFESSOR ARMANDO: Nem um.

ENTREVISTADORA: Que aspectos você destacaria como entraves ou negativos para o seu trabalho de ensinar e para a aprendizagem dos seus alunos no ciclo?

PROFESSOR ARMANDO: Acho que já falei, mas é principalmente o aluno passar de série sem ter aprendido.

ENTREVISTADORA: Na escola, existe ou já existiu, estímulo ao professor a realizar sua prática dentro de algum enfoque metodológico que favoreça o trabalho docente por ciclo de aprendizagem? No que consiste esse método? Ou seja, alguma equipe pedagógica já chegou a discutir com vocês algum método específico para esse trabalho dos ciclos?

PROFESSOR ARMANDO: Não, a gente vai trabalhando e fazendo o que pode.

ENTREVISTADORA: O que faz a escola para assegurar a realização de práticas pedagógicas dentro do modelo de ciclo?

PROFESSOR ARMANDO: Eu acho que nada.

ENTREVISTADORA: Você tem algum tipo de apoio da equipe pedagógica? Coordenação, direção ou cursos para o desenvolvimento positivo do trabalho?

PROFESSOR ARMANDO: Há sim. Há um bom clima e, às vezes, eu colaboro não somente como professor de Matemática, mas com outros conhecimentos. Isso acontece muito na feira de Ciências da escola.

ENTREVISTADORA: A coordenação pedagógica estimula o trabalho cooperativo, a troca de experiência entre os pares e a reflexão sobre a própria prática? Se sim, dê exemplo de situações onde isso aconteceu na escola este ano.

PROFESSOR ARMANDO: Sim, como expliquei anteriormente.

ENTREVISTADORA: A Rede Municipal ou a escola costuma promover cursos de formação continuada para os professores?

PROFESSOR ARMANDO: Antes tinha todo ano, mas agora não. É, quase não fazem mais. O último que participei foi em... (dúvida) Acho que foi em 2000 e... 2004 mais ou menos.

ENTREVISTADORA: Atualmente, você se sente trabalhando em uma escola organizada por ciclo?

PROFESSOR ARMANDO: Não... (hesita) porque é aquilo que eu falei, são todos profissionais, os alunos não dão problema, mas os alunos aprendem pouco e o próprio sistema ajuda... às vezes, a gente pega a ficha de um aluno e fala “olha, esse aluno não tem condição de passar”, mas no final ele passa. Eu aviso que ele não tem condição de passar, mas no final ele finda passando porque só ficou com pendência em três disciplinas e aí, então, ele é aprovado. Então, o aluno que não

sabe escrever direito, não sabe nada de matemática. E depois a culpa é do professor, nós somos os malvados. Só sobra para nós os professores (ar de queixa)... o aluno não obedece mais. Às vezes, a gente está dando aula e os que não estão assistindo aulas ficam perturbando, andando no corredor, mexendo com os colegas que estão em sala. E a gente não pode fazer nada. Quando a escola não era ciclada tinha inspetora que ajudava a tomar conta e que eles atendiam. Mas, hoje, a senhora vê, a gente está dando aula e os alunos ficam andando de um lado para o outro. Mesmo tendo aula, a senhora viu que a maioria não quer nada com nada, a maioria fica lá com os braços cruzados.

ENTREVISTADORA: Se você fosse secretário de Educação do Município de Belém, você manteria o sistema de ciclos nas escolas ou retornaria ao sistema seriado? Ou sugeria de outra forma?

PROFESSOR ARMANDO: Não manteria não. Eu retiraria. Como eu já falei para alguns, como o EJA e de 1º a 4º, ainda vá lá, mas para o Ensino Fundamental maior e Ensino Médio, eu tiraria, tiraria sim os Ciclos. Os alunos não se preocupam mais em estudar porque sabem que depois serão aprovados, porque para mim todo mundo tem capacidade de aprender. Não tem aluno burro não. Pode até ter aluno doente... com problema, mas aí, é outra história. Com esse tipo de aluno tem de ser complacente mesmo. Mas eu acho que tem uns alunos que faltam incentivos. Se o aluno não tem incentivo fica mais difícil ele conseguir avançar.

ENTREVISTADORA: Em relação à turma onde faço as observações, existiram ou existem alguns critérios de formação da turma? Você opinou junto à equipe técnica?

PROFESSOR ARMANDO: Não sei. Isso de formação de turma é com a parte administrativa da escola. A gente recebe os alunos e, como a senhora viu, tem aluno que quer aprender e é interessado, mas também tem muitos alunos que não querem nada. É porque nessa parte aqui a escola faz certo, os alunos vêm da 7ª e fica aquele grupinho. Isso é normal, ficar aquele grupinho. Quando vão para a 8ª série divide. Então, tantos alunos vão para a 831 e tantos vão para a 832, é aí que divide.

ENTREVISTADORA: Dessa forma, você já respondeu um pouco dessa pergunta. Seria: os alunos da turma já estudaram anteriormente com você? Isso seria a maioria, metade da turma ou somente uma pequena parcela?

PROFESSOR ARMANDO: 99%. É, a maioria já foi meu aluno.

ENTREVISTADORA: Você conhece seus alunos? Sabe um pouco de suas trajetórias escolares?

PROFESSOR ARMANDO: Não, da vida, família, eu não sei, mas da trajetória escolar eu sei. Sei dos alunos que são interessados e dos alunos que não querem nada, os que não têm condições de estar na série ou acompanhar as aulas. Isso eu digo quando tem conselho de Ciclos. Eu digo, entendeu? Agora, é claro eu vou falar da minha disciplina, porque tem aluno que é bom em Matemática e em

Português é uma negação... (risos). Outros já não aprendem História e por aí vai... bem, aí na reunião, eu falo pelo desempenho do aluno na minha disciplina. Da disciplina dos outros eu não posso falar porque ele pode estar bem nas outras e ruim na minha disciplina.

ENTREVISTADORA: Que questões sociais você considera que mais afetam negativamente seus alunos?

PROFESSOR ARMANDO: Bem... apesar de nós estarmos num bairro pesado, que é a Sacramento, reconhecido como um bairro bastante violento de Belém, eu... nunca tive problema de assalto, nunca tive grandes problemas por aqui. Nunca tive problema de aluno querer “peitar professor”, enfrentar. Como a senhora sabe, aqui nessa escola a gente não vê situações que tem em outras escolas que tem por aí, como no Jurunas, não é mesmo? A senhora pode ver que por aqui não se vê nem briga mais séria. É, a gente não vê aluno ameaçando professor, dizendo que vai fazer e acontecer, ou mesmo pai de aluno pressionando a gente. Aqui ainda existe uma relação de respeito pelos professores sim.

ENTREVISTADORA: Como você classificaria essa turma, considerando os seguintes quesitos: nível de interesse da turma e nível de aprendizagem?

PROFESSOR ARMANDO: Mais para regular.

ENTREVISTADORA: E o nível de participação da turma nas aulas?

PROFESSOR ARMANDO: Também regular, porque tem aluno comportado que não dá problema, mas fica lá... sem fazer nada.

ENTREVISTADORA: Sobre o nível de conhecimento matemático adquirido em outros ciclos, que eles trouxeram de outros ciclos.

PROFESSOR ARMANDO: Considero razoável. São poucos alunos bons.

ENTREVISTADORA: Você tem algum aluno com necessidades especiais que você perceba claramente na sala?

PROFESSOR ARMANDO: Eu acho sim. Por exemplo, aqueles quatro alunos que ficam lá trás. Eles não dão trabalho, não desrespeitam, mas o problema é que não querem nada e não acompanham. A senhora é testemunha, eu ensino, só que eu não vou é me matar por aluno que não quer nada.

ENTREVISTADORA: A escola tem profissionais para acompanhamento de alunos com dificuldades específicas?

PROFESSOR ARMANDO: Não.

ENTREVISTADORA: Os pais dos alunos comparecem às reuniões promovidas na escola?

PROFESSOR ARMANDO: Comparecem, mas em minoria. Olha, tem muitos pais interessados. Mas tem pai que só procura saber quando o aluno fica retido no Ciclo. Tanto é a prova que um dos poucos casos foi o de oito alunos que ficaram retidos. Eles foram divididos e atualmente estão quatro na 831 e quatro, na 832. Por quê? Ficaram retidos na 8ª série. Em português, em matemática, ciências e história. Soma isso dá quatro disciplinas. Porque as outras é aquilo que eu digo, as outras não reprovam. Não reprovam e não exigem quase nada dos alunos.

ENTREVISTADORA: Você acha que os pais de seus alunos participam da vida escolar dos filhos?

PROFESSOR ARMANDO: Não acompanham não. A maioria só aparece para saber do filho no final do ano. Aí, tem mãe que ainda reclama e diz ‘mas meu filho passou nas outras disciplinas!!!!’. E a gente é que leva a fama de ruim.

ENTREVISTADORA: Então, como você classificaria os grupos que eu chamo de ilhas lá da sala? Como você os caracteriza? Você consegue perceber mais ou menos quantos grupos são e quais são as características deles?

PROFESSOR ARMANDO: Nós temos... (pensando) uns cinco grupos. Nós temos aquele grupo que senta lá... lá no canto, mas é só rapaz desinteressado, não tem interesse nenhum. Tem aquelas meninas lá da frente, perto da janela, é um grupo de umas quatro. Elas sentam na frente, mas não fazem nada. Acho que elas vão ficar em matemática e talvez em outras matérias. Elas vêm para aula, mas não fazem trabalho, não se interessam, mesmo o trabalho valendo ponto, a senhora viu, elas entregaram em branco, nem fazem esforço de fazer... a senhora é testemunha, a senhora viu. Tem outro grupo, que é aquele grupo da frente, que ainda é um pouco esforçado. Tem aquele outro grupo que fica no meio que também é mais interessado. O grupo dos pequeninos é o mais esforçado. Tem também aquele outro grupo na frente, perto da entrada e o grupo do salão de beleza lá atrás (risos).

ENTREVISTADORA: (risos) A partir de qual objetivo você propõe atividade de grupo?

PROFESSOR ARMANDO: Trabalho em grupo, eu passo. Atribuo nota e somo com a nota da prova. Mesmo nesses trabalhos valendo nota eu tiro dúvidas. Se o aluno me procura e pede para eu olhar eu digo “presta atenção, olha aqui é... está errando, olha bem... 10×2 é... e o aluno coloca errado, te esqueceste de ver aquilo, acate a propriedade distributiva, o produto de monômio por polinômio, multiplicaste esse, esse e esse aqui”, eu digo para ele prestar atenção e ver onde ele está errando. Agora eu não do a resposta de questão. O aluno tem que se esforçar. Até porque, às vezes, tem equipe de quatro alunos e sabe como é, às vezes, um ou dois fazem o trabalho e o restante cruza os braços. Então, eu digo que comigo é assim, vão os quatro alunos fazer e assinar o trabalho. Se conseguirem 2,0 pontos, todos do grupo vão tirar os 2,0 pontos. Então, eles se interessam e um olha o que o colega fez, consertam os erros do colega, porque um membro do grupo pode estar errando. Às vezes, é um jogo de sinal, ou outra coisa qualquer. Eu estou na sala olhando os grupos, às vezes, até digo o que está errado

e onde... mas eles têm que concertar. Os trabalhos de grupo são passados na sala de aula e fazem parte da prova.

ENTREVISTADORA: Quais os critérios que você usa pra organizar os alunos em grupo?

PROFESSOR ARMANDO: Eu deixo eles livres para escolher.

ENTREVISTADORA: E que outras metodologias o senhor usa com os meninos, tipo jogos ou atividade que utiliza com os meninos para dar aula de Matemática?

PROFESSOR ARMANDO: Eu explico bastante a matéria e ensino os alunos a resolver de várias maneiras. Por exemplo, eu estou dando uma equação, uma equação biquadrada, começo uma equação normal. Aí, eu ensino e se tiver três métodos, eu ensino todos.

ENTREVISTADORA: Você tem problema de indisciplina? Como você lida com a indisciplina na sala de aula?

PROFESSOR ARMANDO: Não tenho problema de indisciplina lá na sala. Tem meninos que são mais danados, querem correr, querem jogar bola, mas isso é normal... Mas, a gente vê alunos trabalhosos ou com falta de respeito, brigando com o professor. Isso não, nessa escola, nunca vi, nem aluno querer bater em professor. Isso aqui não tem não. Aqui é bem... tranquilo. Porque muitas escolas aí fora que a gente vê isso. Então, aqui a queixa é mais, assim, da falta empenho, vontade de estudar e aprender! Mas não são todos. Tem aluno muito interessado. A senhora vê lá na sala, tem aluno muito interessado.

ENTREVISTADORA: Professor trace um perfil geral de seus alunos da escola ciclada.

PROFESSOR ARMANDO: São até comportados, mas a maioria não gosta de estudar.

ENTREVISTADORA: Sobre o planejamento anual da escola, você participa?

PROFESSOR ARMANDO: Todo ano tem planejamento e eu participo.

ENTREVISTADORA: Você ainda senta para planejar aulas?

PROFESSOR ARMANDO: Não, já está na cabeça... (risos). Eu planejo... mas tem muita coisa que eu não vou cortando do conteúdo. É como eu estava lhe dizendo sobre a parte de radicais. É um assunto chato, mas os alunos da 7ª e da 8ª série precisam. E é também nessas séries que os alunos levam o choque. Na 7ª série o aluno nunca viu álgebra, nunca viu letra, então é primeira vez e tem que ir com calma, eu não corro com a disciplina, pode reparar que eu não corro, às vezes, eu até atraso, mas eu prefiro dar a disciplina e o aluno aprender do que correr muito.

ENTREVISTADORA: Você utiliza a hora pedagógica para preparar material ou outros recursos para as aulas?

PROFESSOR ARMANDO: Na hora da HP, eu faço exercício, corrijo trabalhos.

ENTREVISTADORA: E sobre o livro didático, você utiliza costumeiramente?

PROFESSOR ARMANDO: Não uso muito não. Acho o livro incompleto. Tem assunto que não está bem explicado. Eu uso outro livro. É difícil usar aquele.

ENTREVISTADORA: Quando você ensina Matemática, a maioria das aulas é desenvolvida por meio de qual metodologia?

PROFESSOR ARMANDO: Eu explico bastante a matéria e ensino os alunos a resolver de várias maneiras. Por exemplo, eu estou dando uma equação biquadrada, começo uma equação normal, não é? Aí, eu ensino e se tiver três métodos, eu ensino todos. Como a senhora viu, todas aquelas aulas para os alunos aprenderem a calcular o valor de uma equação do 2º Grau. Eu ensino, a fórmula da soma, a fórmula do produto, $-b/2^a$, $-b/a$.

ENTREVISTADORA: E para que os alunos possam fixar o conteúdo de Matemática, você costuma passar que tipo de atividade com mais frequência?

PROFESSOR ARMANDO: Às vezes, eu passo trabalhos para eles fazerem. E eu passo, por exemplo, naquela última aula, passei cinco equações biquadradas. Agora, vou esperar para ver quem dos alunos vai fazer. Vai aparecer aluno que já fez, vai aparecer aluno que se enrolou para fazer. Alguns ainda me pedem ajuda e aí eu vou corrigindo. Agora, vai ter aluno que nem sequer pegou no exercício. Não faz nada.

ENTREVISTADORA: Você costuma passar dever de casa?

PROFESSOR ARMANDO: Não, dever de casa eu não passo.

ENTREVISTADORA: Você normalmente controla a realização das tarefas realizada pelos alunos? Ou seja, você passa as tarefas e depois corrige?

PROFESSOR ARMANDO: Corrijo. Principalmente esses que valem ponto eu controlo a entrega e corrijo.

ENTREVISTADORA: Quantos alunos nesta turma você considera que tem condições de acompanhar os conhecimentos matemáticos do 4º ciclo? Ou seja, alunos que conseguem acompanhar os assuntos que você explica.

PROFESSOR ARMANDO: Bem, que acompanha legal é mais ou menos um, é um terço. Uns dez alunos assim que acompanham mesmo. Agora, para passar mesmo, para passar, eu acredito que metade da turma tem condições.

ENTREVISTADORA: E sobre o sistema de avaliação que você adota na escola ciclada é diferente de como avalia em uma escola seriada?

PROFESSOR ARMANDO: Claro que é. De fato, eu passo trabalho, faço trabalho em sala de aula que vale nota, passo prova e ainda vale 10, mas eu considero os pontos do trabalho que passei e é por isso que no final a prova vale 11 ou 12. Tudo para ajudar o aluno no ciclo. Na série, não era assim.

ENTREVISTADORA: Você tem autonomia no processo de avaliação escolar da sua turma? Das turmas?

PROFESSOR ARMANDO: Tenho. Claro, claro. Quando eu passo um trabalho em sala de aula, o aluno fazendo, ele ganha a pontuação. Ah, vamos dizer, o trabalho vale 1,0 ponto, fez certo é um ponto. O aluno que fez pela metade, é, ganha 0,5 ponto, depois eu somo tudo.

ENTREVISTADORA: E a retenção no ciclo?

PROFESSOR ARMANDO: É aquilo que eu digo, não pode reter o aluno por meio ponto mas se o aluno não aprender, não acompanha, esse tem de ficar retido. Por exemplo, aquele aluno que não se interessa, que está em sala e não faz trabalho, não quer nada. E olha que muitas vezes na escola a orientadora já falou, nós os professores já falamos, a gente chama o pai do aluno, mas a maioria só vem mesmo se o aluno ficar reprovado. Os pais só aparecem se o filho passar, ou se ficar reprovado e na hora de matricular o filho. Pronto, acabou. Da turma que você acompanha eu acho que aqueles quatro grandalhões vão ficar retidos. Talvez até mais. Inclusive já falei sobre aqueles alunos com a professora que é de português. Eles estão do mesmo jeito, ou seja, não é somente em Matemática não, é nas outras também.

ENTREVISTADORA: Você conhece a Prova Brasil do Instituto Nacional de Pesquisa em Educação que busca avaliar o desempenho dos alunos das escolas públicas em Português e Matemática?

PROFESSOR ARMANDO: Eu conheço. (risos) Aí, na hora dessas provas que eu digo. O aluno de escola que não é ciclada, antigamente, era um aluno que queria estudar, queria aprender. Ele fazia uma prova dessa e a escola não passava vergonha. Ele passava... tirava boa nota. Era sim. Eles não faziam vergonha em Matemática, em Português... hoje em dia na escola ciclada isso é raro. Da turma aparecem uns três ou quatro na sala de aula interessados mesmo em Matemática. Os alunos não são curiosos de aprender nem coisa básica como geometria. Não sabem nem uma noção de ponto, uma estrela no firmamento é um ponto. O que é uma reta, o encontro entre duas paredes é uma reta. Eles não conseguem perceber que a matemática está em tudo. Até quando você escreve seu nome isso envolve uma análise combinatória. Isso é matemática.

ENTREVISTADORA: Sobre a Prova Brasil. No último certame, a “Escola Beta” participou e eu gostaria de saber se você teve alguma informação? Você preparou a turma para a prova? .

PROFESSOR ARMANDO: Acho que não porque quem... quem ficou foi o outro professor.

ENTREVISTADORA: Você considera a Prova Brasil um bom instrumento de aprendizagem para a avaliação do desempenho dos alunos?

PROFESSOR ARMANDO: Considero. Eu considero importante o aluno fazer tanto a Prova Brasil como outros concursos. Afinal é sempre bom para ver o conhecimento do aluno. Aqui na “Escola Beta” todo ano nos fazemos um simulado. Isso é para ajudar o aluno a viver a experiência de como é fazer esse tipo de prova, o simulado. O simulado é bom porque o aluno pega prática, e se for fazer uma outra prova seletiva ele já sabe como é.

ENTREVISTADORA: Este ano eles vão participar novamente da Prova Brasil. Está prevista agora para outubro.

ENTREVISTADORA: O senhor acha que essas provas, tipo Prova Brasil, são um mecanismo positivo de avaliação?

PROFESSOR ARMANDO: Sim, eu acho positivo. Tem aluno que precisa para pegar mais prática, verificar o quanto aprendeu. Eu acho que quanto mais prova o aluno fizer melhor para ele. Mas o problema é que esses meninos não gostam de estudar, de ler. Olha só, a escola tem uma biblioteca, mas quem disse que os alunos vão lá para ler?...

ENTREVISTADORA: Não vão?

PROFESSOR ARMANDO: Que nada!!!! A biblioteca é até boa, grande, tem livros bons com escritores brasileiros. Mas eles nem ligam. Eu já lancei um livro e já vou lançar o 2º volume, Caminho de Luz. Fala um bocado de religião, passa boas mensagens ... mas eles não se interessam.

ENTREVISTADORA: O que o senhor me deu, eu gostei muito.

PROFESSOR ARMANDO: Falta o aluno ler. Está faltando é leitura. Eles deviam ler. Às vezes, ninguém dá valor nem para o jornal que vem para a escola, nem mesmo o professor. Tem professor que só lê jornal quando o Paysandu ganha ou o Remo.

ENTREVISTADORA: Hum... (esperando a conclusão da resposta)

PROFESSOR ARMANDO: Se o aluno lesse mais, ele tinha uma visão melhor dos acontecimentos, escreveria melhor e seria mais culto.

ENTREVISTADORA: Ok, professor. Já é tarde, eu sei que o senhor já está cansado e eu gostaria de agradecer muitíssimo a entrevista concedida. Suas informações foram muito importantes para o meu trabalho. Eu lhe agradeço imensamente pela colaboração.

APÊNDICE C - Entrevista 3

Esta entrevista faz parte de uma das etapas da coleta de informações de “Um estudo da prática pedagógica de professores de matemática do IV ciclo da Rede Municipal de Belém”, de responsabilidade da pesquisadora Maria de Lourdes Santos Melo, professora da Universidade do Estado do Pará. Foi realizada no dia 1º de dezembro de 2009, na sala de informática da escola, com uma das gestoras da escola Alfa que ocupa ao cargo de Coordenadora Pedagógica. Por questões éticas a pedagoga terá sua verdadeira identidade preservada sendo-lhe atribuído o nome de Luciana.

ENTREVISTADORA: Qual sua idade?

LUCIANA: 35 anos.

ENTREVISTADORA: Qual sua graduação?

LUCIANA: Pedagogia.

ENTREVISTADORA: Pedagogia. Em que instituição fez?

LUCIANA: Na UFPA.

ENTREVISTADORA: Em que ano você terminou a graduação?

LUCIANA: 96.

ENTREVISTADORA: Você fez outro curso de graduação além de Pedagogia?

LUCIANA: Não. Eu fiz as habilitações. Lá na Federal tinha as habilitações depois do curso de graduação. Aí, eu fiz Administração, Orientação e Supervisão, mas essa eu não concluí. Porque eu fui chamada para o concurso e aí acabei não tendo tempo pra concluir a Supervisão.

ENTREVISTADORA: Você fez algum curso de pós-graduação?

LUCIANA: Sim.

ENTREVISTADORA: Qual?

LUCIANA: Informática Em Educação.

ENTREVISTADORA: Ok. Agora, nós vamos falar um pouco sobre a sua trajetória profissional. Você se identifica com a atividade profissional que exerce?

LUCIANA: Sim.

ENTREVISTADORA: Por quê?

LUCIANA: Ah...(reflete). Não sei, é... eu ajudo as pessoas... eu gosto!

ENTREVISTADORA: Tem perfil?

LUCIANA: É.

ENTREVISTADORA: Você exerce outra profissão além de gestora?

LUCIANA: Atualmente, como professora das séries iniciais.

ENTREVISTADORA: Que série você leciona?

LUCIANA: 2ª série.

ENTREVISTADORA: Há quanto tempo você trabalha na gestão educacional?

LUCIANA: 9 anos.

ENTREVISTADORA: E na rede municipal?

LUCIANA: 9 anos.

ENTREVISTADORA: Você trabalha em outra rede escolar?

LUCIANA: No Estado. Na SEDUC.

ENTREVISTADORA: É lá que você exerce a profissão de professora?

LUCIANA: Sim, lá eu sou professora.

ENTREVISTADORA: Quais as principais razões que levam você a optar por esse trabalho na gestão?

LUCIANA: Quando eu optei por fazer as habilitações é porque eu... já naquela época, não me identificava muito com sala de aula. Eu, apesar de não ter experiência, não tinha desejo de atuar em sala de aula. Sei lá, algo já me dizia assim “não era bem aquilo que eu queria”, isso em relação ao trabalho na sala de aula, não é?

ENTREVISTADORA: Hum... sala de aula.

LUCIANA: É... isso é tão verdade que, por exemplo, hoje que eu sou professora, eu (reflete)... assim, me esforço. Planejo, eu acho que dou até uma boa aula. Mas, assim, pelo meu esforço de planejar, de buscar atividade diferente. De... cumprir com aquelas exigências todas de educador, mas, particularmente, eu não me identifico como professora não. Eu não gosto muito. Me esforço bastante para fazer o melhor que posso, até porque eu escolhi aquilo, fiz o concurso para aquilo, então se eu escolhi, eu tenho que...

ENTREVISTADORA: ...desenvolver da melhor forma possível.

LUCIANA: Exatamente. Mas, assim, não é...

ENTREVISTADORA: ...a sua praia. (risos)

LUCIANA: (risos). É... exatamente.

ENTREVISTADORA: Então, quais são seus planos ligados a sua vida profissional para os próximos anos? O que é que você pensa de estar fazendo daqui com mais quatro ou cinco anos?

LUCIANA: Bem, eu ainda pretendo ficar na coordenação, eu gosto desse trabalho de coordenar. De lidar com os professores, de lidar com os alunos, de organizar o trabalho pedagógico da escola. Elaborar calendário, organizar o planejamento, isso eu gosto de fazer. Assim, de ter contato com os alunos. Por exemplo, eu vou nas salas, quando é possível desenvolvo trabalho com os alunos. Tudo bem que é esporádico, que eu vou um dia, aí dependendo da turma, desenvolvo uma atividade com um determinado tema, com um determinado assunto. Isso aí eu gosto. Mas, assim, eu não estou lá todos os dias. Com os mesmos alunos, com as mesmas turmas. Fazendo aquele trabalho rotineiro. Rotineiro que eu digo dia a dia, não é?

ENTREVISTADORA: Ok. Então, em relação ao seu trabalho como gestora, de forma global você está: muito satisfeita, muito insatisfeita, nem satisfeita, nem insatisfeita.

LUCIANA: Eu acho que eu estou no meio termo. Eu não estou assim muito satisfeita, mas também não estou assim tão infeliz no meu trabalho.

ENTREVISTADORA: Está satisfeita.

LUCIANA: Estou, trabalho, gosto de trabalhar...

ENTREVISTADORA: Aqui você se sente bem?

LUCIANA: Sim. Me sinto bem no meu local trabalho. Gosto da escola e do clima que temos aqui.

LUCIANA: Hum... (reflete). Primeiro é o respeito. Que passa pela valorização daquele profissional quando ele faz alguma coisa ou, sei lá, deixa de fazer. Porque, assim, o professor, quando ele vai lidar com o gestor, ele olha muito o lado dele. Não todos os professores, mas, principalmente a categoria de 5ª à 8ª série. Os professores de licenciaturas. Então, eu não sei como foi a formação deles lá na Federal, é... lá na Universidade. O problema é que a maioria deles acha que tem apenas que saber e dominar bem a sua disciplina. O resto é com o pedagogo. O resto é com a família, o resto é com qualquer outra categoria, menos com ele. Ele acha que ele tem que dominar a sala de aula dele, é a aula dele e pronto. E... geralmente o coordenador, o gestor, ele não é bem visto pelos professores. Até pela trajetória histórica, de que o técnico ele surgiu para controlar, não é? Os professores, então, desde aí já vem com essa carga negativa em relação aos técnicos. Hoje já até mudou um pouco. Por quê? Nós estamos em outra época e a formação dos coordenadores é outra. Nós estamos percebendo isso pelos novos técnicos que estão chegando às escolas. Na própria Rede Estadual que não tinha o

serviço técnico e hoje já tem. E os professores também estão tendo a oportunidade de ver que esse técnico, ele não é mais aquele de 20 anos atrás, que estava ali mais para perseguir, para controlar, para fiscalizar. Pelo menos essa é a minha visão. Quer dizer, eu já fui formada dentro dessa outra ótica. Da gestão atuante, da participação, entendeu? Quando eu cheguei aqui na escola, eu percebi isso muito forte. Dessa relação do técnico com o professor. Então é assim, uma coisa é o técnico chegar lá na sala dos professores e colocar uma determinada situação, outra coisa é um representante de professor falar a mesma coisa lá na sala dos professores, que a aceitabilidade é diferente. Já foi muito pior. Hoje já está bem melhor. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Ok. Então, nós vamos falar agora de liderança profissional. Como você costuma agir para que as tarefas do dia a dia escolar sejam realizadas? Como é seu modelo de atuação? Como é que você age para lidar com os professores, qual a sua estratégia para que as coisas funcionem?

LUCIANA: Primeiro é... a minha relação, assim, é muito boa... (riso) (dá uma pausa)...

ENTREVISTADORA: (Alguém entra na sala e solicita a algo de Luciana. Minutos depois... (retomando): Deixa eu lembrar, ah, sim.....é não adianta a gente ir muito para o embate porque acabamos não conseguindo. Então, eu tenho uma boa relação com os professores, com os funcionários da escola, os alunos, e através dessa minha boa relação é que eu vou conseguindo alguma coisa. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim. Como você caracteriza o seu estilo administrativo?

LUCIANA: Bem é... mais na linha da gestão democrática. Não sei ser autoritária. (risos).

ENTREVISTADORA: Cite três principais objetivos a serem atingidos por sua escola no seu turno. Três objetivos importantes de modo geral para escola que ainda precisam ser atingidos.

LUCIANA: Aprendizagem, a gente não pode fugir dela, não é? Além da aprendizagem... é... o resgate dos valores entre eles (alunos), o respeito que a gente precisa, não é? A gente percebe que cada vez mais esses valores estão se perdendo. [...] É isso aí mesmo. Temos de fazer um trabalho diferenciado. Mostrar que a gente tem condições de fazer melhor.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, como você pode colaborar para alcançar os objetivos que citou? Os três objetivos.

LUCIANA: Como que eu posso fazer para alcançar?

ENTREVISTADORA: Isso. Ajudar a alcançar. Que a gente sabe que são objetivos coletivos, não é verdade?

LUCIANA: Bem... é acompanhar, não é? O rendimento do aluno através da ficha-avaliativa. Eu tenho a ideia de como é que ele está ali nas disciplinas, o desempenho nas disciplinas, conversar com esse aluno, chamar a família, e... conversar com os professores. Ver até que ponto a gente pode ajudar.

ENTREVISTADORA: Perfeito. É... sobre os valores, como é que você trabalha?

LUCIANA: Os valores têm de ser conversando bastante. Não tem outro jeito. É na base da conversa, é... com diálogo na sala da coordenação, na sala de aula, na convivência diária, porque também não adianta a gente na sala de aula falar uma coisa e na convivência com eles a gente ter uma outra postura. Nós precisamos ter uma mesma postura o tempo todo. E isso a gente vive na prática. Das relações mesmo, no dia a dia.

ENTREVISTADORA: E sobre trabalho diferenciado? O que é que você tem feito para fazer um trabalho diferenciado?

LUCIANA: O trabalho diferenciado é... assim, a escola quando ela... (pensa) hoje ela é tida como escola de referência no município, não é? Através também do desempenho no IDEB. E também porque a gente tem uma equipe boa, concorda? Uma equipe boa de professores que tem condições, que são competentes, e que a gente tem condições de fazer coisas novas, melhorando a cada ano, porque também a gente não pode parar. Nós estamos bem, mas não podemos parar, não é mesmo? Estamos bem, mas temos condições de fazer melhor, então, a gente vai fazer o melhor, procurar fazer o melhor.

ENTREVISTADORA: Em se tratando de liderança profissional, na sua opinião, quais as características-chave que um líder deve ter para trabalhar com as questões da escola. Por quê?

LUCIANA: Competência técnica e política.

ENTREVISTADORA: Hum... (esperando a coordenadora concluir)

LUCIANA: Porque, primeiro, você tem que dominar sua área, é... aquele conhecimento técnico da sua função. E também tem que ter jogo de cintura. Tem que saber lidar com essas variedades de questões que surgem no dia a dia.

ENTREVISTADORA: Lidar com pessoas?

LUCIANA: Sim. Lidar com pessoas. Lidar com os recursos que muitas vezes não são tão... assim, não tem em grande quantidade, ou seja, recursos que, às vezes, faltam. E isso muitas vezes já gera um motivo para não acontecer determinada atividade por falta daquele recurso e aí nos temos que saber mediar isso tudo.

ENTREVISTADORA: Ok. Então nós vamos falar agora dos objetivos e visões compartilhadas dentro desse trabalho na escola como gestora. Você considera que os membros da equipe de técnicos de sua escola possuem um consenso a respeito dos objetivos e valores que desejam para a escola? Foi aquilo que você falou

ainda agora, há um consenso? Ou próximo de um consenso dos outros técnicos da escola?

LUCIANA: É... é próximo de um consenso porque a gente tem (reflete)... sempre alguém que pensa diferente, não é? O nosso grupo... ele é bem heterogêneo. Mas... no geral... a escola tem sim um mesmo pensamento em relação a esses objetivos.

ENTREVISTADORA: Você acha que realmente todo mundo quer a melhoria da escola, uma escola bem sucedida?

LUCIANA: O que diverge um pouco é em relação aos procedimentos que cada um adota. É o que diferencia... (pausa) você entende bem o que eu quero dizer, não é?

ENTREVISTADORA: Sim.

LUCIANA: O objetivo é o mesmo, mas cada um acaba... é... tomando um procedimento diferente.

ENTREVISTADORA: Formas de administrar diferentes?

LUCIANA: Isso

ENTREVISTADORA: Você já falou um pouco, mas dê exemplo de como eles colocam isso em prática. Como é que vocês fazem isso acontecer? Colocam esses objetivos em prática?

LUCIANA: Os objetivos relacionados à... aprendizagem?

ENTREVISTADORA: À escola.

LUCIANA: Como é que a gente coloca em prática? Eu acho que a gente até já respondeu isso aí.

ENTREVISTADORA: É você já falou um pouco.

LUCIANA: É que a gente faz um trabalho muito, assim, a coordenação faz um trabalho com as turmas, com os alunos. Um trabalho bem de perto mesmo. De acompanhar, de entrar em sala e de conversar. De chamar para ouvir o que é que está acontecendo, e encaminhar, em alguns casos, encaminhar para setores responsáveis, entrar em contato com a família, por exemplo. Então esse acompanhamento com o aluno, buscamos fazer na escola em todos os turnos, entende? Os técnicos, eles são... (reflete)... todos nós nos damos bem. A gente desenvolve bem esse trabalho juntos.

ENTREVISTADORA: Então, você diria que há colaboração entre os membros da equipe de gestão de maneira consistente?

LUCIANA: Sim, sim, porque apesar de cada coordenador ter lá suas turmas que ele coordena, nós nos ajudamos quando necessário. Na falta de um, o outro está ali para atender e responder pelo colega.

ENTREVISTADORA: Ok. É... as tomadas de decisões ocorrem de forma participativa?

LUCIANA: Entre os técnicos ou na escola como um todo?

ENTREVISTADORA: Entre a equipe da escola.

LUCIANA: Olha, a gente ainda precisava melhorar um pouco esse aspecto. Porque, assim, na hora da discussão, na hora do planejamento, na hora da elaboração, há uma participação muito boa. Na hora da execução, nós temos ainda alguns problemas com alguns, não é? Alguns membros. Uns são bem participativos, são responsáveis, são comprometidos, mas nem todos são assim. Nem todos pensam e agem assim.

ENTREVISTADORA: Certo. Responda agora sim ou não. Você diria que entre os grupos de técnicos e gestores da sua escola há uma unidade de propósito? Sim ou não?

LUCIANA: Unidade entre os técnicos?

ENTREVISTADORA: Sim. Unidade de propósitos.

LUCIANA: Eu acho que nem tanto assim... (reflete)... (risos)

ENTREVISTADORA: Seria mais ou menos? (risos)

LUCIANA: Bem, há divergências e elas são bem claras, assim, nessas reuniões, nas atividades práticas... de cada coordenação, a gente percebe sim.

ENTREVISTADORA: Certo.

LUCIANA: Até porque entre os membros da coordenação tem que ter um mínimo de entendimento entre nós.

ENTREVISTADORA: ... para poder desenvolver o trabalho.

LUCIANA: Porque se não fica difícil, não é?

ENTREVISTADORA: Você acha que há uma prática consistente?

LUCIANA: Há.

ENTREVISTADORA: E há participação institucional? Todos estão trabalhando pela instituição, todo mundo veste a camisa da Escola Alfa?

LUCIANA: Não.

ENTREVISTADORA: Não?

LUCIANA: Em alguns momentos, não. Isso depende também da direção.

ENTREVISTADORA: Depende da direção?

LUCIANA: É... depende da direção. Então...

ENTREVISTADORA: Porque depende?

LUCIANA: Bem, porque muitas pessoas agem diferente em relação à gestora que está na direção, ou seja, no cargo de diretora.

ENTREVISTADORA: Ah, está bem. Entendi agora.

LUCIANA: Por exemplo, dependendo de cada diretor que está no comando da escola, a prática desse diretor é diferente.

ENTREVISTADORA: Como assim?

LUCIANA: Ela é diferente porque nós tivemos, por exemplo, um tipo de direção e as pessoas trabalhavam de determinada forma, por quê? Porque aquela direção tinha uma prática um pouco autoritária, entende? Trabalhava muito com essa questão de controlar o funcionário, os horários, e aí todo mundo entra na linha, assim, direta ou indiretamente, gostando ou não, mas entrava naquele ritmo de trabalho.

ENTREVISTADORA: Entendi.

LUCIANA: Essa foi um época assim tensa, não é? Gerou um clima pesado e conflituoso na escola, entende? Por quê? Porque alguns também não querem assumir aquele compromisso. Aquela função que é própria do cargo. E aí, algumas direções são mais autoritárias, ou menos autoritárias. E assim nossos colegas muitas vezes acabam por ter práticas diferenciadas nas gestões. Se comportando de acordo com a tendência de cada gestão.

ENTREVISTADORA: Há colaboração entre o grupo?

LUCIANA: Sim, há colaboração sim.

ENTREVISTADORA: Agora, vamos falar do ambiente de aprendizagem. Você considera que na escola existe um ambiente ordenado de trabalho?

LUCIANA: Sim.

ENTREVISTADORA: E por quê?

LUCIANA: Sim. Existe uma organização, é uma escola que não é tão grande, é uma escola até pequena em que a gente consegue trabalhar e tem os espaços. Uma escola que tem os espaços físicos, como por exemplo, tem um laboratório de

informática, um sala de leitura, tem agora a nossa quadra que já está coberta. As salas de aula, nós temos quatro salas de aula climatizadas, e... a cada ano a gente vem aumentando esse número de salas climatizadas. E a própria organização da escola, da equipe técnica, uma equipe que é atuante. A gente tem toda uma organização e eu acredito que existe sim um ambiente ordenado de trabalho.

ENTREVISTADORA: Você diria que também existe um ambiente de trabalho atraente para os professores e para os alunos?

LUCIANA: Sim, sim, até porque apesar dessa organização também, há uma flexibilidade por parte da gestão, é... em relação aos professores. Porque a gente sabe, que os professores, eles têm uma carga horária não só no Município, mas no Estado e em outras escolas, então, às vezes, o professor está com uma dificuldade em relação ao horário, o tempo, desenvolver alguma atividade, sei lá. A escola, ela tem essa abertura, essa flexibilidade de ir e negociar, entendeu? com esse professor. “Olha não dá para eu vir hoje, mas eu venho no sábado repor... não dá para eu vir hoje, mas eu vou compensar de uma outra forma... está entendendo”?

ENTREVISTADORA: Isso faz com que vocês tenham professores aqui que trabalham há dez, doze anos, não é verdade?

LUCIANA: Isso!

ENTREVISTADORA: Legal. Vamos falar de concentração no ensino e na aprendizagem. Você considera que existe uma preocupação da maioria dos professores com a utilização máxima do tempo para o processo de ensino-aprendizagem dos assuntos? Ou seja, você considera que a maioria dos professores dá uma ênfase acadêmica para o seu próprio trabalho?

LUCIANA: Sim.

ENTREVISTADORA: Um bom aproveitamento? Não existe muito aquela coisa de utilizar mal o tempo de aula?

LUCIANA: não. Quando eles estão presentes na escola não temos esse problema.

ENTREVISTADORA: Ok. De um modo geral, você diria que a equipe técnica e o corpo docente têm como foco principal o melhor desempenho dos alunos? Você acha que a equipe técnica quer isso e também os professores? Ou é mais a equipe técnica que fica cobrando dos professores?

LUCIANA: Acredito que sejam os dois grupos. Claro que há exceções, entre nós e os professores, há aqueles que não estão tão preocupados assim. Mas também tem aqueles que estão preocupados com a questão da evasão, da evasão não, do baixo rendimento. E... tem professores que são mais comprometidos e eles acabam é... ficando assim mais angustiados quando algum aluno está com dificuldade, com os alunos que vão ficar retidos. Mas, outros não demonstram nem uma preocupação.

ENTREVISTADORA: Para eles é natural?

LUCIANA: É. Eles acham que é assim: “não sabe, não sabe! Tem que ficar retido mesmo. Não quis nada, brincou o ano todo, então é isso aí”.

ENTREVISTADORA: Agora, sobre o ensino e objetivos claros. Você considera que na escola existem condições favoráveis para o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem? Por quê? Existem condições favoráveis para se fazer esse trabalho?

LUCIANA: Eu acredito que sim, até acho que eu já respondi isso aí antes.

ENTREVISTADORA: Foi.

LUCIANA: Acredito que sim, pela própria estrutura física, pela... pelo número de professores, a formação dos professores, a competência dos professores.

ENTREVISTADORA: Você considera as aulas ministradas pela maioria dos professores bem estruturadas ou pouco estruturadas?

LUCIANA: Pela maioria...

ENTREVISTADORA: Bem estruturadas ou pouco estruturadas?

LUCIANA: Olha, eu diria assim, que... a maioria dos professores é... já tem uma experiência, não é? Anos de magistério, geralmente, esses professores acham que já têm aquela matéria na cabeça. E o planejamento finda sendo uma xerox do ano anterior e que ele tira para o ano seguinte, entendeu? Eu acho que poderia sim melhorar um pouco, eu vejo que... (reflete) alguns professores precisam melhorar, alguns detalhezinhos, coisas mínimas, mas assim que eu acho que... que seria importante. No trabalho dele lá na sala de aula e conseqüentemente na aprendizagem dos alunos.

ENTREVISTADORA: Ok.

LUCIANA: Principalmente assim é... em relação a avaliação...É a gente percebe assim umas provas....Enquanto coordenação, a gente vê assim que são provas de colegas que poderiam estar bem mais elaboradas. Bem melhor elaboradas.

ENTREVISTADORA: Eles permitem que vocês deem opinião?

LUCIANA: Não. Geralmente, quando o técnico vai falar alguma coisa, o professor não aceita. Diz que ele é o professor da disciplina e que ele faz daquele jeito porque o aluno de outro jeito não consegue responder, entendeu? Por isso, que ele faz daquela forma.

ENTREVISTADORA: Você considera que o ensino ministrado na escola é adaptado à realidade dos alunos? Os professores têm essa preocupação? De aproximar os conteúdos da realidade, da vida dos alunos, das necessidades?

LUCIANA: Eu... acho que mais ou menos. Não acho assim que tem uma grande preocupação não. É como eu te coloquei, alguns professores são mais sensíveis a

isso e outros, não. Alguns têm essa preocupação de saber como é a realidade do aluno, e tentam trabalhar um pouco isso daí, mas outros, não. Estão mais preocupados em passar o conteúdo da sua disciplina e pronto.

ENTREVISTADORA: Você considera que a Rede Municipal, no caso SEMEC, tem desenvolvido ações para a melhoria do desempenho da escola na Prova Brasil? Ou seja, se a SEMEC possibilita isso e até que ponto a escola também se preocupa com essa questão?

LUCIANA: Acredito que a SEMEC... não contribui não. O desempenho do IDEB é mérito da escola mesmo. É do trabalho da escola, da equipe. Não vejo tanta preocupação, nem da Rede nem dos professores. Pelos menos, eu não vejo assim... porque se eu fosse professor, eu pegaria as provas anteriores, e trabalharia em cima dessas provas, não é? trabalhando o meu conteúdo, daquela forma como a prova é cobrada para os alunos. Mas, eu não vejo essa preocupação dos professores.

ENTREVISTADORA: Concordo com você, pelo que eu consegui observar aqui no semestre em que estive presente.

LUCIANA: Porque na prova passada, teve uma olimpíada de Matemática, não foi? Houve uma olimpíada de Matemática que a escola participou. E aí eu comuniquei para os professores “olha, gente, vocês têm um modelo da prova, vocês podem ficar com esses modelos para trabalharem em sala, se não der esse ano que já passou o planejamento, pensem para o próximo ano. Coloquem isso já no planejamento de vocês”. Mas que eu saiba nem um fez isso. Assim, não posso dizer que nenhum, porque pode ser que tem algum lá que eu desconheça. Mas, assim, da maioria, não vejo essa preocupação não.

ENTREVISTADORA: Vamos falar exatamente disso, das altas expectativas. Eu lhe pergunto: você considera que os docentes e o corpo técnico acreditam que os alunos são capazes de superar suas limitações socioculturais? (nova interrupção. A pedagoga resolve o problema e depois retomamos.)

LUCIANA: Sim, onde paramos?

ENTREVISTADORA: Se os docentes, eles acreditam na capacidade dos alunos superar suas limitações socioculturais?

LUCIANA: Eu gostaria de acreditar (risos) que... a categoria acreditasse mais nos alunos e no potencial deles. Mas, assim, em algumas falas, a gente percebe que não. Que alguns não acreditam na capacidade dos alunos. Acho até que alguns colegas são bem resistentes mesmo “ah, aquele aluno não vai aprender”, entendeu? “Não estuda, não quer nada.”

ENTREVISTADORA: Você considera que os professores e pais têm grandes expectativas em relação aos seus alunos?

LUCIANA: Eu acho que os pais bem mais que os professores. Os pais acreditam mais, têm mais expectativas em relação ao desempenho dos alunos.

ENTREVISTADORA: ... e os professores nem tanto?

LUCIANA: É, e os professores nem tanto. Até porque, assim, é um ou outro aluno que demonstra...

ENTREVISTADORA: ... um potencial...

LUCIANA: É, um potencial.

ENTREVISTADORA: Ok. A escola, professores e a equipe pedagógica costumam divulgar os bons resultados alcançados pelos alunos? Quando algum aluno ganha um prêmio?

LUCIANA: Fazemos sim...

ENTREVISTADORA: Acontece alguma coisa interessante. A escola divulga, ela tem um *blog*? Ela tem um... algum sistema de divulgação?

LUCIANA: Não, a gente divulga na própria escola. Apesar de que a escola tem *blog*, não é? Mas... esses resultados, geralmente, a gente coloca aqui nos quadro de avisos. No *blog*, eu não tenho conhecimento que tenha ido essa informação, até porque ultimamente a gente anda com o nosso *blog* parado, está assim desatualizado.

ENTREVISTADORA: São desenvolvidas na escola atividades que estimulem a participação dos alunos em desafios intelectuais?

LUCIANA: Um pouco. Um pouco. Eu não acho que seja assim muito não. Mas, por exemplo, é... a gente estimula quando tem as olimpíadas de Matemática, os concursos que aparecem.

ENTREVISTADORA: E feiras culturais...

LUCIANA: Estimulamos a participação em feira cultural, é a própria prova do IFETE.

ENTREVISTADORA: Sim?

LUCIANA: Sim. Na prova do CEFET muitos de nossos alunos saem daqui para fazer e são aprovados.

ENTREVISTADORA: E vocês divulgam esses resultados para a comunidade?

LUCIANA: Sim, divulgamos.

ENTREVISTADORA: Legal. Que bom!

LUCIANA: Inclusive, nós temos alguns ex-alunos que hoje são professores aqui na escola, que estudaram na Escola Alfa. Eles retornam como profissionais.

ENTREVISTADORA: Você considera que existe uma disciplina clara e justa na escola?

LUCIANA: Clara e justa. (risos) Existe uma disciplina, eu acho até que precisava ser mais disciplinada.

ENTREVISTADORA: (risos)

LUCIANA: Justa, sim. Eu estou achando que ela precisa ser mais eficaz. É, eu acho que talvez a gente tenha que... que disciplinar mais a escola.

ENTREVISTADORA: Existe algum tipo de organização estudantil na escola?

LUCIANA: Não. Só os representantes de turma. Mas assim, representantes de turma e representantes de alunos no Conselho Escolar.

ENTREVISTADORA: Associação, grêmio...?

LUCIANA: Associação, grêmio, a gente não tem.

ENTREVISTADORA: Existe algum tipo de organização docente na escola?

LUCIANA: Não.

ENTREVISTADORA: Existe algum tipo de organização de pais na escola?

LUCIANA: Não. Todas essas categorias têm sua representatividade no conselho escolar.

ENTREVISTADORA: Você considera o conselho escolar atuante?

LUCIANA: É. Relativamente.

ENTREVISTADORA: Há um retorno para os alunos sobre suas solicitações ou decisões que os envolvam? Como exemplo, se eles solicitam a quadra ou um espaço para brincar ou alguma coisa assim, e aí vocês, enquanto equipe, decidem e depois retornam para os alunos quando pode ou não e por quê?

LUCIANA: Olha, a demanda dos alunos, ela é muito ingênua. Tanto é que a participação deles no Conselho é bem... é bem, assim, precária mesmo. Eles participam da eleição, participam de algumas reuniões, depois eles somem. Então, praticamente, não tem tanta demanda assim. Quem acaba trabalhando mesmo e ouvindo os alunos é a própria Coordenação. Somos nós quem mais ouve essa clientela. As sugestões, os pedidos, acabam chegando até a coordenação que ouve e por ouvir muito e sentir essa realidade de perto, a gente acaba levando as questões para o Conselho.

ENTREVISTADORA: Quais são as maiores dificuldades que vocês têm para lidar com os alunos? Em relação à parte disciplinar?

LUCIANA: As maiores? É a indisciplina, não é? A falta de respeito. Eu acho que tem aumentado. A cada ano tem ficado mais difícil de a gente lidar com o aluno. Por essa questão. Porque ele não quer mais respeitar. Então, não interessa de, é... o diretor, se é o Conselho, ele não está nem aí. Ele acha que a escola está aqui para atendê-lo e pronto, entendeu? Não que a escola não seja dele, mas, às vezes, tem coisas que não dá para aceitar... aí, a gente tem dificuldade em relação a isso.

ENTREVISTADORA: Há problemas de violência na escola? Assim, violência mais explícita, mais...

LUCIANA: Não. Violência assim muito grave não. Mas a gente tem pequenas violências, como agressões verbais, essas são frequentes...

ENTREVISTADORA: E em relação aos professores?

LUCIANA: É mais de aluno para aluno. Há casos isolados, também existem de aluno com o professor. E vice-versa.

ENTREVISTADORA:... problemas com drogas? Temos?

LUCIANA: Não.

ENTREVISTADORA: Não é frequente?

LUCIANA: Não.

ENTREVISTADORA: Você considera que existe um trabalho de monitoramento do desempenho escolar dos alunos aqui na Escola Alfa?

LUCIANA: Do desempenho, sim. Dos alunos, sim.

ENTREVISTADORA: Ok. Como e por quem é feito o trabalho da avaliação do desempenho da escola?

LUCIANA: Como é feito? Bem, todo final de ano é feito um trabalho, até para tirar o percentual de retenção e avanço, isso daí é feito pela direção, eu não sei se pela direção ou pela própria secretaria. Eu já cheguei a fazer uma vez porque a direção me pediu. Mas... não sei exatamente, especificamente, para quem e a quem é destinado esse trabalho. Se a Secretaria ou Direção. Acho até mais para a Secretaria. Porque a Secretaria tem os números, trabalha com números. Trabalha com estatística.

ENTREVISTADORA: Estatísticas, é? Como é e por quem é feito? Então, o percentual de retenção nos ciclos é alto?

LUCIANA: Não.

ENTREVISTADORA: Não? Por que você acha que não?

LUCIANA: Primeiro, porque o ciclo, ele tem essa duração de dois anos. Então, no primeiro ano do ciclo, quando a coordenação e os professores sentam para fazer o pré-conselho, é... já tem a ideia de como está a situação do aluno no meio do ciclo é... se deve haver retenção ou não. A retenção, ela existe, mas naqueles casos extremos. Então, só aí você já diminui bastante o percentual de retenção na escola. Quando é final de ciclo, aí, é diferente. Aparecem alguns casos. Acho que também há uma preocupação é... não sei se preocupação, mas final de ciclo, aliás, já não tem mais aquela preocupação anterior, de que não pode haver retenção. Então, ali a gente já, a escola já segue mais aqueles critérios que são definidos para o aluno avançar ou ficar retido. Mas, ainda assim, não é muito alto o percentual de retenção na escola.

ENTREVISTADORA: Quais são os fatores mais considerados, na sua percepção como coordenadora, no processo de avaliação dos alunos nas disciplinas? Quais os fatores a que os professores dão mais relevância?

LUCIANA: Domínio de conteúdo. Continua domínio de conteúdo porque... a gente percebe muito isso nas fichas avaliativas que tem lá dois critérios: um para a participação e outro mais relacionado ao domínio de conteúdo. Então, é... se o aluno tira “B” aqui no domínio de conteúdo, ele tira, o professor acaba, muitas vezes, repetindo esse conceito “B” lá na participação. Mas se o aluno tira “I” ele também fica com “I” na participação.

ENTREVISTADORA: Fica vinculado?

LUCIANA: É, não consegue. Se o menino é péssimo em comportamento, aí ele quer muitas vezes também pegar esse péssimo comportamento como um aspecto para diminuir lá o conceito dele. “Ah, porque ele é ruim, ele dá trabalho...”

ENTREVISTADORA: A escola costuma atribuir ponto para a participação em festas, desfile, gincana e outras atividades? E o que você pensa sobre isso?

LUCIANA: Olha, aqui na escola, nós atribuímos pontos para a mostra cultural. Esse evento geralmente acontece no final do ano de acordo com o tema, que no início do ano já é planejado. Por exemplo, agora estamos com o tema da sustentabilidade. O ano passado foi sustentabilidade ambiental, mas esse ano a sustentabilidade está mais voltada para a questão dos valores. Resgate dos valores.

ENTREVISTADORA: Muito interessante e inclusiva a temática. Agora, vamos perguntar sobre direitos e responsabilidades do aluno. Na escola, são desenvolvidas ações para aumentar a autoestima dos alunos? Se sim, você poderia citar alguma delas?

LUCIANA: Olha, essas ações ficam mais assim a nível de Coordenação. Por exemplo, a gente percebe alguma situação ocorrida na sala de aula, e aí vamos intervindo. Passamos nas salas de aula e fazemos nosso trabalho. Trabalhamos muito na orientação com os alunos.

ENTREVISTADORA: Ok. Como você avalia a posição de responsabilidade dos alunos em relação a sua própria aprendizagem?

LUCIANA: Bem,.. a responsabilidade dos alunos, de uma forma geral, eles não são muito responsáveis, não é? E eu não sei se por conta da idade. Já acho até que às vezes... levando essa questão da responsabilidade de aluno e filho, parece que é igual. Fica dependendo sempre do adulto para dizer o que ele tem que fazer “vamos estudar!” “vamos entrar em sala”, “vamos.....” porque se não eles, não fazem.

ENTREVISTADORA: Hum. E há um monitoramento ou controle dos trabalhos dos alunos? Assim de um modo geral, tanto por parte dos professores, como do corpo técnico?

LUCIANA: Do corpo técnico não. Mais por parte dos professores. Nós, somente quando solicitados, aí sim a equipe técnica entra na sala para poder conversar com os alunos sobre isso.

ENTREVISTADORA: Certo. E vocês têm psicólogo na escola?

LUCIANA: Não. Nós não temos psicólogo, inclusive a SEMEC não tem para atender a demanda escolar.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião a maioria dos alunos é interessada nas atividades da escola?

LUCIANA: Sim, quando as atividades são extraclasse.

ENTREVISTADORA: Nas atividades extras?

LUCIANA: Principalmente nas extras. Eles adoram fazer.

ENTREVISTADORA: E nas das salas de aula?

LUCIANA: Nas de sala, menos. (risos)

ENTREVISTADORA: (risos). Entendo... a parceria casa-escola, ela existe? Assim, de um modo geral, como você analisa o envolvimento dos pais, ou a participação dos pais na aprendizagem dos próprios filhos? Qual a sua avaliação? Como você percebe o envolvimento dos pais?

LUCIANA: Olha, nós temos muitos pais assim que são bem presentes e isso a gente percebe que influencia muito no rendimento. Esses pais que são presentes, esses pais que acompanham a aprendizagem dos filhos, os filhos dão o retorno. Você pode pegar a ficha deles que verificará um bom rendimento, eles apresentam melhores resultados. Agora, a dificuldade maior é com aqueles alunos que apresentam problemas de disciplina ou mesmo da própria aprendizagem e que agente tenta entrar em contato com a família e não tem o devido retorno. Chama os pais e eles não comparecem. Aí, fica bem difícil de gente conseguir reverter.

ENTREVISTADORA: E a maioria dos pais quando são chamados comparecem?

LUCIANA: Geralmente, eles comparecem. Mas existem aqueles que não... que são justamente aqueles que os filhos mais precisam de acompanhamento.

ENTREVISTADORA: E os pais participam dos Conselhos de ciclo?

LUCIANA: Sim. Os pais participam.

ENTREVISTADORA: Agora, falaremos sobre ciclos de aprendizagem. Você lembra quando começou o processo de organização da escola e das turmas por ciclo?

LUCIANA: Lembro, porque eu iniciei já nessa loucura do ciclo, não é? Eu não vivenciei o momento anterior. Já entrei com essa mudança...

ENTREVISTADORA: (risos) Você participou desse processo? Qual sua participação?

LUCIANA: Olha, quando eu fiz o concurso, eu já li alguma coisa sobre ciclo, não é? Porque o próprio concurso, ele já pedia é... leituras sobre isso. Então, o conhecimento do concurso era o conhecimento que eu tinha sobre o processo, por ter estudado. Então, eu cheguei em uma escola que estava sendo ciclada, mas que não tinha, segundo a própria escola, não tinha aquele embasamento teórico da SEMEC. Tipo assim, a escola ciclou e pronto!

ENTREVISTADORA: Por decreto?

LUCIANA: É... Mas não teve assim grandes discussões, quer dizer, a escola teve que fazer as grandes discussões, mas, assim, no momento em que ela foi ciclada, ela não estava preparada para tal.

ENTREVISTADORA: E aí?

LUCIANA: Bem, ela foi ciclada e na medida do possível a escola foi se ajustando, não é? *A priori*, a escola foi realizando discussões, fazendo estudo, de textos, estudos teóricos sobre o ciclo e se adaptando como podia porque, por exemplo, a escola estava toda ciclada, mas o número de alunos continuou o mesmo, a arrumação das salas continuou a mesma, é... tudo era igual no seriado.

ENTREVISTADORA: Tudo era igual?

LUCIANA: Sim, tudo era igual. O que mudou? A avaliação, que não podia ser só prova, não é? Mudou a avaliação, mas a forma de ensino e de aprendizagem, nem todos tinham aquela percepção do que era diferente.

ENTREVISTADORA: Você considera o sistema de organização escolar em ciclos uma boa opção para superar a dificuldade de aprendizagem dos alunos das escolas públicas?

LUCIANA: Olha, eu só acho válida é... (dúvida) essa concepção de aprendizagem do ciclo, se realmente houver uma boa estrutura. Que estrutura o PPA pode dar

com as condições atuais que tem? O Programa de Apoio Pedagógico deveria ocorrer em horário inverso, eu não acredito que isso possa surtir efeito no próprio horário de sala de aula. Eu acho complicado, o professor em sala de aula trabalhar essa dificuldade. Eu acho que o aluno teria que ter um acompanhamento em horário inverso para combater suas dificuldades. Porque se não, vai dar na mesma. O professor assim não tem condições. Na sala de aula tem muita demanda, muita carência. Por exemplo, nós temos alunos que... que são bons, temos alunos que são regulares e temos alunos que estão como insuficientes, que precisam muito de atenção. Se o professor se volta para aqueles alunos que estão ali precisando mais de atenção, os outros como ficam? Ficam esperando, não é? E acabam também...

ENTREVISTADORA: Desestimulando?

LUCIANA: Se desestimulando ou deixando de progredir em função daqueles que precisam. Então, eu acho que tinha que ter uma estrutura melhor. Não que ela seja ruim... a proposta de ciclo. Mas ela precisa ter uma estrutura melhor para realmente responder à expectativa do ciclo.

ENTREVISTADORA: Você acredita que o sistema de ciclo pode ajudar a diminuir a exclusão escolar?

LUCIANA: Sim. Pode.

ENTREVISTADORA: Por quê?

LUCIANA: Ela pode. Primeiro, porque na proposta do ciclo, o aluno é olhado não só no aspecto do domínio do conteúdo, mas das diversas habilidades. Às vezes, o aluno é bom em artes, é ruim em uma outra matéria, entendeu? Eu acho, assim, que no ciclo o aluno ele... é mais valorizado, ele tem condições de ser avaliado de uma forma melhor, por mais aspectos. E aí quando você avalia é... (reflete) bem nessa condição de olhar mais habilidades, mais competências, você tem condições de errar menos. Por que a avaliação, ela é muito complicada, não é? No sentido de você dar essa oportunidade para o aluno de ele te mostrar vários aspectos daquilo que ele sabe, da aprendizagem dele. Eu acho muito melhor. Ao mesmo tempo em que você também estimula esse aluno a superar algumas dificuldades em relação, por exemplo, é... à timidez, à expressão, como na universidade, a gente enfrenta muitos problemas assim, que a gente não estava acostumado a lidar com o trabalho de grupo, de expor lá na frente. Eu acho que o ciclo, ele possibilita muito isso também para o aluno.

LUCIANA: É porque é assim, não é só a questão do ciclo, não é? Mas do ensino e da aprendizagem, isso tudo é um conjunto. É a estrutura física, é a proposta pedagógica, é o corpo de professores.

ENTREVISTADORA: Quais aspectos você destacaria como relevantes e positivos para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos nos ciclos?

LUCIANA: Positivo e relevante, é que no ciclo o aluno é olhado por todos os ângulos, vários aspectos, não é? E aí ele tem condições de se revelar de várias formas. Assim, se ele não é bom em uma determinada disciplina, ou não tem

habilidades em alguma coisa, mas ele vai ter condições de mostrar essa habilidade em outro momento, está entendendo?

ENTREVISTADORA: Ok. E os negativos? Quais são as coisas que você considera negativas, que têm atrapalhado o trabalho pedagógico com os alunos nos ciclos?

LUCIANA: O que eu acho de negativo no aluno, é que muitas vezes ele, por entender que ele também é avaliado por vários aspectos, como participação, frequência, trabalho de grupo, acaba que alguns alunos ficam... (reflete) são irresponsáveis em relação a sua aprendizagem. A aprendizagem em relação ao aluno não é só por esses vários aspectos que eu coloquei. Mas assim, porque eles sabem que a perspectiva do ciclo é não reter. Se ele sabe que a perspectiva do ciclo é não reter, acaba que alguns não assumem como deveriam assumir seus estudos. Eles devem pensar “pôxa, mas se eu vou passar de qualquer jeito, então eu não vou me esforçar”, tem uns que pensam assim. Esse aspecto que eu acho assim de negativo no ciclo, que eu tenho percebido no ciclo.

ENTREVISTADORA: Na escola, existe ou já existiu estímulo ao professor para realizar suas práticas pedagógicas dentro de algum enfoque metodológico que favoreça essa aprendizagem no ciclo?

LUCIANA: Olha, existe muito pouco, não é? O que existe são aquelas informações que a própria SEMEC oferece para escola, mas são tão esporádicas.

ENTREVISTADORA: mas a Rede continua oferecendo?

LUCIANA: Pensando bem, deu uma parada, sabias? Antes eram precárias e agora são quase inexistentes. Principalmente, de 5ª à 8ª série. Porque, o que é que a gente percebe na SEMEC? Uma preocupação muito grande com a questão da escrita e leitura, que realmente tem que ter, mas assim as formações elas são pensadas em nível de 1ª à 4ª série, ou ciclo I e II.

ENTREVISTADORA: I e II?

LUCIANA: Quando chega no III e IV ciclo, a própria SEMEC não tem assim uma equipe, um programa de formação para esses professores.

ENTREVISTADORA: E o que faz a escola para assegurar as realizações de práticas pedagógicas dentro do modelo de ciclo? Como é que vocês trabalham isso na escola (risos) para continuar o processo de ciclo?

LUCIANA: Na realidade, nós até nos acostumamos, não é? Porque a escola ciclou, não tem como voltar atrás. O ciclo é... depende também da quem está no momento ocupando aquele cargo lá na Secretaria, na Educação, que chega e que diz “olha, a partir de agora mudou. Não é mais ciclo, vai ser outra coisa”. Tem de dar estímulo, manter vivo. Então, ela depende muito do...poder político, não é? Mas, a atual secretária que assumiu até agora também não modificou em nada e a escola já vem trabalhando e continua tudo igual.

ENTREVISTADORA: Certo. A Equipe Pedagógica, no caso, a Coordenação, fornece algum tipo de apoio para o desenvolvimento positivo do trabalho docente?

LUCIANA: Olha, a equipe pedagógica é... (pensa) deveria fornecer mais aos professores nos momentos da hora pedagógica. Acontece que a demanda da escola é... é tão grande, de aluno, de pai, de material, de funcionário que falta, de tanta coisa, que a gente acaba não tendo tempo para esse acompanhamento. Inclusive, nós deveríamos ter tempo também para a gente. Para estudarmos. Assim poderíamos dar um melhor suporte para os professores. Nós teríamos que ter esse suporte teórico. Então, eu não posso dar aquilo que eu não tenho, não é? E pela própria dinâmica, já tivemos assim alguns momentos de formação coletiva na escola, mas atualmente não temos mais. Já tivemos sim. Para dar esse suporte para os professores também depende muito de como está a escola naquele dia. Tem dia que é tranquilo, tem dia que não, e aí, geralmente, isso vai levando e sempre escapa alguma coisa. Até porque os próprios professores também não gostam muito de que os técnicos estejam lá dizendo para eles “olha, vamos fazer tal coisa, vamos ler esse texto aqui, vamos discutir”. Enfim ...

ENTREVISTADORA: Mas os professores reclamam por não ter esse tempo de formação?

LUCIANA: Não. Podem até reclamar por não ter, mas não que ficam assim “olha, a gente esta querendo que vocês trabalhem tal tema ou façam tal coisa.”

ENTREVISTADORA: É, realmente eu tenho percebido isso. Vocês trabalham muito aqui, não é? .

LUCIANA: Sim. Aí, às vezes, a gente organiza HP, aí, está tudo planejado tipo: “olha, essa semana a gente vai fazer estudo de tal texto, semana que vem a gente vai fazer”, e não acontece.

ENTREVISTADORA: Não acontece? Vocês não têm como fazer um acompanhamento?

LUCIANA: Não, um acompanhamento da HP, a gente até tem. A gente tem um livro organizado da HP. Mas, assim, um professor vira para ti e diz assim “eu não vou fazer isso, eu vou fazer outra coisa. Olha, hoje eu quero corrigir prova e vou corrigir”, entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi.

LUCIANA: E não... aí, quer dizer, não dá.

ENTREVISTADORA: A convivência estimula o trabalho cooperativo, a troca de experiência entre os pares e a reflexão sobre a própria prática? Se sim, dê exemplo de situações em que isso aconteça.

LUCIANA: Olha, nós... tivemos esse ano no planejamento, nós dividimos o planejamento por área de conhecimento, e... e, aí, nós percebemos o quanto isso é

importante. Do próprio professor, da própria escola estar colocando sua experiência. Por quê? Porque, muitas vezes, há experiências significativas que a gente nem sabe que existe. Os próprios professores da mesma área não tinham o conhecimento de que aquele professor, colega dele, fazia aquilo.

ENTREVISTADORA: Um trabalho interessante. Tipo uma socialização das práticas?

LUCIANA: É. Eu acho que a gente precisa fazer mais isso. A gente faz pouco. Nós temos ideias de um ou outro professor que faz e que a gente comenta, elogia. Mas também há o inverso. Há professores que até comentam “ah, aquele ali quer aparecer”. Infelizmente, há também isso.

ENTREVISTADORA: Ciúme mesmo, não é? (risos)

LUCIANA: (risos) É.

ENTREVISTADORA: A Rede Municipal ou escola costuma promover curso de formação continuada para os professores e técnicos? E nos últimos anos, tem promovido?

LUCIANA: Pouquinho.

ENTREVISTADORA: Pouquinho... Você participou do último quando?

LUCIANA: No ano passado. É... a SEMEC, ela tem aquele programa ECOAR, que é um programa de formação. Então, eu participei desse programa. E dos quatro cursos.

ENTREVISTADORA: Dos quatro módulos?

LUCIANA: Dos quatro módulos do curso.

ENTREVISTADORA: Atualmente, você se sente trabalhando em uma escola organizada por ciclos? Você acha que está mantido o sistema de ciclos?

LUCIANA: Sim, está mantido.

ENTREVISTADORA: Está mais próximo daquilo que deveria ser ou muito longe daquilo que deveria...

LUCIANA: Mais ou menos.

ENTREVISTADORA: (risos)

LUCIANA: (risos) A gente já conseguiu algumas coisas. Por exemplo, diminuir o número de alunos por turma, nós já conseguimos.

ENTREVISTADORA: Conseguiram?

LUCIANA: Um pouquinho.

ENTREVISTADORA: Vocês trabalhavam mais ou menos com quantos antes e com quantos agora?

LUCIANA: Ah, eram 38, 40. A SEMEC estipula 38 alunos, mas a escola definiu 35. São 35 alunos.

ENTREVISTADORA: Até porque as salas aqui são muito pequenas.

LUCIANA: São pequenas.

ENTREVISTADORA: A gente percebe essa dificuldade. Se você fosse secretário ou secretária de educação de municípios de Belém, você manteria o sistema de ciclos ou retornaria ai seriado?

LUCIANA: Não, eu manteria. Manteria com aquela estrutura, dando mais apoio á estrutura física, não é? E de apoio pedagógico a esse aluno em horário inverso.

ENTREVISTADORA: Certo. E como vocês lidam com as avaliações dos professores? Existem orientações pedagógicas ou curriculares de avaliação que devem ser respeitadas e postas em prática pelos professores? Vocês dão um norte assim ou não dá? Eles trabalham livremente?

LUCIANA: Não. O que eles seguem é a orientação geral da escola, não é? De avaliar todos os aspectos do aluno. Desde a participação, desde a frequência, desde os trabalho que tem variado, trabalhos em grupos, trabalho individual, é... a criatividade, domínio de conteúdo. Todos esses aspectos a gente coloca assim de um modo geral enquanto escola, os alunos sabem disso, os pais sabem disso e eles também sabem disso.

ENTREVISTADORA: Eles levam em consideração?

LUCIANA: Eles levam em consideração. Agora, assim, a avaliação, ela é muito do professor. Tem professor que valoriza...

ENTREVISTADORA: Alguns aspectos...

LUCIANA: É uns em detrimento de outros. Isso daí é difícil.

ENTREVISTADORA: Os professores são avaliados por seu trabalho? Por sua prática? Como os professores são avaliados? Com base em que critérios essas avaliações são feitas?

LUCIANA: Olha, nós tínhamos no Conselho de ciclo, nós fazíamos até um tempo atrás, nós tínhamos um instrumento avaliativo de toda a escola. Não só dos alunos, mas dos professores, dos técnicos, dos funcionários, e... hoje, nós não temos mais. E eu não sei se porque gerava muita polêmica, acabou que nós fomos deixando mais de lado, não me lembro, não me recordo também o motivo, o porquê isso parou. Mas existia muito. E... a gente levava muito a sério essa

questão da avaliação no Conselho de ciclo, porque a gente entendia que o Conselho de ciclo era o momento para avaliação. E não só dos alunos, para todos os professores da escola. Mas o que é que acontecia? Quando um pai, timidamente, falava alguma coisa, fazia avaliação de alguma coisa da escola e principalmente de professores, aí logo os professores, eles se armavam. Entendeu? E ali você acaba coibindo, você acaba é... cortando a participação. Aquela avaliação que o pai estava fazendo. Daí, um outro pai queria fazer, já não tinha mais coragem. Porque, o professor ele tem esse domínio da fala, não é? Do discurso. E... eu percebo assim que não é muito bem vista não a avaliação que os pais fazem nos conselhos. A realização dos Conselhos quando alguns pais falam alguma coisa, logo, alguém... não pega aquilo como uma sugestão, como... sei lá, como algo que precisa para ele refletir, que precisa ser melhorado, eu não vejo muito assim a reflexão do professor quando um pai de aluno faz uma avaliação, ela não é muito bem aceita, não. Eu percebo que não.

ENTREVISTADORA: Quando vocês têm dificuldade com um professor, em relação a faltar muito, relacionamento tenso com alunos, etc, não tem um instrumento de avaliação desse professor? Como é que vocês fazem para lidar com ele? Quem chama atenção? Qual é o mecanismo?

LUCIANA: Olha, a nossa Direção. Porque assim, quando acontece isso é... imediato. O aluno procura a Coordenação e coloca determinada situação. A Coordenação observa, chama o professor, conversa com o professor, quando não tem jeito a gente passa para o Diretor da escola. Casos extremos no Conselho escolar. Mas o aluno, ele reclama.

ENTREVISTADORA: Ele reclama?

LUCIANA: Reclama. E quando pai vem aqui, ele reclama também, coloca para Coordenação. Nós temos muitos pais que não são mais aqueles pais que aceitam tudo.

ENTREVISTADORA: Está mudando o perfil?

LUCIANA: Está mudando. Ele já tem um certo esclarecimento e já vem aqui questionar algumas coisas. Por exemplo, prova “professora, como é que pode? Eu vim aqui ver essa avaliação, olha aqui a avaliação do meu filho, meia folha de papel, tudo de marcar. Isso aqui é uma prova? Não tem nem data, não tem nem nome do professor”. São questões pertinentes? Agora, vai chegar com o professor e vai colocar isso?

ENTREVISTADORA: Não dá para fazer?

LUCIANA: Não, claro que a gente vai fazer. Dá, dá, mas aí, o professor, ele não aceita.

ENTREVISTADORA: Ele precisa aceitar. É a questão da autoavaliação dos professores ainda é complicada, não é?

LUCIANA: É sim.

ENTREVISTADORA: E de um modo geral, você diria que a sua relação com os professores é uma relação boa, é uma relação razoável, é uma relação excelente?

LUCIANA: Não, é boa. Apesar dessas questões, é boa.

ENTREVISTADORA: Gostaria de agradecer muitíssimo pela contribuição com nosso trabalho. Também pedimos desculpas por ter atrapalhado um pouco sua rotina (risos) hoje. Obrigada de todo coração por ter nos atendido.

LUCIANA: Tudo bem. Foi um prazer poder ajudar.

APÊNDICE D - Entrevista 4

Esta entrevista faz parte de uma das etapas da coleta de informações de “Um estudo da prática pedagógica de professores de matemática do IV ciclo da Rede Municipal de Belém, de responsabilidade da pesquisadora Maria de Lourdes Santos Melo, professora da Universidade do Estado do Pará. Foi realizada no dia 23 de novembro de 2009, em uma das salas de aula da escola, com uma das gestoras da escola Beta que ocupa ao cargo de Coordenadora Pedagógica. Por questões éticas a pedagoga terá sua verdadeira identidade preservada sendo-lhe atribuído o nome de Sandra.

ENTREVISTADORA: Qual é a sua idade?

SANDRA: 41.

ENTREVISTADORA: Você fez sua graduação onde?

SANDRA: Na Universidade do Estado do Pará, UEPA.

ENTREVISTADORA: Qual curso?

SANDRA: Pedagogia.

ENTREVISTADORA: Em que ano você concluiu?

SANDRA: Em 94.

ENTREVISTADORA: Você fez curso de pós-graduação?

SANDRA: Fiz. Fiz... um na área de Educação e outro na área de Marketing II ?

ENTREVISTADORA: Mas como graduação ou como pós-graduação?

SANDRA: Pós.

SANDRA: Gestão Escolar. E um outro, na área de empresa, era Gestão de Marketing.

ENTREVISTADORA: Ok. Vamos para o segundo eixo da nossa entrevista, o que trata da sua trajetória profissional. Atualmente, qual a sua função?

SANDRA: É justamente na área administrativa. Eu estou na função, no cargo de administrador escolar e a gente faz uma assessoria junto com o gestor, apoia nos projetos, nas atividades administrativas e mais nas questões burocráticas, dando suporte aos projetos pedagógicos também.

ENTREVISTADORA: Ok. Antes dessa nova gestão você dirigiu esta escola por quanto tempo?

SANDRA: Foram apenas dois anos. Foi um ano de transição, assim, entre uma gestão e outra, entende?

ENTREVISTADORA: Sim.

ENTREVISTADORA: Você se identifica com a atividade que exerce?

SANDRA: Sim, sim. Eu gosto de estar assim nos bastidores... (risos)

ENTREVISTADORA: (risos)

SANDRA: Estar dando suporte para as coisas acontecerem, acompanhando detalhes, entende? Ajudando para que a coisa saia certinha. Dando um suporte maior.

ENTREVISTADORA: Você exerce outra função na educação além de gestora?

ENTREVISTADORA: Não.

ENTREVISTADORA: Você trabalha somente aqui na Escola Beta?

SANDRA: Só. Eu gosto muito da escola e do clima de trabalho que reina entre nós.

ENTREVISTADORA: Há quantos anos você trabalha na gestão educacional?

SANDRA: Desde 2000. Há 09 anos no caso.

ENTREVISTADORA: E na Rede Municipal?

SANDRA: Também, o mesmo período. Eu saí da iniciativa privada quando eu passei no concurso de 2000, aí eu vim para cá e... me centrei mais nessa área mesmo.

ENTREVISTADORA: Quais as principais razões que levaram você a optar pelo trabalho na gestão?

SANDRA: Bem, foi mais a formação mesmo. Porque desde a época da faculdade eu já fiz aquela habilitação em administração escolar. E como eu te falei, gosto de trabalhar assim em áreas que dão suporte, dando apoio há vários projetos porque nessa posição, nesse cargo, a gente acompanha assim vários projetos da escola e isso dá uma visão bem ampla da escola e você é capaz de fazer um pouquinho de cada coisa. É isso que eu gosto de fazer.

ENTREVISTADORA: É... e quais são seus planos ligados a vida profissional para os próximos anos ?

SANDRA: Bom, eu penso assim em aperfeiçoar mais a parte teórica fazendo um curso, talvez mestrado... um curso assim mais avançado e inclusive já tentei na UEPA dois anos a seleção. Teve um ano que eu fui até classificada na prova, no

projeto, mas fui mal na entrevista. E aí eu fiquei meio traumatizada nesse ano sabe? Foi em 2007 se eu não me engano... foi! Eu fiquei meio traumatizada porque eu cheguei na porta e fui barrada... (risos), “agora eu vou dar um tempo”, aí não fui mais... 2008, 2009, não tentei mais. Estou assim dando um tempo para poder me inspirar e voltar de novo e começar o mestrado. Tem uma coisa que eu muito me identifico é a área de educação especial. Eu também penso ainda em atuar nessa área. Inclusive, estou fazendo um curso de braile, aquele que eu te falei. Eu tenho me identificado muito em função da minha própria realidade... acho que eu já otimizei um pouco da questão especial na minha vida, eu tive que pedir ajuda pela minha condição de visão. Acho que é por isso que eu tenho assim uma queda por esta área, entende? (Sandra tem baixa visão)

ENTREVISTADORA: E em relação ao seu trabalho como gestora, atualmente você está: muito satisfeita, insatisfeita, nem satisfeita nem insatisfeita, ou muito satisfeita? Assim como gestora?

SANDRA: Eu estou bem... (hesita). Eu diria satisfeita. É, satisfeita. Assim, isso em termos de... (dúvida) do que a Secretaria oferece para nós, não é? Em termos do raio de atuação que a gente pode atuar eu diria assim que... satisfeita... mas, eu já sonhei mais alto... Só que a gente esbarra com a realidade e no cotidiano, às vezes, as coisas não são tão promissoras.

ENTREVISTADORA: Hum... (aguardando a coordenadora concluir).

SANDRA: Você aos poucos vai perdendo a confiança, a esperança... mas na medida do nosso raio de atuação, que é a escola, eu diria que... estou satisfeita porque eu me considero, assim, eu tenho um bom relacionamento com a comunidade, com os funcionários, com o diretor, o próprio gestor atual, a gente faz uma parceria boa. Hoje em dia, eu me considero assim numa posição até confortável na escola.

ENTREVISTADORA: Que bom. Mas, na sua opinião, quais são os três fatores que seriam fundamentais para a valorização do gestor escolar?

SANDRA: Hum... em primeiro lugar, um pouco mais de autonomia. Com relação à Secretaria, é como eu te falei ainda há pouco, às vezes, a gente quer fazer as coisas e ainda é impedido por questões burocráticas, por regras. E aí? Isso decepciona um pouco a gente. Outra questão é a própria aplicação de recursos também que, às vezes, a gente quer fazer de um jeito e por normas e diretrizes a gente fica meio emperrado. Nós sentimos que a escola em muitos momentos precisa de uma atenção maior por parte da mantenedora.

ENTREVISTADORA: E relacionado à valorização de vocês, o que está faltando?

SANDRA: Não falta muito não, a não ser melhorias salariais.

ENTREVISTADORA: Hum... (esperando a coordenadora concluir)

SANDRA: Eu acho que o salário não é tão tentador assim. E também é preciso acreditar um pouco mais assim na formação. Principalmente na área da gestão em

si, da formação específica em... tem que investir na formação dos gestores. Olha, eu já atuo há nove anos, mas nunca fiz, pela Secretaria, nem um curso voltado para nossa área de gestão.

ENTREVISTADORA: Hum-hum. (concordando)

SANDRA: Ou seja, formação específica na área de administração, gestão, eu acho que a Secretaria deixa um pouco a desejar. E a questão da formação profissional em serviço, não é? Isso que os professores tanto reclamam e... se for olhar bem na questão da gestão ainda é pior do que a formação dos docentes, pois eles ainda têm alguns incentivos. Mas na gestão em si, no caso do administrador da SEMEC, por exemplo, o cargo que eu ocupo hoje não tem nenhum incentivo que você possa identificar... não tem nenhum um programa ou projeto pessoal de formação. A gente faz mais por amor, por se identificar com a escola, com a comunidade, com a profissão, mas, na verdade, vai levando o trabalho como dá para fazer...

ENTREVISTADORA: É mesmo? Mas vocês não têm, assim, encontros, reuniões com troca de experiências, motivações da coordenadoria?

SANDRA: Nada, nada...

ENTREVISTADORA: Complicado, não é? Olha só, professora, agora vamos entrar em um novo eixo. A liderança profissional. A sua atuação e liderança na escola ligada com o todo, com os professores, com os funcionários, com os alunos, certo? Então, como você costuma agir para que as tarefas do dia a dia escolar sejam realizadas?

SANDRA: Olha, assim... (reflete), na verdade, essa postura é muito pessoal também, não é? Porque, na verdade, eu tenho uma linha assim de que eu gosto de ir na base da conquista. Com as pessoas. Eu vou com jeitinho, com conversa... (risos)

ENTREVISTADORA: (risos)

SANDRA: É... então, eu não sou muito da postura autoritária de estar fazendo valer sempre a autoridade na frente. Às vezes, acontece que tem gente que considera até uma falha, minha entende? “Não, porque você deveria se impor mais como autoridade, como superior numa hierarquia...” Só que eu não uso muito esse recurso, eu deixo ele só para os últimos momentos, as últimas necessidades (risos). Eu lido mais na base da conquista, da confiança, da consideração. Eu acho que para lidar com os outros é só saber levar...

ENTREVISTADORA: Então, você caracteriza o seu estilo administrativo assim mais democrático?

SANDRA: É, mais no caso da troca. Exatamente. Da troca de colocar a situação e ser clara. De estar sempre trazendo a pessoa, a consciência dela, a sensibilização dela, a necessidade de fazer aquele trabalho, aquele projeto, não é? Pelo bem da escola, nesse sentido.

ENTREVISTADORA: Convencimento?

SANDRA: É, convencimento (risos).

ENTREVISTADORA: (risos). Professora, cite três objetivos a serem atingidos pela sua escola ou pelo menos pelo no seu turno que você considera fundamentais para a melhoria da Escola Beta.

SANDRA: O primeiro seria, assim..., o comprometimento maior por parte dos professores, com o ensino e aprendizagem dos alunos. Planejar e realmente executar as atividades ao longo do ano letivo. Porque nós temos alguns projetos voltados para a área da aprendizagem. Acho que é necessário trabalhar mais com aquela vontade de fazer o aluno aprender. O segundo seria a questão da avaliação. Dinamizar... (reflete) ou, na verdade, qualificar melhor os instrumentos de avaliação, definir melhor... como os alunos serão avaliados.

ENTREVISTADORA: Hum-hum. (concordando)

SANDRA: Entendeu? E o 3º seria relacionado à preservação do ambiente, até passando pela questão da violência, no combate à violência escolar, também.

ENTREVISTADORA: Hum-hum. (concordando)

SANDRA: Fundamental isso.

ENTREVISTADORA: Em se tratando de liderança profissional, na sua opinião, quais as características chave que um líder deve ter?

SANDRA: Não entendi?

ENTREVISTADORA: Três coisas que um líder profissional precisa desenvolver.

SANDRA: Hum (pensa). Tem que conhecer bem as pessoas com quem trabalha e o seu raio de atuação. Acho fundamental conhecer o grupo, a dinâmica do grupo, não é? O funcionamento do grupo, a motivação. O líder tem que estar motivando as pessoas, como eu falei ainda agora, tem que estar sempre é... energizando o grupo, as equipes de trabalho, porque se não, sozinho...ele não vai muito longe. Então, tem de estar sempre com essa tarefa de motivador, incentivador das pessoas no sentido dos trabalhos que estão acontecendo e dos projetos que irão acontecer, mas isso tudo não é fácil não. Temos sempre que mirar o foco aonde queremos chegar e não perder isso de vista.

ENTREVISTADORA: Vamos agora para o segundo. Objetivos e visões partilhadas, ainda enquanto liderança. Certo?

SANDRA: Hum, hum. (concordando)

ENTREVISTADORA: Você considera que os membros da equipe de técnicos gestores de sua escola possuem um consenso a respeito dos objetivos e valores da escola?

SANDRA: Não entendi...

ENTREVISTADORA: Você acha que há um desejo comum entre os membros da equipe no sentido de melhorias da escola? Há um consenso de trabalho e objetivos entre as equipes?

SANDRA: Eu diria que sim. É... agora nem sempre a gente consegue, tipo assim, motivar todo mundo como a gente gostaria às vezes, entende? Mas na questão de ter os objetivos para a escola sempre em mente e buscar aquele objetivo, eu digo que sim.

ENTREVISTADORA: Dê exemplos de como vocês colocam isso em prática. Como esse grupo coloca isso em prática?

SANDRA: A gente tem sempre que desenvolver alguma atividade, por exemplo, nós temos um projeto maior assim, a gente observa as pessoas que realmente se engajam, no projeto.

ENTREVISTADORA: Hum, hum.

SANDRA: Foi como um projeto que a gente teve agora recente do “Dia da Leitura”. Um outro projeto da “Feira-Cultural” que aconteceu em no dia 05 de novembro de 2009. Há necessidade do trabalho de muitas pessoas. E então são nesses momentos de culminância assim que a gente observa quem realmente se encarrega das ações, se dedica às atividades, dando o melhor de si. Quem vai atrás de recursos, às vezes, entra até com recursos próprios, acontece muito em escola pública isso, não é? Tem professor que traz o som da casa dele, que traz o balão, que traz o fio, que busca o que está faltando... ou seja, que agiliza mesmo. Um exemplo é a professora Salomé, ainda agora, levou de volta para casa aquele compressor para encher balão que ela trouxe em função de uma atividade da escola. Nós não temos um compressor daquele e ela foi lá e buscou, quer dizer, aquela dinâmica de organização para ver a coisa acontecer bonito. Isso é envolvimento.

ENTREVISTADORA: Há colaboração entre os membros da equipe de gestão de maneira consistente e colaborativa?

SANDRA: Nem sempre, quer dizer, a equipe é coesa, assim. Não posso dizer que todo mundo colabora o máximo que pode. Infelizmente não é assim. Mas isso não é privilégio da Escola Beta.

ENTREVISTADORA: Hum, hum. Certo. Mas é consistente?

SANDRA: Consistente, assim... das pessoas que se engajam, sim. Só que sempre tem aquelas que ficam meio...

ENTREVISTADORA: Mais devagar...

SANDRA: Meio com o pé atrás.

ENTREVISTADORA: (risos) As tomadas de decisão ocorrem de forma participativa?

SANDRA: Na medida do possível. Nem sempre. Às vezes, tem situações que a gente não pode esperar e tem que tomar a iniciativa sozinha. No dia a dia, tem coisas que são urgentes e nós temos que decidir, às vezes, não dá para reunir toda a escola para fazer a socialização do problema e ouvir as opiniões. Mas, quando é possível, trabalhamos com as representações dos grupos. Trabalhamos muito com a opinião do conselho escolar, onde tem representantes das várias categorias. Tem que decidir as coisas, não é? Um recurso que a gente usa muito é Conselho Escolar que nos ajuda bastante nas decisões maiores da escola.

ENTREVISTADORA: Ok. Essas perguntas aqui você pode dizer sim ou não.

SANDRA: Hum, ok.

ENTREVISTADORA: Se não entender eu repito de novo. Você diria que entre o grupo de técnico/gestores de sua escola há uma unidade de propósitos? Assim... vocês vislumbram as metas que querem alcançar?

SANDRA: Unidade, unidade, não.

ENTREVISTADORA: Você considera que há uma prática consistente e contínua de trabalho entre os gestores?

SANDRA: Consistente sim, não é? Contidamente dizendo... (hesitação).

ENTREVISTADORA: É... consistente. Por exemplo, é assim, com continuidade nas ações que o grupo está sempre fazendo.

SANDRA: Certo...

ENTREVISTADORA: Existe uma consistência no trabalho...

SANDRA: Sim, sim.

ENTREVISTADORA: Há uma participação institucional? Assim... uma participação da instituição como um todo, todos os segmentos em relação ao objetivo da instituição.

SANDRA: Nem tanto. Ela é assim meio... segmentada. Às vezes sim, às vezes não...

ENTREVISTADORA: E colaboração?... Entre os grupos, entre os parceiros? Há um sistema forte de colaboração?

SANDRA: Aqui... é sim.

ENTREVISTADORA: Hum.

SANDRA: Claro. É aquela questão, sabendo mobilizar, não é? Indo com jeitinho, busca daqui, busca dali...

ENTREVISTADORA: Na conquista (risos).

SANDRA: Na conquista (risos).

ENTREVISTADORA: Ok. Vamos para um outro eixo, para um ambiente de aprendizagem, certo?

SANDRA: Sim.

ENTREVISTADORA: Você considera que na escola existe um ambiente ordenado de trabalho?... ou seja, um ambiente apropriado para ensinar e o aluno aprender?

SANDRA: Hum, hum. Sim. Diria que sim no todo, agora, precisando sempre de ajustes. Porque existe entre a gente questão estrutural, como nós já colocamos. E isso interfere bastante. Às vezes, a gente quer fazer certas atividades e não tem assim um ambiente totalmente apropriado. Aí, nós vamos improvisando, como, por exemplo, uma sala de vídeo. A que nós utilizamos ainda não é aquela sala ideal.

ENTREVISTADORA: Hum, entendo.

SANDRA: Mas a gente vai ajustando. Usamos o auditório, aí, busca um equipamento que vai ser utilizado e por aí vai

ENTREVISTADORA: É mais por condições materiais mesmo...

SANDRA: Que estruturais, é...

ENTREVISTADORA: Você considera que a escola possui um ambiente de trabalho atraente para os alunos e os professores? Por quê?

SANDRA: Considero. Considero inclusive que há um indicativo, não é? Um indicador disso que a gente vem verificando há longos anos é a questão da demanda, a procura da comunidade, dos alunos com relação à escola. Porque olha, hoje nós temos ainda quatro períodos letivos quando na rede a maioria das escolas tem somente os três turnos. E aqui nessa escola até o início desse ano, eu participei da matrícula como diretora, foi necessário fazer senha para atender as pessoas, ainda tem gente que nos procura e não consegue ser matriculado.

ENTREVISTADORA: O que você acha que atrai essa clientela?

SANDRA: Isso é o resultado do trabalho conjunto. Um conjunto de situações e do esforço que nós fazemos para ter uma boa imagem para a comunidade. Isso, com certeza. Cada um faz um pouquinho daqui, outro dali. No geral, a gente entende que a comunidade percebe a Escola Beta como uma escola boa para colocar seus filhos.

ENTREVISTADORA: Certo. Então vamos para o quarto eixo da entrevista, certo?

SANDRA: Hum, hum. (concordando)

ENTREVISTADORA: Concentração no ensino e na aprendizagem. Você considera que existe uma preocupação da maioria dos professores com a utilização máxima do tempo para o processo de ensino-aprendizagem dos assuntos? Há uma ênfase acadêmica?

SANDRA: Me explica melhor.

ENTREVISTADORA: Assim, o professor ele está preocupado em usar bem o tempo destinado às aulas?

SANDRA: Sobre o tempo disponível para aprendizagem?

ENTREVISTADORA: Sim.

SANDRA: Nem sempre, nem sempre. Infelizmente, tem... uma série de situações, problemas pessoais e até de valorização. São várias interveniências que nem sempre o professor está lá com a garra toda, nem sempre. Não vou ser hipócrita de dizer que todo mundo usa bem o tempo disponível para aprendizagem, não é? E isso em função de várias situações, às vezes, o professor deixa um pouco a desejar mesmo nessa questão da utilização do tempo.

ENTREVISTADORA: Mas, então, são sempre os mesmos ou isso varia, vai variando de acordo com a situação.

SANDRA: Varia, varia sim.

ENTREVISTADORA: Então, essa ênfase acadêmica, essa preocupação de que o menino aprenda mesmo, você não sente isso muito forte?

SANDRA: Não. Muito não.

ENTREVISTADORA: De um modo geral, você diria que a equipe técnica e o corpo docente tem como foco principal o melhor desempenho dos alunos?

SANDRA: Hum? (dúvidas).

ENTREVISTADORA: Vocês como equipe técnica estão focados, ou seja, preocupados com o desempenho dos alunos?

SANDRA: Sim.

ENTREVISTADORA: Ou há outros problemas que consomem mais vocês que essa questão?

SANDRA: Não, não. A gente se preocupa. Apesar de que é uma extensa preocupação. É como eu falei ainda há pouquinho, sobre intervenientes que acontecem no dia a dia. Essa preocupação de fazer valer, essa preocupação de atingir aquele objetivo, o desejo de ver o menino se desenvolvendo bem. Mas a preocupação em si ela existe, de querer uma melhor aprendizagem para eles.

ENTREVISTADORA: Agora, falaremos de ensino e objetivos claros. Você considera que na escola existem condições favoráveis para um bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem?

SANDRA: Hum... (hesitação). Sim

ENTREVISTADORA: Por quê?

SANDRA: Sim, porque, assim, em termos de materiais didáticos, a gente não é uma das escolas piores, não é? Porque nós temos alguns recursos. Nós temos recursos auditivos, visuais, temos uma biblioteca com um acervo muito grande, temos assim a equipe técnica montada, a gente tem... (hesitação), em termos de estrutura, digamos que a gente tem um quadro bom.

ENTREVISTADORA: Então, você considera um quadro bom para o ensino e aprendizagem?

SANDRA: Sim. Um quadro bem... digamos assim, encaminhado, formado, estruturado para dar essas condições. Apesar de que, como eu já coloquei, outras situações sempre interferem para as execuções em si dessa tarefa.

ENTREVISTADORA: Vocês têm sala de recurso e laboratório de informática?

SANDRA: Temos.

ENTREVISTADORA: Esses espaços são utilizados pelos professores e pelos alunos?

SANDRA: São um pouco utilizados, mas ainda poderiam ser melhores dinamizados, acredito, mais otimizados, melhor dizendo.

ENTREVISTADORA: Hum... não entendi.

SANDRA: É porque, na verdade, o laboratório existe. Só que ele não tem uma estrutura tão boa para atender as demandas de alunos. Na sala, só tem dez computadores e nós temos uma demanda de mais de 1.200 alunos. Aí, temos que fazer assim um rodízio com as turmas, não é? A gente não atende uma turma inteira por vez, tem de ser metade da turma, e mesmo assim ainda ficam dois alunos em cada computador, entendeu? A gente ainda tem que fazer algumas adaptações.

ENTREVISTADORA: Eu sei. Você que conhece bem os professores, considera as aulas ministradas pela maioria deles bem estruturadas ou pouco estruturadas?

SANDRA: Hum, hum (reflete).

ENTREVISTADORA: (aguardando resposta).

SANDRA: Eu acho que eles poderiam estruturar melhor. Poderiam ser mais...

ENTREVISTADORA: Você considera que o ensino ministrado na escola é adaptado a realidade dos alunos?

SANDRA: Sim, em linhas gerais, sim.

ENTREVISTADORA: Você considera que a escola e a SEMEC têm desenvolvido ações para a melhoria do desempenho da Escola Beta na Prova Brasil?

SANDRA: Hum, hum... (dúvida), se eu vejo algumas iniciativa da SEMEC? Eles têm demonstrado uma preocupação maior agora esse ano do que do ano passado para cá. Foi feita inclusive uma formação para os professores do primeiro ciclo – C0 II e no segundo ciclo C0II. Nesse sentido de ficar preparando os alunos, acho que está melhorando, está dando foco maior no desenvolvimento dos alunos para a Prova Brasil, principalmente nas séries iniciais.

ENTREVISTADORA: Ok.

SANDRA: Tem uma ação da Secretaria, com relação a essa avaliação. Fez até um projeto, um simulado foi feito...

ENTREVISTADORA: Para os pequeninos?

SANDRA: Foi. Os de C-2. O C-4 que não, é o 5º ano.

ENTREVISTADORA: Ok. Vamos para outro bloco sobre altas expectativas.

SANDRA: Certo.

ENTREVISTADORA: Sabemos que a credibilidade no potencial de aprendizagem do aluno é uma característica que deve ser cultivada e incentivada nas relações aluno/aluno, alunos/pais e, sobretudo, na relação aluno/professor. Como você analisa essa questão aqui na escola? Por exemplo, você acha que existe essa alta expectativa em que os professores expressam essa expectativa no sentido de acreditar que o aluno é capaz de ir longe, que ele é capaz de ser bem sucedido?

SANDRA: Hum, hum... (refletindo).

ENTREVISTADORA: De superar as dificuldades, como por exemplo, que ele vai conseguir cursar o Ensino Médio?

SANDRA: Bem... é assim... (dúvida).

ENTREVISTADORA: Ou os professores não costumam motivar muito os alunos, não trabalham com essa questão?

SANDRA: Acho que isso é relativo. Depende do profissional. Mas, eu diria que sim para uma parte dos professores. Infelizmente, no geral, a maioria... eu acho que... a gente não vê muito essa preocupação, não se pensa muito nisso. Essa crença assim no potencial do aluno e dar esse suporte, eu acho que ainda não. Incentivar o aluno, dar condições até. Ajudar que é o nosso papel enquanto educador, mas eu propriamente não consigo perceber muito não.

ENTREVISTADORA: Você acha que o corpo técnico e os professores acreditam que os alunos são capazes de superar suas limitações socioculturais?

SANDRA: Se eu acho que acreditam? Ou se não é capaz?

ENTREVISTADORA: Se você acredita que os alunos são capazes de superar suas limitações socioculturais?... Nós como técnicos, nós como professores...

SANDRA: Sim. Acho que sim. Acreditar eu acredito, porém a gente não consegue manifestar, não conseguimos repassar isso para os alunos. Tipo assim...

ENTREVISTADORA: Não consegue demonstrar?

SANDRA: É... demonstrar e incentivar, não é?

ENTREVISTADORA: Hum, hum. Você considera que os professores e pais têm grandes expectativas em relação aos seus alunos e filhos?

SANDRA: Não. Infelizmente, não.

ENTREVISTADORA: É... a escola, professores, equipe pedagógica costuma divulgar os bons resultados alcançados pelos alunos? Em atividades ou eventos?

SANDRA: Só em projetos que têm algumas culminâncias, assim, em eventos culturais é que acontece mais isso. Premiações, a gente sempre busca o que é possível fazer. Nós tentamos reajustar isso. Agora, tem incentivado mais, de uns dois anos para cá, três anos pra cá. Nesse sentido de estar realmente buscando resgatar essa questão da premiação, da motivação.

ENTREVISTADORA: Ok.

SANDRA: Como agora, por exemplo, no dia do estudante, nós fizemos premiações, assim, no sentido de recompensar os alunos, premiando mesmo que com lembrancinhas. Para isso, foi preciso fazer um esforço coletivo com o grupo, coleta com os professores, com o corpo técnico, cada um doava uma lembrancinha e nós fizemos uma atividade que era, assim, para premiar os alunos. Premiar aqueles alunos que se destacaram em algo, tipo melhor desempenho do aluno, melhor desempenho na sala naquele bimestre, o melhor aluno que mais participa na sala de leitura, o aluno que se destacou no laboratório de informática,

a gente fez uma premiação agora em agosto. Esse já é o segundo ano que nós estamos fazendo. Está dando um resultado bem legal.

ENTREVISTADORA: Muito bom. São desenvolvidas na escola atividades que estimulem a participação dos alunos em desafios intelectuais?

SANDRA: Nós temos a Feira da Cultura e também, como eu já lhe falei, a gente coloca muito essa questão assim da gincana. Também fizemos uma gincana, isso tem incentivado os alunos.

ENTREVISTADORA: Também os simulados?

SANDRA: Sim. Simulados, fizemos o simulado.

ENTREVISTADORA: E aí vocês divulgam os resultados para os discentes? Isso é incentivo positivo e esse é o próximo eixo.

SANDRA: Hum, hum.

ENTREVISTADORA: Você considera que existe uma disciplina clara e justa na escola? Por quê?

SANDRA: Não. Não muito.

ENTREVISTADORA: Por quê?

SANDRA: Porque a gente pode aprimorar mais. Você está perguntando em relação aos professores ou aos alunos?

ENTREVISTADORA: Podemos falar primeiro em relação aos alunos, mas depois podemos saber dos professores.

SANDRA: Está certo.

ENTREVISTADORA: Vamos começar pelos alunos.

SANDRA: (pensando).

ENTREVISTADORA: Uma disciplina clara e justa. Tomada de decisões. Às vezes, tem que chamar atenção do aluno por algo, coisas desse tipo. Pode envolver situações administrativas.

SANDRA: Ok. Nós estamos, na medida do possível, assim, quando algum deles sai da linha, não é? Comete uma indisciplina, a nossa ação é geralmente assim: a gente chama o aluno para conversar, chama a família, os pais ou responsáveis, e em alguns casos, quando se excede um pouquinho mais na questão da violência, do mal trato com o colega, da falta de respeito com o professor ou com algum funcionário, a gente tem que tomar aquela medida comum antiga nossa de dar uma suspensãozinha de dois, três dias e, às vezes, até mais, tipo uma semana. Mas, evitamos o máximo a questão da expulsão, da transferência. Mas, em alguns

casos acontece. Por exemplo, esses anos nós já tivemos que... encaminhar dois alunos. A gente até entra em acordo com eles ajudando a encontrar outra escola para que ele não fique sem estudar. A gente faz um pacto com outros colegas gestores de outras escolas, tenta arranjar vaga, de forma que o aluno não fique sem estudar, entende?

ENTREVISTADORA: Que tipo de situação leva você a pedir que o aluno saia da escola?

SANDRA: Questão de ameaça, que, às vezes, acontece. Ameaça a colegas, ou questão de depredação da escola, quando os problemas são em níveis assim maiores. E... mas, o problema maior é mesmo a questão da violência, não é? E, às vezes, quando eles faltam com o respeito aos colegas e aos funcionários, aos professores.

ENTREVISTADORA: Mas, aqui na Escola Beta temos problemas sérios em relação a isso? Já aconteceu algum problema de violência contra professor assim, do aluno querer bater ou ameaçar de morte o professor?

SANDRA: Já, já. É assim esporádico, mas já aconteceu. Há mais ou menos dois anos atrás aconteceu um caso de um aluno da noite que jogou uma cadeira na professora de geografia. E era aluno maior. Já outras vezes ocorreram situações assim de agressões verbais. Palavrões dirigidos a alguns professores e falta de respeito no geral.

ENTREVISTADORA: E problema com droga?

SANDRA: Olha, assim, muito claramente, não. Mas sabemos que existem os alunos usuários e os alunos que nós suspeitamos... como os lá no 4º turno que são os adolescentes maiores. Também, tem atitudes suspeitas de alunos assim que vêm muito com mochila para a escola, às vezes, vêm, entende? Nós vemos que eles estão nos locais mais ermos da escola, tem um grupinho reunido, a gente vai lá tenta dispersar, sente alguma coisa. Nós não temos uma política assim de investigar, de agredir, de ir a fundo. É complicado invadir a privacidade do aluno. Aí, a gente já evita um pouco. Mas nós fazemos com que eles percebam que estamos vigilantes. Colocamos todos os funcionários da sala de apoio para ficar de olho, é um modo de evitar ao máximo que esses alunos fiquem por aí usando ou vendendo essas coisas. Até a merenda do turno da noite é servida logo na entrada do turno. Isso porque antigamente o lanche era servido no meio do turno. Então, o horário da merenda que deveria ser de 15 minutos acabava ficando em 20, 25 ou mais, e nessa hora eles dispersavam muito lá para os locais mais escurinhos, mais ermos. Então, agora a gente evita esse tempo maior de convivência e por isso oferecemos o lanche no início do turno. Com o lanche servido na entrada o aluno vai logo para a sala de aula e fica lá até o final do horário. Assim, a gente evita que eles fiquem fazendo besteira.

ENTREVISTADORA: Hum... o tempo organizando de acordo com as situações de poder melhorar?

SANDRA: Isso.

ENTREVISTADORA: Existe algum tipo de organização estudantil na escola?

SANDRA: Ainda não. Nós temos representante de turma. Mas agora nós estamos com uma iniciativa recente. Solicitamos um projeto envolvendo uma professora para pensarmos a organização de um grêmio estudantil. Essa professora coordena um grêmio estudantil em uma escola estadual e nós pedimos que trouxesse essa experiência de lá para cá, para nos ajudar a formar uma organização dessa aqui. Esperamos que dê certo em 2010.

ENTREVISTADORA: Existe algum tipo de organização docente na escola?

SANDRA: Não, não. Só a questão do Conselho Escolar mesmo.

ENTREVISTADORA: Funciona bem o Conselho, professora?

SANDRA: Olha, eu te diria que sim. Esse ano nós evoluímos bastante e estamos decidindo tanto questões relacionadas com o pedagógico, quanto com o administrativo. Mas muito mais com as questões administrativas, estruturais que com as pedagógicas. Mas assim... nós também já tivemos ações em cima de questões pedagógicas. Outro dia, tivemos que intervir em um caso de uma professora que estava se negando a entregar os documentos dos alunos. Ela entrou de licença-prêmio e depois não queria voltar à escola para preencher as fichas-síntese, e aí a gente levou o problema para o Conselho e conseguimos resolver.

ENTREVISTADORA: Existe algum tipo de organização dos pais na escola?

SANDRA: Não. A participação dos pais também é no Conselho Escolar. Eventualmente, está sendo feita uma reunião com os pais, mas, assim... só deles mesmo, não.

ENTREVISTADORA: Ok. Professora, há um retorno para os alunos sobre solicitações ou decisões que os envolva?

SANDRA: Há sim, os alunos reivindicaram uma mesa de *ping-pong* lá para a área, certo? E aí o Conselho decide se pode atender ou não.

ENTREVISTADORA: Alguém comunica as decisões, conversa com os alunos? Há um *feedback* sobre o que eles solicitam dizendo o que é possível e o que não é e porque?

SANDRA: Sim, a gente tem essa preocupação e muito. Geralmente, vai um técnico. Assim, às vezes, vai o representante de turma, não é? Os alunos muitas vezes vão nos procurar reivindicando o concerto de algum ventilador que está quebrado. Ou o quadro que está “assim e assado”, ou o barulho que está perturbando, ou alunos que se juntam em grupinho para atrapalhar as aulas, ou coisa assim. Então ou eu ou a orientadora procuramos tentar resolver. Nós investigamos e quando é possível resolvemos. Eu, particularmente, procuro sempre dar o retorno. Se a gente conseguiu encaminhar, se não conseguiu a gente volta, diz para eles que não conseguiu (risos). Se conseguiu, vai lá e ainda é melhor.

ENTREVISTADORA: Ok. Outro eixo. Monitoramento do progresso. Para sabermos se uma escola já atingiu ou está atingindo níveis de eficácia, há necessidade de que os vários setores da escola sejam acompanhados e monitorados.

SANDRA: Hum (refletindo).

ENTREVISTADORA: Isso inclui: progresso dos alunos, da sala de aula, da escola em seu todo e também dos programas destinados ao melhoramento da unidade escolar. Então, é isso que seria o progresso.

SANDRA: Hum (pensando).

ENTREVISTADORA: Você considera que existe um trabalho de monitoramento do desempenho escolar dos alunos na escola?

SANDRA: Monitoramento... é, tem um instrumento. Que a gente trabalha nesse sentido, que é o nosso Conselho de Ciclo. Na verdade, como nós trabalhamos num projeto de ciclo, de aprendizagem, temos um instrumento que consideramos eficaz. A cada trimestre, a gente reúne a Coordenação Pedagógica, reúne com os professores para avaliar individualmente cada aluno. Nós temos esse instrumento que nos ajuda nesse sentido.

ENTREVISTADORA: Ok. Como e por quem é feito o trabalho de avaliação do desempenho da escola?

SANDRA: Da escola como um todo, não. Nesse caso, aí é somente pela equipe de administração, coordenação, no início de ano. Geralmente, aliás, minto... (pausa), a cada final de semestre, a gente costuma fazer uma avaliação do que desenvolveu naquele semestre, geralmente, em junho e início de ano a gente também faz. Coloca na agenda pedagógica e nós deixamos assim um dia que é só avaliação do ano anterior, do semestre anterior, pontos positivos, pontos negativos, pontos fortes, pontos fracos, aonde nós podemos melhorar.

ENTREVISTADORA: Ok. Professora, você considera o percentual de retenção dos alunos nos ciclos alto ou baixo e por quê?

SANDRA: Dos ciclos?

ENTREVISTADORA: A retenção.

SANDRA: Hum, hum (concordando). Olha, eu considero ainda um pouco alto em função de que justamente a metodologia do ciclo é que a gente possa dar as melhores condições para os alunos avançarem em seus estudos.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: É... percebo (refletindo), acho que a retenção atinge um patamar de mais de 20% em algumas séries, em algumas turmas, então eu acho assim que ainda é alto.

ENTREVISTADORA: Ok. Quais os fatores considerados no processo de avaliação dos alunos nas disciplinas? Assim, na sua percepção como gestora, o que é que os professores mais consideram relevante na avaliação dos alunos?

SANDRA: É a questão do conteúdo.

ENTREVISTADORA: A escola costuma atribuir pontos para a participação em festas, desfile, gincana? E o que você pensa disso?

SANDRA: Sim, nós atribuímos, agora, a gente tem assim... tem encontrado alguma resistência por parte de alguns professores, como aconteceu nesse ano agora. É bem recente, nós fizemos uma gincana e atribuímos pontuação como um incentivo, entende? Tivemos o desfile escolar e o simulado. Nesse terceiro bimestre, nós fizemos essas atividades extras que contaram como avaliação do bimestre. Mas, nós encontramos algumas resistências por parte de alguns professores no sentido de estar acatando o encaminhamento que demos com relação à gincana e ao desfile da escola... quer dizer, eles achavam que... muitos achavam que não tinha que atribuir ponto para as atividades. Principalmente, o desfile e que participar dessa atividade não deveria valer como avaliação. Nesse ponto, nós encontramos resistência de muitos professores.

ENTREVISTADORA: Foi?

SANDRA: Foi. Mas, sabe o que eu acho também? Eu acho que a gente precisa sim estar incentivando. Até porque são atividades extraclasse, como o próprio nome diz, e nem sempre a família tem essa compreensão de que aquilo está contribuindo para o desenvolvimento geral do aluno. E a gente sabe, enquanto educador, que contribui, sim.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: É o sociocultural do aluno. Você sabe que no desfile da semana da pátria, por exemplo, tem essa coisa de incentivar o patriotismo, tem a questão da disciplina que também envolve a participação coletiva, do trabalhar em equipe, não é? Tudo isso é importante...

ENTREVISTADORA: Também representar a escola?

SANDRA: Representação da escola, a imagem da escola. Então, tem todo um coletivo e uma... como é que se diz? Agora me fugiu a palavra... Ai meu Jesus! Tem toda uma movimentação maior. Não é o desfile pelo desfile. Não somente como pensam alguns professores, os alunos “vão só passear lá na avenida”, não é?

ENTREVISTADORA: Tem um simbolismo maior.

SANDRA: Tem um simbolismo maior. Tem um simbolismo pedagógico e educativo também nisso.

ENTREVISTADORA: Direitos e responsabilidade do aluno. A gente vai falar um pouquinho sobre isso.

SANDRA: Oh.

ENTREVISTADORA: É... um ganho substancial quando a autoestima dos alunos é elevada, quando ele tem um papel ativo na vida da escola e quando é dada a eles uma parte da responsabilidade por sua própria aprendizagem. Hoje isso é muito importante.

SANDRA: Sim.

ENTREVISTADORA: Então, em relação a isso, na escola são desenvolvidas ações para aumentar a autoestima do aluno? Se sim, quais são essas ações?

DIRE TORA B: O envolvimento e participação em projetos também entram?

ENTREVISTADORA: Hum, hum. A autoestima. Projetos, atividades, que melhoram a autoestima do aluno, que trabalhem a questão da responsabilidade, do aluno estar envolvido com a própria escola, para fazerem a instituição melhorar, para promoverem o crescimento dele e da escola?

SANDRA: Hum, hum. Culturalmente, a gente tem sim, mas olha o que acontece? Nós da coordenação já tínhamos um projeto para a escola em si e nele nós sempre buscamos a participação dos alunos, entende? Mas, é muito assim na base do voluntariado também. Mas, um projeto realmente voltado para a autoestima dos alunos não temos, o que nós fazemos nos projetos em geral é buscar a ajuda dos alunos e eles têm participado geralmente.

ENTREVISTADORA: Ok. É... como você avalia as posições de responsabilidade dos alunos em relação a sua própria aprendizagem?

SANDRA: Hum, hum. Eu avalio que eles ainda não têm aquela consciência... No Ensino Fundamental, nem tanto. Com relação ao aluno, eu percebo que ele precisa ainda de certa orientação, nesse sentido da responsabilidade, do empenho dele nas avaliações, nas aprendizagens dos conteúdos. Eles precisam porque são de uma faixa etária que ainda não tem amadurecido nessa questão da responsabilidade.

ENTREVISTADORA: Precisa melhorar muito ainda?

SANDRA: Precisa, eles precisam assim desse cuidado, por parte de todos nós, não é?

ENTREVISTADORA: Com certeza.

SANDRA: Tem de ser nós, os técnicos, os professores. Se a gente largar um pouquinho de mão... não estar nem aí mesmo, aí, as coisas pioram.

ENTREVISTADORA: Você considera que há um monitoramento ou controle dos trabalhos dos alunos aqui na escola por parte dos professores ou por parte da própria equipe técnica?

SANDRA: Sim, dos professores mais especificamente. Porque eles quando passam atividade, projeto, trabalho, pesquisa, eles costumam cobrar.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, a maioria dos alunos é interessada nas atividades da escola?

SANDRA: Sim.

ENTREVISTADORA: A maioria é? E sobre a parceria casa-escola? De um modo geral, como você analisa o envolvimento dos pais na aprendizagem dos filhos aqui na Escola?

SANDRA: Hum... (reflete). Essa é uma das situações que a gente percebe que dificulta a aprendizagem do aluno também. É... acho que em função da questão social, não é? Da... da faixa de renda em que a maioria dessas pessoas se encontra. Nossa clientela é composta por pessoas de baixa renda. A gente percebe, são pessoas que não tiveram também uma educação mais avançada, então, a gente percebe que muitos ainda não dão aquela importância ou aquela atenção que o aluno precisa. Muitos não dão e relegam essa função para a escola. É a escola sozinha com a responsabilidade do ensino.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: Até em função de não terem essa consciência, não é? Ou é essa... digamos, habilidade, capacidade, responsabilidade na educação do seu filho. Muitos não sabem nem por onde vai mesmo, então... É também questão social mesmo, às vezes, os pais não têm tempo nem hábito de ajudar os filhos com tarefas escolares. Nem tempo nem condições de dar esse apoio na educação do filho. A escola precisa, mas a maioria dos pais não pode dar.

ENTREVISTADORA: Quando eles são chamados à escola, eles vêm?

SANDRA: Digamos... que a maioria sim. Mas, assim, a maioria vem quando a gente puxa mesmo a orelha, quando manda bilhetinho, eles vêm, mas tem uma boa parte... sei lá, uns 40, 50% que não participa mesmo.

ENTREVISTADORA: Professora, a equipe pedagógica da escola reúne quantas pessoas?

SANDRA: Equipe técnica?

ENTREVISTADORA: Sim.

SANDRA: Nós somos seis técnicos apenas. Eu digo que ainda é pouco para uma escola de médio porte.

ENTREVISTADORA: Manhã, tarde e noite?

SANDRA: É. Manhã... porque são quatro turnos.

ENTREVISTADORA: Ah, quatro turnos?

SANDRA: É. Você disse só três. São quatro turnos. São dois supervisores, dois orientadores e dois administradores.

ENTREVISTADORA: Tem psicólogo?

SANDRA: Não.

ENTREVISTADORA: Não tem psicólogo? E na Rede Municipal tem?

SANDRA: Não, eles não mandam para a escola.

ENTREVISTADORA: Estranho, não é?

SANDRA: É estranho. E é a gente que faz o papel mesmo. Nós fazemos o papel de delegado, de psicólogo e outras coisas mais.

ENTREVISTADORA: E o corpo docente? Quantos professores são ao todo?

SANDRA: No total são aproximadamente 54, 56... varia assim. Nós temos em torno de seis a oito prestadores de serviços. Mas são aqueles professores que estão substituindo alguém por causa de licença, de afastamento. São em torno de 55 professores.

ENTREVISTADORA: Professora, nós já estamos terminando. Agora nós vamos falar um pouquinho sobre ciclos e, aí, encerramos a entrevista, certo?

SANDRA: Está.

ENTREVISTADORA: Você lembra quando começou o processo de organização da escola e das turmas por ciclo?

SANDRA: Se não me engano foi em 98 ou 99 (reflete bastante). Foi isso, porque eu cheguei na escola em 2000, no ano de 2000, e a escola estava com um ano e um pouquinho de... não, minto, foi em 98 mesmo. Acho que foi em 98, é... Já tinha dois anos de prática de ciclo.

ENTREVISTADORA: Você participou desse processo? Como?

SANDRA: Não, eu cheguei no meio do processo. Assim, eu cheguei já tinha iniciado, aí, eu fui me engajando. A gente participou assim, tentando entender e estudando. Primeiro estudando a proposta, buscando conhecer um pouco da metodologia que era uma coisa nova na época, entende? Estudamos, participamos de encontros de formação feitos pela SEMEC. Foi na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues inclusive. Foi nessa gestão que foram oferecidas várias formações,

curso e saiu até publicações sobre a Escola Cabana. Sobre o sistema de ciclos, nós temos... aí, a nossa iniciativa foi tentar nos apropriarmos, da filosofia em si, da metodologia, e depois também repassar, isso na medida do possível nas reuniões, trazendo, mostrando, pedindo apoio da Secretaria, suporte em termos de maior operacionalização, de ficha-síntese, de estar executando isso no dia a dia da escola. Foi assim um processo meio doloroso inclusive, enfrentamos resistências que muitas perduram até hoje...

ENTREVISTADORA: Resistência por parte dos professores?

SANDRA: Sim.

SANDRA: A maioria. Por parte dos professores, mas também dos pais. Quando chegavam naquela questão da avaliação das mudanças em relação a notas e provas, a coisa complicava.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: Então, isso foi um choque tanto para os professores quanto para as famílias. Muitos chegavam e diziam que “não, eu quero assim, eu não aceito!” Tivemos depoimento de pais, mães, dizendo “não, eu quero que o senhor continue aplicando prova para o meu filho que eu quero ver a nota, eu quero acompanhar pela nota”. Então, na cabeça dos pais tem muito aquele parâmetro da nota. E como de repente isso mudava... aí, eles achavam que a escola estava muito diferente.

ENTREVISTADORA: Você considera o sistema de organização escolar em ciclos uma boa opção para superara as dificuldades de aprendizagem dos alunos das escolas públicas? Se sim, por quê?

SANDRA: Hum... (pensando).

ENTREVISTADORA: Você viveu quase todo esse processo, não foi?

SANDRA: Sim.

ENTREVISTADORA: Você viveu a implementação, a Escola Cabana e está vivendo hoje... e daí?

SANDRA: Olha, eu percebo assim... (hesitação) é... como eu posso dizer?... na verdade, a filosofia dos ciclos é excelente. Só que as condições que são oferecidas para o funcionamento não são as ideais, primeiro, porque ainda temos problema da quantidade de alunos por turma, eu acho que continua exagerada. Por exemplo, aqui na Escola Beta, no início do ano, a gente chega a colocar 40 alunos em sala no mínimo. À noite, nós colocamos até 45. Nós estamos trabalhando com totalidade à noite, que é a mesma filosofia do ciclo, entende? Já vamos para o 3º ano em 2010.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: Então, como trabalhar bem, conhecer os alunos com turmas de 35 a 40 alunos? Sem contar que a maioria dos professores ainda precisa trabalhar em três, quatro, cinco escolas, não é? Com dez, vinte, trinta turmas. É incrível, mas, tem professor que vive assim. Professor que trabalha com disciplina com carga-horária pequena. Aí, como ele é obrigado a trabalhar com muitas turmas e em várias escolas fica difícil fazer um bom trabalho no sentido de dedicação no processo de avaliação da aprendizagem dos alunos que deveria acontecer de forma individual, tipo aluno por aluno, indo e voltando na questão do desenvolvimento do aluno como pede o sistema de ciclos. Você precisa acompanhar individualmente a aprendizagem do aluno e está todo tempo revendo, não é? Ver o que está faltando, o que o aluno aprendeu, ir buscando alternativas junto com ele, sempre tentando melhorar. No meu entender, o professor não tem conseguido colocar em prática realmente a filosofia do ciclo. Não tem mesmo.

ENTREVISTADORA: Ok.

SANDRA: Então, o que eu vejo hoje é uma miscelânea, uma mistura do que seria o sistema de ciclo com o tradicionalismo.

ENTREVISTADORA: É assim que você acha que está hoje?

SANDRA: É. Eu acho que está bem misturado.

ENTREVISTADORA: Você acredita que o sistema de ciclo pode ajudar a diminuir a exclusão é... escolar? Por quê?

SANDRA: Sim. Na proposta do projeto ajudaria sim. Na essência. Porque por causa da ideia de que devemos dar uma atenção maior para o aluno. Então se realmente você der uma atenção maior para o aluno ele se sentirá mais protegido, mais cuidado, e nesse sentido dele poderá vir a demonstrar um potencial maior de desempenho, de desenvolvimento, então nesse sentido o ciclo ia ajudar muito, não é verdade? O aluno ia permanecer mais tempo na escola, ia se descobrir mais, ia se desenvolver mais...

ENTREVISTADORA: Isso era o que deveria ser, mas não está sendo?

SANDRA: Não.

ENTREVISTADORA: Ok. Você considera o sistema de organização escolar em ciclos uma boa opção para superar as dificuldades de aprendizagem?

SANDRA: Sim. Na metodologia em que ele foi concebido, sim.

ENTREVISTADORA: Que elementos têm favorecido ou não a sua adaptação como coordenadora pedagógica, em uma escola ciclada?

SANDRA: Um apoio positivo que nós recebemos é em relação à possibilidade que temos de avaliar os alunos por outros aspectos. Porque no ciclo a gente não avalia só o conteúdo. A ideia é de não se avaliar apenas e unicamente o conteúdo e sim a questão da disciplina, do desenvolvimento integral do aluno. Muitas

vezes, o aluno não é bem compreendido por partes dos professores. Eu vejo alguns que dizem assim “ah, porque agora a gente tem que considerar que o aluno é... se ele vem para aula, seu comportamento, se ele é bem ou mal comportado”. “Comportamento agora tem que valer nota?”, tem muitos professores que ainda tem esse discurso.

ENTREVISTADORA: Hum (aquiescendo).

SANDRA: Então, muitas questões vão para o Conselho de Ciclo. O Conselho dá essa abertura de nós, coordenação, gestão, podermos participar também, dar opinião. Então, nesse sentido a gente sente uma capacidade maior de estar interagindo, de estar buscando melhorias. Até pelo conhecimento que nós também temos sobre os alunos. Às vezes, em sala de aula a gente tem um contato com o aluno, nós percebemos o aluno que é mais agitado, mais levado, que participa da escola, que tem um problema maior. Nesse sentido, a gente tem avançado muito.

ENTREVISTADORA: Ok. Quais aspectos você destacaria como relevantes e positivos para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no sistema de ciclo?

SANDRA: São esses que eu acabei de falar, não é? A questão da avaliação, de ela agregar não apenas o conteúdo.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: E sim questões de comportamento, até, como eles falam, da disciplina. De interesse, de pesquisas. Basta. O principal para mim é esse. É de que a avaliação, ela descentralizou. Ela não ficou mais vinculada apenas a uma prova escrita, estanque ali, que cada questãozinha vale uma pontuação e pronto e acabou. Eu acho que a maior relevância é essa, o professor poder estar avaliando o aluno em aspectos mais abrangentes.

ENTREVISTADORA: Sei. Você falou dos aspectos positivos, agora é o contrário. Que aspectos você destacaria como entraves ou negativos para o trabalho pedagógico com os alunos no sistema de ciclo? Quais são as dificuldades do nosso professor trabalhar no ciclo?

SANDRA: Uma delas que a gente percebe assim bem claramente é a falta de entendimento da comunidade e até do aluno sobre a metodologia do ciclo. Porque a princípio, o que aconteceu? O aluno também assimilou assim: “ah, agora não preciso mais estudar porque a nota não vale, não é só a nota que faz passar, então basta eu ir para a aula”. De repente, começou a circular essa ideia sobre o ciclo. Basta ir à escola e frequentar a sala de aula diariamente que o aluno já tem o progresso dele garantido. Isso eu vejo como um ponto negativo.

ENTREVISTADORA: Entendo.

SANDRA: Eu acho que foi disseminada essa ideia de que basta ele vir para aula todo dia, por mais que ele não preste atenção na aula, que não estude em casa, que não leia, que não se esforce ele avançará de ciclo.

ENTREVISTADORA: Ok. O que faz a escola para assegurar a realização de práticas pedagógicas dentro do modelo de ciclo? Vocês, como gestores, o que conseguem fazer para assegurar que esse modelo continue funcionando?

SANDRA: Olha, uma das questões é a gente oferecer assim... dar recursos para o professor trabalhar dentro de sala de aula. Outra forma é essa questão de estar disponibilizando outros instrumentos avaliativos. Como esses que eu coloquei ainda agora, instrumentos também de eventos culturais, de está oferecendo, sugerindo outras oportunidades para os alunos e professores. Que ele avalie o aluno de outras formas, com outros instrumentos deixando as amarras das provas.

ENTREVISTADORA: Eles conseguem trabalhar bem com as questões dos projetos?

SANDRA: nós temos certas dificuldades, nós temos que estar engajando todo mundo. Mas..ainda não é tão fácil.

ENTREVISTADORA: Não é por que são vocês quem mais pensa os projetos para eles executarem?

SANDRA: Se a gente não tivesse promovendo, cobrando sugerindo, não sai muita coisa. Partindo deles somente, não. E eles cobram mesmo, ainda é aquela hierarquia.

ENTREVISTADORA: Hum, hum (concordando).

SANDRA: Eles acham que é obrigação da coordenação pensar e chegar e só oferecer, colocar como opção.

ENTREVISTADORA: A equipe pedagógica, coordenação, direção ou outros, fornece algum tipo de apoio para o desenvolvimento positivo do docente?

SANDRA: A gente entende que sim.

ENTREVISTADORA: (risos)

SANDRA: (risos) A gente vem para a escola achando que colabora... pelo menos tentando desenvolver algumas ações.

ENTREVISTADORA: Quais? Quais os tipos de ações vocês desenvolvem?

SANDRA: Às vezes, sugerir conteúdos, às vezes, a gente sugere projetos, sugere também estudos. Nós buscamos na *internet*, tentamos auxiliar da melhor forma possível os professores em suas ações didáticas.

ENTREVISTADORA: Eles aceitam, assim, essas ajudas?

SANDRA: Aceitam, mas nem sempre implementam, entende? Nem sempre põem em prática o que aprendem. Às vezes, nós reunimos... enfim, nós fazemos o possível.

ENTREVISTADORA: A Coordenação estimula o trabalho cooperativo, a troca de experiências entre os pares e a reflexão sobre a própria prática? Se sim, dê algum exemplo. Como é que vocês fazem?

SANDRA: Sim. Inclusive a SEMEC disponibilizou agora também um outro espaço, muito rico, na minha opinião, que é a hora pedagógica. Já há algum tempo os professores tem esse espaço, desde o início da expansão dos ciclos com a Escola Cabana no governo do Edmilson.

ENTREVISTADORA: Isso foi mais ou menos há quanto tempo?

SANDRA: Há mais de 10 anos. *A HP foi criada para* foi criada a HP. Pensada para colaborar com o aperfeiçoamento dos professores. A filosofia da Escola Cabana era para se trabalhar a HP com os pares. Tentar reunir os professores das disciplinas afins e aproveitar aquele momento para formação, planejar, realização de trabalhos pedagógicos. Mas, infelizmente, na prática, nós observamos que a HP não é tão bem aproveitada assim, sobretudo no sentido de estudo, da formação mesmo, entende? E não é algo que acontece somente na Escola Beta não. Eu acho que esse também é um problema em outras escolas da rede. Infelizmente, a HP não está funcionando tão bem.

ENTREVISTADORA: Ok. A Rede Municipal ou a escola costuma promover cursos de formação continuada para os professores ou técnicos nos últimos tempos?

SANDRA: Olha, ultimamente, isso acontece um pouco espaçado. Uma área que eu vejo onde têm sido ofertados cursos é a área de educação especial. Lá, eu percebo assim que tem um programa bem constante e contínuo...

ENTREVISTADORA: De formação?

SANDRA: De formação. A Rede oferece e é na base da adesão. Os professores que se interessam vão, mas muitos não procuram, não querem fazer... (risos). Mas, nos cursos sempre tem uma boa procura e quando não forma a turma, aí, abrem vagas para a comunidade em geral. Aconteceu recentemente no curso de braille. De uma turma de 35, acho que uns 10, mais ou menos, são pessoas da comunidade.

ENTREVISTADORA: Então, você já respondeu o que eu ia lhe perguntar. Qual o último curso que você participou e já disse que está sendo esse de braille. Mas como gestora você participou de algum curso promovido pela SEMEC? Ou a Rede proporcionou algum encontro entre vocês para troca de experiência, para renovação pedagógica?

SANDRA: Não. Só na questão do Conselho Escolar. Voltado para o Conselho Escolar, aconteceu assim, de vez em quando, eventualmente acontece, mas na questão da administração em si, da gestão mesmo, não.

ENTREVISTADORA: Atualmente, você sente que está trabalhando em uma escola organizada por ciclo? E por quê?

SANDRA: Às vezes, a gente até esquece um pouco... (reflete), mas, enfim, na verdade, nós ainda estamos nos acostumando assim, na prática... pelo menos como um desejo de manter ou de reascender essa filosofia do ciclo.

ENTREVISTADORA: Mas, de um modo geral, qual é a sua avaliação sobre essa questão na Rede, não só na Escola Beta? O que é que você percebe no Sistema Municipal?

SANDRA: Eu acho que está meio perdido já esse sistema de ciclo. Ele está precisando passar por uma revitalizada. Parar para refletir se nós somos ciclos ou não somos, ao final de contas? Eu acho que do jeito que está não parece mais ciclo. Pelo que eu andei investigando e conversando, quando a gente pergunta, fica sabendo que a maioria das escolas está fazendo calendário de avaliação, como se fazia antes do ciclo. Muitos professores ainda querem, porque querem ter o parâmetro da nota, da prova para poder avaliar o aluno. Então, na verdade, eu acho que na realidade está com menos cara de ciclo e mais de outra coisa.

ENTREVISTADORA: De sistema seriado?

SANDRA: Sim. Sérição.

ENTREVISTADORA: Então, me responde, se você fosse secretária de educação do Município de Belém, você manteria o sistema de ciclo ou retornaria ao sistema seriado nas escolas? Ou apresentaria outra alternativa?

SANDRA: Voltaria para o seriado, só que... (reflete) eu acho assim, se o sistema seriado funciona nas escolas particulares, porque não funcionaria na Rede Pública, não é verdade? Por que lá funciona tão bem e aqui infelizmente não? E outra coisa, eu acho que a gente poderia trabalhar o seriado com cara de ciclo. Era melhor, trabalhar a dinâmica, entende? Aproveitar aspectos como o dia a dia do aluno, acompanhar de pertinho a aprendizagem dele. Isso é bom da proposta ciclada. No seriado, quase não se faz isso, mas tem de fazer, não é? Mas, a maioria dos professores vai pela linha assim que somente o conteúdo é fundamental. Sim, o conteúdo é importante, não adianta dizer que não é, que a sociedade ainda cobra conteúdo mesmo, não é? Mas não pode ser somente isso.

ENTREVISTADORA: Estão aí as avaliações externas, como a Prova Brasil...

SANDRA: É isso mesmo. Se nós olharmos bem, tem aumentado a quantidade de provas de seleção, os testes, as empresas hoje em dia, por tudo quanto é de lugar que a gente se vira, é teste de medição de conhecimento. Querem medir conhecimento. Eu acho que já teria sim era que botar a mão na consciência, olhar o próprio aluno e pensar em tudo isso. Muitas vezes, o professor esquece que cada

cabecinha daquela é uma pessoa, um ser humano que vai ter uma vida pela frente. Que vão ter que enfrentar uma sociedade dura, muitas vezes, enfrentar a organização rígida da sociedade capitalista como é a nossa, e, muitas vezes, a gente tem se negado a cumprir o nosso papel de educador mesmo, de formador, de pelo menos fazer o que a gente pode pelo aluno.

ENTREVISTADORA: Para o aluno aprender bem a ler a escrever...

SANDRA: Sim. Aprender a ler, a escrever, se virar, saber escrever um texto, saber interpretar uma questão. Saber buscar conhecimento que eu acho que se a gente conseguir pelo menos ensinar a procurar, já está ajudando. Pesquisar, saber ler, interpretar, comparar conhecimentos, analisar, avaliar, então daí ele vai embora, ele tem chance de crescer. Enquanto a gente não ensinar a interpretar, a buscar os recursos que o aluno precisa para adquirir conhecimento, o que é que nós estamos fazendo? Ajudar o aluno a desenvolver o gosto pela leitura, pela pesquisa, que infelizmente a gente percebe que a escola pública, hoje em dia, não está cumprindo bem esse papel.

ENTREVISTADORA: Existem nessa escola orientações pedagógicas, curriculares, disciplinares, de avaliação que devem ser respeitadas e postas em prática por todos os professores?

SANDRA: Sim, no início de ano a gente sempre faz planejamento. Aquele nosso famoso plano de curso (risos), onde a supervisão cobra do professor o planejamento dele e... teoricamente (faz o movimento de aspas com os dedos), ele acompanha aquilo o ano inteiro. Agora nem sempre também é como deveria. Eu te falo sinceramente.

ENTREVISTADORA: Os professores são avaliados por seu trabalho e prática? Como os professores são avaliados em suas práticas? Com base em que critérios?

SANDRA: Não.

ENTREVISTADORA: Essa ainda é uma tarefa difícil.

SANDRA: Difícil. A avaliação que a gente faz é em nível de escola, aquilo que eu te falei, de institucional mesmo, e a gente vai vendo, como eu coloquei ainda agora, os pontos positivos e os pontos negativos do projeto de avaliação em si mesmo do docente.

ENTREVISTADORA: Do docente, não. E quando os docentes não conseguem se adequar? Por exemplo, quando acontece de um docente vir para a escola... e, aí, ele não se afina com a filosofia da escola, com as orientações pedagógicas, como é que vocês procedem?

SANDRA: É bem complicado, porque nem sempre nós temos total autonomia para resolver. Isso eu te digo por que muitas vezes a própria Secretaria não dá condições para o gestor ter autonomia nessas horas. Lourdes, te digo e te provo, já ocorreram várias situações de colegas diretoras que tiveram problemas seríssimos com professores, fizeram denúncia na Secretaria, aí, o professor foi lá, falou

horrores da direção, tipo assim, disse não disse, uma palavra contra a outra, e conheço professor que conseguiu se manter na escola que a direção tinha devolvido para Secretaria. A Secretaria, depois de várias conversas com o professor, chegou a dizer à direção “não, ele vai permanecer na escola”.

ENTREVISTADORA: Então, a própria Secretaria não tem um parâmetro de avaliação, a escola não tem, junto à Secretaria, um setor de ouvidoria?

SANDRA: Não.

ENTREVISTADORA: Assim é complicado. Está bom, professora. Eu agradeço imensamente por ter colaborado com meu trabalho. Obrigada pela sua disponibilidade e acolhida para comigo na Escola Beta (risos).

SANDRA: (risos). E eu nem sabia que ia ficar tão gostosa a conversa... mas foi um prazer ajudar.

ENTREVISTADORA: Vai demorar um pouco, mas prometo que volto à escola parar que você possa conferir a transcrição da entrevista.

SANDRA: (risos) Está certo.

APÊNDICE E - Questionário

1. Sexo: masculino (); feminino ().
2. Em que mês e ano você nasceu?
Mês..... Ano.....
- 3.Quantas pessoas moram com você?
.....
- 4.Você mora em casa: alugada ();
emprestada();própria().
5. A casa que você mora é de:
madeira (); alvenaria (); outros ();
6. A casa que você mora tem quantos quartos?
.....
7. A casa que você mora tem quantos banheiros?
.....
8. Na sua casa trabalha algum empregado (a) doméstico (a)?
Sim, e trabalha todos os dias ();
Diarista uma vez por semana ();
Não ().
9. Se você respondeu NÃO, então quem faz os trabalhos da casa?
.....
- 10.Quais equipamentos abaixo tem em sua casa:
geladeira (); televisão (); som (); DVD (); máquina de lavar roupa ();
11. Na sua casa tem computador: Sim (); Não (); Sim com internet (); Sim sem internet ();
12. Normalmente você vem para escola:
A pé (); de ônibus (); de bicicleta (); de carro (); de moto ().
13. Você mora:
Perto de sua escola (); longe de sua escola (); em outro bairro ().
Qual.....
14. Marque quem são a(s) pessoa(s) diretamente (s) responsável (eis) por você:
Mãe e pai (); somente mãe (); somente pai (); avô (); avó (); padrasto ();
madrasta (); outros
15. Seu pai ou homem que mora com você sabe ler e escrever: sim (); não ().

17. Sua mãe ou mulher que mora com você sabe ler e escrever: sim (); não ();
18. A sua mãe ou a mulher com quem você mora estudou: de 1ª à 4ª série (); de 5ª à 8ª série (); o ensino médio completo (); o ensino médio incompleto (); fez curso superior (); não estudou ().
19. O seu pai ou homem com quem você mora estudou: de 1ª à 4ª série (); de 5ª à 8ª série (); o ensino médio completo (); o ensino médio incompleto (); fez curso superior (); não estudou ().
20. Seus pais ou responsáveis por você incentivam vc. a ir às aulas e não faltar na escola: sim (); não ().
21. Seus pais ou responsáveis por você lhe incentivam a estudar: sim () não ().
22. Seus pais ou responsáveis por você vão às reuniões da escola: sim (); não (); às vezes.
23. Você gosta desta escola: sim (); não ().
24. Você acha que estuda em uma boa escola: nem um pouco (); muito pouco (); um pouco (); muito ().
25. Você estudou: sempre em escola pública (); já estudou em escola particular ().
26. Você gosta de estudar matemática: nem um pouco (); muito pouco (); um pouco (); muito ().
27. Você tem dificuldade em aprender matemática: sim (); não (); um pouco.
28. Você gosta do professor de matemática (): nem um pouco (); muito pouco (); um pouco (); muito ().
29. Você já foi reprovado ou retido em matemática: sim (); não ().
30. Quem lhe ajuda nos deveres de matemática: professor particular (); pai (); mãe (); irmão/irmã (); amigo/amiga (); outros.....
31. Você costuma estudar matemática em casa: só no período de avaliação (); só quando tem trabalho (); só no fim de semana (); todo dia (); só na véspera da prova (); nunca ().
32. Para não ficar reprovado ou retido você estuda: muito (); pouco (); muito pouco (); quase nada ().
33. Você utiliza o livro didático para estudar ou fazer deveres de matemática: sim (); não (); raramente ().
34. Você trabalha fora: sim (); não ().

.....

35. Você pretende continuar estudando? sim (); não ().

36. Em que você deseja se formar?

.....

.....

APÊNDICE F - Termo de livre consentimento esclarecido



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

Eu,

_____, brasileiro(a), RG _____, docente da disciplina Matemática da Rede Municipal de Educação de Belém declaro ter sido esclarecido sobre o projeto de pesquisa intitulado **UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO 4º CICLO DA REDE MUNICIPAL DE BELÉM**, que tem como objetivo conhecer e analisar a prática pedagógica em sala de aula de dois professores de Matemática em escolas organizadas em ciclos e que durante a produção das informações realizou observação intensiva em salas de aulas no horário de matemática e um simulado voluntário da Prova Brasil 2007 seguido de formulário sócio-cultural, aplicado aos alunos das turmas observadas no ano de 2009, desenvolvido pela pesquisadora MARIA DE LOURDES SANTOS MELO que é discente do Programa de Doutorado em Educação da PUC-RIO e docente de Universidade do Estado do Pará.

Comunico que, após ter sido informado do objetivo da pesquisa e da escolha da minha pessoa como informante do estudo, **aceitei voluntariamente conceder uma entrevista gravada a referida pesquisadora que está autorizada a utilizar trechos da mesma no relatório final da pesquisa, bem como, quando necessário, em sites e afins à linha da pesquisa com a garantia da preservação da minha identidade e da instituição.**

Belém, _____ de _____ de 2009

Nome e assinatura do/a docente.

APÊNDICE G - Termo de livre consentimento esclarecido



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

Eu,

_____, brasileiro(a), RG _____, gestor/a escolar da Rede Municipal de Educação de Belém declaro ter sido esclarecido sobre o projeto de pesquisa intitulado **UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO 4º CICLO DA REDE MUNICIPAL DE BELÉM**, que tem como objetivo conhecer e analisar a prática pedagógica em sala de aula de dois professores de Matemática em escolas organizadas em ciclos e que durante a produção das informações realizou observação intensiva em salas de aulas no horário de matemática e um simulado voluntário da Prova Brasil 2007 seguido de formulário sócio-cultural, aplicado aos alunos das turmas observadas no ano de 2009, desenvolvido pela pesquisadora MARIA DE LOURDES SANTOS MELO que é discente do Programa de Doutorado em Educação da PUC-RIO e docente de Universidade do Estado do Pará.

Comunico que, após ter sido informado do objetivo da pesquisa e da escolha da minha pessoa como informante do estudo, **aceitei voluntariamente conceder uma entrevista gravada a referida pesquisadora que está autorizada a utilizar trechos da mesma no relatório final da pesquisa, bem como, quando necessário, em sites e afins à linha da pesquisa com a garantia da preservação da minha identidade e da instituição.**

Belém, _____ de _____ de 2009.

Nome e assinatura do/a gestor/a.